

A photograph of a man with grey hair, wearing a brown suit jacket, a white shirt, a patterned tie, and blue jeans. He is standing outdoors with his arms crossed, leaning against a large, textured stone pillar. The background shows green trees and a paved path.

Silvério da Costa Oliveira

**ESTUDOS  
DE  
PSICOLOGIA  
E  
FILOSOFIA**

# Primeira orelha do livro

Este livro é uma coletânea de textos elaborados no decorrer da vida profissional do autor, sempre voltada para os temas da filosofia e da psicologia e surgiram a partir de palestras ou outras atividades docentes exercidas pelo autor.

Este livro se apresenta como uma obra de cunho psicológico e filosófico destinada a um público universitário nestas respectivas áreas, bem como a quem se interesse pelos temas aqui discutidos, como, por exemplo: a problemática da comunicação humana e sua dualidade entre verbal e não verbal, uma análise psicológica do livro “O SACI” de Monteiro Lobato, e também uma discussão de temas filosóficos, abordando respectivamente a Kant, Heidegger e Nietzsche.

## Segunda orelha do livro



Silvério da Costa Oliveira possui sua formação montada sobre três pilares: a Filosofia, a História e a Psicologia. É Doutor (UERJ) e Mestre (FGV e UFRJ) em Psicologia; Psicólogo, Bacharel em Psicologia e possui a Licenciatura Plena em Psicologia pela UGF-RJ; Bacharel em Filosofia e a Licenciatura Plena em Filosofia pela PUC-RJ; possui a licenciatura pelo MEC em História e Sociologia. Sua área de interesse profissional se encontra junto à clínica e a docência, sendo freqüente a participação como conferencista sobre os temas: Relações humanas; sucesso; sexo e sexualidade; drogas e dependência química. Também cita-se a participação em várias entrevistas na TV e no rádio, além da publicação de vários livros e artigos.

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ /Rede Sirius / Biblioteca CEH/A

O 48 Oliveira, Silvério da Costa.  
Estudos de psicologia e filosofia / Silvério da Costa  
Oliveira. 4. ed. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.  
196 p.

Bibliografia.

ISBN 978-85-907540-3-9

Disponível on-line: <<http://www.sexodrogas.psc.br>>.

1. Psicologia e Filosofia. I. Título.

CDU 159.9

International Standard Book Number – ISBN

ISBN 978-85-907540-3-9

Silvério da Costa Oliveira

**ESTUDOS  
DE  
PSICOLOGIA  
E  
FILOSOFIA**

2007

# Direitos autorais

**OLIVEIRA**, Silvério da Costa. *Estudos de psicologia e filosofia*. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. 196 p.  
Disponível em: <<http://www.sexodrogas.psc.br>>. Acesso em:

Quarta edição: 2007 - Formato e-book (livro eletrônico)

14 x 21 cm

Total de páginas: 182 (corpo) + 14 = 196

Total de 8 capítulos

Impressões: 1995; 1996; 1997; 2007.

**Copyright** © by Silvério da Costa Oliveira.

Todos os direitos reservados.

Todos os textos disponíveis neste site (inclusive este livro) são protegidos por **Registro nos Direitos Autorais** em nome do autor. É permitida a leitura, cópia e citações, desde que citada a autoria, título e fonte.

Estudos de Psicologia e Filosofia © dezembro/1995

Estudo psicológico de O Saci de M. Lobato: Uma abordagem junguiana

© junho/1988

---

---

## E-mail sobre o e-book

---

---

Livro: Estudos de psicologia e filosofia  
Autor: Silvério da Costa Oliveira.

Você está recebendo gratuitamente um exemplar de e-book (livro eletrônico) em formato PDF que pode ser aberto com o Adobe Reader 5 ou posterior (programa este gratuito na Internet). Este e-mail está livre de vírus, você pode testar com suas vacinas antes de abrir.

Queremos que este livro tenha a maior distribuição e divulgação possível pela Internet, de modo que todos que queiram possam ter um exemplar e deste modo pedimos a você que nos ajude a divulgar e distribuir o presente livro eletrônico encaminhando-o conjuntamente com este e-mail para sua lista de amigos, conhecidos e colegas da Internet. Desde já o nosso muito obrigado.

Em meu site [www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br) entrando por “artigos e entrevistas”, você encontrará uma tabela contendo vários artigos/textos de minha autoria e gratuitos sobre sexo/sexualidade, drogas/dependência, filosofia, psicologia, relações humanas; e-books, catálogos bibliográficos, fotos, etc. No meu site pode obter e ler gratuitamente os livros: "Sexo, sexualidade e sociedade"; "Reflexões filosóficas: Uma pequena introdução à filosofia";

“Estudos de psicologia e filosofia”; “Pensamentos ardentes”; “Falando sobre sexo”; “Falando sobre drogas”. E como material para pesquisa, também em meu site: “Catálogo bibliográfico sobre drogas”; “Catálogo bibliográfico sobre o sucesso”; “Catálogo bibliográfico sobre criatividade”.

Quando tiver tempo, visite as livrarias e procure meus dois mais recentes livros, também disponíveis diretamente com a editora: autor: Silvério da Costa Oliveira, “**Vencer é ser feliz: A estrada do sucesso e da felicidade**” Ano: 2002, Editora Ibrasa [www.ibrasa.com.br](http://www.ibrasa.com.br) E-mail [ibrasa@ibrasa.com.br](mailto:ibrasa@ibrasa.com.br) Tel. (0xx11) 3284.8382; “**Kant e Piaget: Inter-relação entre duas teorias do conhecimento**” 2. ed. Ano: 2004, editora Eduel [www.uel.br/editora](http://www.uel.br/editora) E-mail [eduel@uel.br](mailto:eduel@uel.br) Tel. (0xx43) 3371.4674.

#### CLÍNICA EM PSICOLOGIA E ATENDIMENTO PSICOLÓGICO – TERAPÊUTICO

(Atendimento psicológico para transtornos diversos: sexo e sexualidade; transexualismo; orgasmo, impotência, disfunções sexuais; dependência de sexo, comportamento compulsivo em relação ao sexo; Transtorno Obsessivo Compulsivo – TOC; problemas com drogas/dependência; desenvolvimento da auto-estima, persuasão, liderança e criatividade; etc.).

Com um grande abraço

### **Silvério da Costa Oliveira.**

Escritor, Filósofo, Psicólogo.

Doutor (UERJ) e Mestre (UFRJ/FGV) em Psicologia; Professor universitário.

Brasil (55) – Rio de Janeiro (21) – RJ – Telefone e Fax: 2253.3370 – celular: 8665.1243

Home page: [www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br)

E-mail para contato e MSN: [drsilverio@sexodrogas.psc.br](mailto:drsilverio@sexodrogas.psc.br)

Blog:

Orkut: <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=14306339764886805659>

Currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8416787875430721>

# Entre em contato

**Silvério da Costa Oliveira.**

Home page: [www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br)

E-mail: [drsilverio@sexodrogas.psc.br](mailto:drsilverio@sexodrogas.psc.br)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Telefones: (55) (021)

2253.3370 (telefone e fax)

8665.1243 (celular)

---

---

## Livros de Silvério da Costa Oliveira

---

---

- 1- Sexo, sexualidade e sociedade (6º ed, 2007 – formato PDF na Internet)
- 2- Conversando sobre as drogas (1º ed, 1997 – Editora Irradiação Cultural)
- 3- Reflexões filosóficas: Uma pequena introdução à filosofia (4º ed. 2006, formato PDF na Internet)
- 4- Estudos de psicologia e filosofia (4º ed. 2007, formato PDF na Internet)
- 5- Pensamentos ardentes (4º ed. 2007, formato PDF na Internet)
- 6- Kant e Piaget: Inter-relação entre duas teorias do conhecimento (2º ed. 2004 – Editora da Universidade Estadual de Londrina – Eduel)\*\*
- 7- Vencer é ser feliz: A estrada do sucesso e da felicidade (1º ed. 2002, Editora Ibrasa)\*\*
- 8- Falando sobre sexo (1º ed. 2007, formato PDF na Internet)
- 9- Falando sobre drogas (1º ed. 2007, formato PDF na Internet)
- 10-

\*\* Exemplos disponíveis nas livrarias e diretamente na editora.

# SUMÁRIO

Página

Prefácio.....	IX
Prefácio do autor .....	XIII
Capítulo 1	
A comunicação não verbal (linguagem corporal) e o equilíbrio em psicologia .....	1
Capítulo 2	
Comentário ao belo, tomando por base a CRÍTICA DA FACULDADE DE JULGAR (1790/93) de I. Kant. A diferenciação e a unidade no juízo sobre o belo.....	21
Capítulo 3	
Comentário a Heidegger: Curiosidade .....	35
Capítulo 4	
Crítica da vontade de verdade .....	49
Capítulo 5	
Estudo psicológico de “O SACI” de M. Lobato Uma abordagem junguiana .....	59
Capítulo 6	
Palestra sobre Estudo Psicológico de ‘O Saci’ de Monteiro Lobato .....	125
Capítulo 7	
Pequenos textos .....	161
Capítulo 8	
Frases e reflexões .....	175





# PREFÁCIO



Neste livro, Silvério da Costa Oliveira, jovem professor e doutor em Psicologia, oferece uma coletânea de textos de natureza heterogênea escritos em épocas e oportunidades distintas sobre temas de Filosofia e Psicologia. Todos eles são originais, tanto no significado e importância atribuídos aos assuntos quanto no método empregado para estudá-los. Cada texto constitui um capítulo do livro, cuja leitura poderá atender a interesses diversos, desde a necessidade de obter informações atualizadas acerca dos assuntos nele tratados até a busca de incentivo para reflexões pessoais.

O autor, além de aplicar-se ao estudo sistemático de problemas teóricos e práticos dos campos já referidos, dedica-se à clínica psicológica, atendendo sobretudo a pessoas que têm sua vida pessoal e experiência familiar prejudicadas e colocadas em risco, devido a dificuldades que experimentam em decorrência do uso de drogas e de insatisfações no exercício da sexualidade. Nessa atividade, um ponto a destacar na prática do psicólogo clínico Silvério da Costa Oliveira é o uso do toque físico, que descreve de maneira objetiva, enfatizando a necessidade de empregá-lo de maneira ética e profissional.

A variação no estilo dos escritos, sentida pelo leitor, deixa-se explicar pela diversidade de situações nas quais o autor procurou expor seus argumentos e informações acerca de sua experiência profissional. De modo geral, a linguagem é direta, objetiva e espontânea, sem circunlóquios, embora nem sempre apresente argumentos exaustivos,

ou seja, um aprofundamento na análise das questões que, devido a tais ou quais razões, veio a abordar ao longo de suas atividades dedicadas à reflexão e à busca de sentido em seu trabalho intelectual. Esta última característica, que o leva a deixar inconcluso o escrutínio de questões às quais veio a se dedicar, pode ser entendida ou ao menos tomada como incentivo dado ao leitor no sentido de que ele procure conquistar o tema para si e dê continuidade aos argumentos dos quais haja tomado consciência.

Dos capítulos desta coletânea de textos, são de particular importância os dedicados a Immanuel Kant, Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche, pois os temas analisados por esses filósofos referem experiências significativas, na cultura e na existência humana. Sob esta perspectiva podemos destacar a curiosidade, que Heidegger elevou à condição de tema de reflexão filosófica. No rastreamento analítico desse tema encontra-se, de um lado, a motivação e a experiência sensorial daquele que percebe e, de outro, o objeto por ele colimado. E, se o objeto for um semelhante, instala-se um complexo jogo de atribuição de significados, não raro expressos através de declarações semanticamente empobrecidas devido à ausência ou fragilidade dos fundamentos lógicos de seus enunciados ou em razão de sua pobreza ideativa. Pobreza de idéias e de linguagem resultante do emprego de lugares comuns e da reprodução, desacompanhada de pensamento crítico, de expressões, frases e argumentos de circulação social desimpedida.

De resto, cabe ressaltar a originalidade do método utilizado pelo doutor Silvério da Costa Oliveira na interpretação psicológica das narrativas de Monteiro Lobato, particularmente das que compõem o *Sítio do pica-pau amarelo*. Na visão do autor desta coletânea, os mitos inseridos no livro desse notável escritor brasileiro, podem ser analisados mediante conceitos e técnicas de interpretação da Psicologia Profunda de Carl Gustav Jung. No fundo, temos aqui uma sugestão para o estudo de processos psicológicos coletivos. Há outros incentivos ao estudo e ao pensamento nos demais capítulos desta rica coletânea de textos.

Helmuth Krüger  
Doutor em Psicologia

Diretor da Faculdade de Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis

---

Prof. Dr. Helmuth Ricardo Krüger possui graduação em Filosofia pela Universidade do Estado da Guanabara (1964), graduação em Psicologia pela Universidade do Estado da Guanabara (1970), Mestrado em Psicologia Aplicada pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1975) e Doutorado em Psicologia pelo Fundação Getúlio Vargas - RJ (1984). Atualmente é professor titular da Universidade Católica de Petrópolis e Diretor da Faculdade de Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Cognitiva. Atuando principalmente nos seguintes temas: Filosofia da Psicologia, Metateoria, Metodologia.

---





## PREFÁCIO DO AUTOR



Este livro se apresenta como uma pequena coletânea dos meus trabalhos no período de 1993 à 1995. Como o título indica, os temas aqui tratados versam sobre psicologia e filosofia.

Entendo ser importante a discussão de determinados temas em filosofia e psicologia, visando ampliar o espaço de compreensão de pontos fundamentais, tanto no pensamento como também no convívio humano, tal é o caso do comportamento não verbal em discordância com o verbal, quando o indivíduo se apresenta em um estado de desequilíbrio emocional, ou mesmo, a importância da temática vinculada a verdade e a curiosidade no contexto humano.

Gostaria de agradecer aos meus hoje já falecidos avós maternos (Silvério Rodrigues do Fundo e Elza da Costa Silvério) e aos meus pais (Eduardo de Oliveira Peixeiro e Elza da Costa Oliveira). Gostaria também de agradecer a Márcia Cristina Gomes de Pinho, ao seu apoio e compreensão.

Silvério da Costa Oliveira





3.5 Esta mesma sociedade e cultura tende a fazer com que ignoremos os sinais corporais, na medida em que olhamos e não vemos, respiramos e não sentimos odores, evitamos o toque corporal e quando o fazemos procuramos tocar sem sentir pelo tato o que e como tocamos.

3.6 A importância do bom entendimento da linguagem corporal e de um estado de equilíbrio para a saúde do indivíduo e do grupo social.

3.7 O contracenso, por vezes entre linguagem verbal e corporal. A técnica de teatro (amor e ódio) do “sub-texto”.

3.8 A inoperância das relações humanas a partir da má comunicação.

3.9 O que se pode passar para o cliente a partir da postura pessoal e profissional e da aparência externa quando condizente com o interno que se sobrepõe ao que queremos externalizar.

3.10 A persona em Jung

4. Conclusão

4.1 A importância da linguagem não verbal.

4.2 A importância do equilíbrio físico e mental.

4.3 A importância de primeiro nos encontrarmos para depois podermos encontrar os outros, seja ao nível pessoal ou profissional.

4.4 A honestidade e a verdade tem de começar do indivíduo para consigo próprio, se este não tem consciência de si, também não pode ter consciência da imagem que passa constantemente para os que com ele partilham o ambiente.

4.5 A terapia da última fase de Reich.

4.6 O processo de individuação em Jung.

O tema desta minha comunicação pode ser colocado como “a comunicação não verbal e o equilíbrio em Psicologia”. Aparentemente temos dois temas vinculados pela partícula “e”, no entanto, procurarei demonstrar que a comunicação não verbal e o equilíbrio estão intimamente ligados, não tendo sentido uma destas noções isolada da outra.

Na verdade, o que temos a maior parte do tempo, tanto no indivíduo como também nas sociedades e culturas é o estado de desequilíbrio, daí termos por vezes uma comunicação não verbal destoante e mesmo contraditória com a comunicação expressa verbalmente.

Bem, esclarecido o tema desta comunicação, devo me apresentar e conjuntamente explicar meu interesse por tal tema. Como a maioria aqui já o deve saber, eu sou licenciado em Psicologia, bacharel e psicólogo pela UGF, possuo também a licenciatura e o bacharelado em Filosofia pela PUC/RJ, sou mestre em Psicologia pela UFRJ e cursei um ano do doutorado em Filosofia pela UFRJ tendo trancado a matrícula em março deste ano.

Meu interesse pelos respectivos temas decorre de meu interesse maior pela clínica psicológica, onde também se encaixam meu interesse por Jung e também por Reich, ambos psicólogos da primeira metade deste século e discípulos dissidentes de Freud.

Uma preocupação que tive na escolha do presente tema foi que o mesmo se adaptasse à realidade vivenciada pelo profissional de massagem, no seu cotidiano tanto profissional como também pessoal.

O profissional de massagem, mais que outros profissionais, tem um contacto direto com o cliente/paciente, de forma a não somente um contacto por proximidade, mas também um contacto corporal dado pelo toque das mãos do massagista sobre o corpo do cliente.

Em tais circunstâncias penso que o interesse pelo corpo deve ser mais intenso nesta profissão do que em outras onde a intensidade desta proximidade corporal possa ser menor.

Quando aqui me refiro à linguagem corporal, o faço pensando tanto na figura do profissional massagista como também no cliente deste, pois a partir de um estado de equilíbrio ou desequilíbrio psíquico e físico tais pessoas irão de uma forma ou de outra passarem seus sentimentos e emoções, digamos, sua “verdade interior” para os que o cercam e com ela tomam contacto.

Já ouvi aqui em ocasiões passadas o receio de alguns em terem seu trabalho profissional confundido ou mesmo deturpado a partir do momento em que, por exemplo, a expressão “massagista” é empregada pelos jornais para alojar os anúncios, não da verdadeira massagem, mas sim da prostituição, tanto masculina como feminina. Também já ouvi o receio diante das possíveis fantasias que o cliente possa ter sobre o profissional que trabalha com a massagem. No entanto, devo dizer ser minha opinião que tal é relativo à postura profissional e pessoal do massagista, pois antes mesmos que este possa expressar verbalmente o que tem em

mente, seu corpo, gestos, comportamentos e atitudes já expressaram, por vezes, muito mais do que este talvez gostasse ou quisesse conscientemente dizer.

Em suma, as pessoas se aproximam ou se afastam, se comportam desta ou daquela outra forma conosco, a partir daquilo que expressamos sem nem ao menos dizer uma palavra ou apesar de todas as palavras que possamos de fato dizer.

Bem, pretendo continuar discorrendo sobre a noção de equilíbrio, tomando em particular o pensamento de C. G. Jung e de comunicação corporal a partir de W. Reich, dentre outros tantos nomes importantes.

A noção de equilíbrio é talvez uma das mais importantes em nossa cultura e em vários saberes, sejam estes científicos, técnicos ou mesmos místicos e religiosos. É no entanto fato, que cada saber em particular dará um peso, um contexto e por vezes um nome a esta preciosa noção de equilíbrio. Desta forma discutimos sobre o equilíbrio na Física, na Química, na Biologia e também na Psicologia.

Falamos em equilíbrio, mas talvez devêssemos falar em desequilíbrio, pois o que mais vemos ao nível social, cultural e individual não é o estado de equilíbrio e sim um doentio estado de desequilíbrio, de onde alguns autores, dentre os quais Freud e Reich, afirmarem ser a nossa sociedade doente. Talvez irremediavelmente doente, pois caímos num círculo vicioso ao tentar uma terapêutica de “cura” numa estrutura tão complexa e doentia como a sociedade humana.

Em Jung temos um grande peso e importância concedidos à noção de equilíbrio. A bem da verdade, não só em Jung como também em outros autores, não podemos falar em um indivíduo emocional ou socialmente sadio se este se mostra de alguma forma profundamente desequilibrado em algum segmento de sua vida.

Para entendermos melhor esta noção de equilíbrio, bem como posteriormente a forma como a comunicação não verbal se expressa de modo mais verdadeiro que a verbal, devemos primeiro tentar entender as noções de consciência e inconsciente. Bem, de início quero explicar porque emprego a expressão inconsciente e não a expressão bem mais popular de subconsciente.

Temos que há um equívoco no emprego do termo subconsciente, equívoco este já assinalado por Freud e por Jung. Para Freud o termo

subconsciente se mostrava equivocado por dar a entender a existência de uma outra consciência abaixo da esfera consciente o que não se coaduna com a idéia de inconsciente dentro da teoria freudiana. Já para Jung, a crítica se dá a partir do momento em que pelo emprego do termo subconsciente afirmamos tratar-se de um conteúdo psíquico alojado abaixo do limiar da consciência e nós não temos como saber se um determinado conteúdo psíquico inconsciente se localiza abaixo ou acima do limiar da consciência, vide a exemplo a audição, onde por vezes deixamos de escutar algo por este ser muito baixo, ou seja, por estar abaixo do limiar da audição e por outras vezes deixamos de escutar um som por este ser muito alto e estar acima do limiar da audição, tal é o caso do apito empregado no adestramento de cães, o qual por soar muito alto é escutado pelos cães, mas não pelos humanos. O mesmo se passa na visão, onde também temos um limiar no qual podemos ver, não sendo o mesmo possível acima (raios ultra violeta) ou abaixo deste limiar (raios infravermelhos), da mesma forma um conteúdo psíquico sobrecarregado energeticamente poderia se colocar abaixo do limiar da consciência (subconsciente) ou acima do limiar da consciência (trans-consciente) e como não sabemos onde o mesmo se localiza é equivocado e arbitrário afirmar a sua localização no subconsciente e não no trans-consciente, daí a opção pelo termo inconsciente, bem mais simples e que apenas nega ser o mesmo consciente.

Existem duas formas de se entenderem a expressão conteúdo inconsciente: como um conteúdo que momentaneamente não se encontra na consciência mas que logo no momento seguinte ali poderia estar caso nele concentrássemos nossa atenção ou como conteúdos mais profundos e cuja nossa vontade não determina sua presença ou ausência na consciência.

Certos conteúdos podem ser ignorados por mim, conscientemente, mas podem estar atuando decisivamente no inconsciente, tal seria o caso por exemplo de um desejo de morte para com alguém chegado, como um familiar próximo, desejo motivado por alguma desfeita deste ou por alguma fantasia nossa e que se choca com nossa moral e imagem pessoal, não sendo aceito ou permitido ao nível consciente e tendo de habitar regiões mais profundas da psique.

Já em Jung, temos também, além do inconsciente pessoal um inconsciente coletivo, com arquétipos, ou seja, temos uma série de informações simbólicas e repletas de significação que herdamos de nossos pais, da sociedade e cultura onde habitamos e ao nível biológico geneticamente.

Estes conteúdos simbólicos que habitam nossos inconscientes podem ser contrários a padrões morais ou a uma imagem idealizada que tenhamos de nós próprios, bem como também podem ser o pólo energético de todo um processo criativo expansivo da pessoa enquanto indivíduo ou podem ser canalizados de forma destrutiva e doentia. Como tudo na Natureza, as coisas com as quais nos deparamos em nossa “passagem” não são em si nem más nem boas, é na verdade o uso e interpretação que delas fazemos que as tornam construtivas ou destrutivas.

Pela comunicação verbal e consciente expressamos uma dada realidade, a qual pode muito bem não ser coerente com uma outra realidade, por vezes mais ampla, inconsciente e que se mostra em tudo o que fazemos e sem o notarmos. Seja na escolha da profissão, do companheiro amoroso-sexual, de nossas crenças ou mesmo no dia-a-dia em nosso jeito de falar e de se comportar, bem como na forma de nos vestirmos, de nos comunicarmos com outras pessoas ou de olharmos, aliás, alguém no passado já o disse e acertadamente, que os olhos são a janela da alma.

Jung nos apresenta uma divisão feita a partir da observação empírica, dos grupos humanos a partir de uma predominância de um determinado dado em suas personalidades e que viria a compor um tipo psicológico. Assim, temos que funções como o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição que deveriam se apresentar em harmônico equilíbrio dentro de um processo de individuação bem sucedido, na prática se mostram como tendo em cada indivíduo a predominância de uma destas quatro funções em detrimento das outras.

Assim temos indivíduos cuja predominância é o pensamento, outros cuja predominância se mostra como sendo o sentimento, ou a sensação ou a intuição. Podemos dividir tais quatro funções em dois grupos: racionais e irracionais.

Como função racional teríamos o pensamento e o sentimento, sendo uma oposta a outra, de forma que se o pensamento é consciente, o sentimento é inconsciente.

Como função irracional teríamos a sensação e a intuição, também se mostrando uma oposta a outra e estando uma ao nível consciente e outra ao nível inconsciente.

Além disto, teríamos indivíduos introvertidos e outros extrovertidos, aqui introversão e extroversão representam a forma como a energia da libido se comporta em dado indivíduo, nada portanto tendo a ver com o fato de o indivíduo ser ou não tímido. Ora, o ideal seria uma totalidade, na qual o indivíduo teria em si por igual cada uma destas funções, no entanto tal não ocorre e o que temos na prática são indivíduos unidirecionados, o que pode ser constatado facilmente por vocês até aqui mesmo nesta sala ou no círculo mais restrito de suas amizades ou família.

O que vemos mais uma vez é um desequilíbrio, o qual aparece na própria estrutura psíquica dos indivíduos e da sociedade.

Este desequilíbrio, como vemos, se mostra tanto ao nível da estrutura psíquica e social, como também ao nível corporal, pois o indivíduo deve ser visto como um todo, do qual fazem parte vários segmentos, os quais a maior parte das vezes tendem a se mostrarem em estado de total desequilíbrio.

Dentro da Psicologia Analítica de C. G. Jung temos um conceito bem interessante e que poderá clarear os efeitos de um desequilíbrio psíquico a partir da noção de inconsciente, tanto pessoal como também coletivo, refiro-me a: sombra.

Um conteúdo negado a nível inconsciente irá deixar este espaço onde exercemos alguma luz, da mesma forma que somos capazes de ver os móveis e uns aos outros aqui no interior desta sala a partir da luz que a ilumina, no entanto, se apagássemos todas as luzes e vedássemos completamente a sala de modo a nenhuma luz aqui entrar, nada mais veríamos mas todos continuaríamos aqui presentes, bem como os móveis e demais objetos e a ausência de luz poderia inclusive causar grande confusão por esbarrarmos uns nos outros ou nas coisas que aqui estão também presentes.

Pois muito bem, na estrutura psíquica temos também uma região sombria e repleta de conteúdos que não habitam a luz da consciência. Tais conteúdos da sombra podem ser deveras destrutivos, da mesma forma que a total escuridão nesta respectiva sala poderia ocasionar graves transtornos. Mas, ainda dentro do exemplo da sala, temos que mesmo

com a completa escuridão, aqui nesta sala continuaria a haver vários objetos úteis, bem como pessoas bonitas, inteligentes e com toda uma experiência de vida, experiência riquíssima e por vezes mal aproveitada, mas que poderia ser utilizada de forma muito construtiva.

Da sombra pode o artista colher rico manancial para sua criação, pode a sombra proporcionar crescimento individual e social, bem como destruição, guerras e catástrofes inigualáveis.

Quando pressionamos uma forte e grande mola com nossas mãos, quanto mais força empregamos para fazê-la baixar, maior a força e pressão exercida por ela sobre nossa estrutura muscular. Se por fim nos cansamos e soltamos a mola que antes pressionávamos para baixo, agora esta tende a saltar com força e inclusive se levantar do chão tamanha a intensidade de energia antes ali retida e agora repentinamente liberada. É por tal fato que vemos pessoas que modificam suas personalidades de um dia para outro saindo de um extremo para outro, tal o caso de um assassino e traficante que se converte seriamente ao cristianismo e se torne por exemplo um *crente* ou vice-versa. Em verdade existe uma lei dos opostos que nos diz que quanto maior a necessidade de afirmarmos algo, maior o medo ou insegurança que temos em relação a isto e ao seu oposto, tal é o caso do tipo machão que não cansa de afirmar seu ódio e repugnância para com os homossexuais. O que no entanto ocorre, é que o mesmo quer convencer a si próprio e aos demais de que ele próprio não tem interesse ou desejo pelo homossexualismo, mas tal existe, pois caso contrário não precisaria tamanha veemência e intensidade em sua negação da homossexualidade e afirmação do padrão estereotipado oposto, ou seja, do machão.

Para haver um verdadeiro equilíbrio psíquico não é necessário que a sombra inexista ou que seja a mesma pequena e sim que haja um convívio harmônico com os conteúdos da mesma, de forma criativa e construtiva e não de forma repressiva e perversa.

Não só os indivíduos como a própria sociedade possuem uma sombra, como, por exemplo, em nossa cultura ocidental, toda a simbólica do que seria o Cristo e o Anti-Cristo, ou Deus e o Demônio, ou o Bem e o Mal. Ao aceitarmos um lado do arquétipo, ou seja, desta imagem simbólica que temos de um processo, de uma totalidade, passamos a ter algo ocupando um lugar na luz e algo outro que por ser negado vem a ocupar

um local na sombra. Tal é o caso de uma moeda a qual ao segurar de frente para mim vejo somente um dos lados, como a exemplo a “cara”, me recusando a olhar o outro lado desta mesma moeda, ou seja: a “coroa”.

Em verdade tanto o que entendemos por Cristo como o que entendemos por Anti-Cristo ou se o preferirem, Deus e o Demônio, habita dentro de cada um de nós e da sociedade por nós criada. Infelizmente ao negarmos veementemente um dos lados desta moeda, desta mesma moeda, fazemos com que o aspecto negativo e destrutivo do lado negado supere o seu aspecto criativo construtivo. Basta olharmos para a História da humanidade em sua passagem por este mundo para percebemos as atrocidades e verdadeiros genocídios que se cometeram e que ainda hoje se cometem em decorrência de uma visão parcial da realidade e de um profundo desequilíbrio que ao negar o demônio existente em si próprio o projeta para o outro, para outros grupos sociais, políticos ou religiosos.

Muitas das ideologias hoje e sempre existentes em nossa sociedade são decorrentes desta profunda dicotomia e desequilíbrio que ao negar conteúdos existentes em sua própria sombra tende a projetá-los em outras pessoas e grupos, tal o caso, por exemplo, do racismo ou do anti-semitismo.

Vejam como pode a sombra ser representada a partir de uma criação popular, pois uma criação não sai do nada, necessita de uma dada matéria prima. Vejam, portanto, o mito do Saci Pererê, negro, com uma só perna, um pito e um gorro vermelho. Temos que o Saci representa conteúdos da sombra de seus criadores, conteúdos estes negados e não permitidos ao nível consciente, vemos também que o mesmo acaba servindo de “bode expiatório” para tudo de errado e ruim que possa acontecer no dia-a-dia da casa ou da fazenda, como, por exemplo: se a cozinheira quebra os pratos a culpa pode ser do Saci, que sem ser visto e só de travessura esbarrou na cozinheira fazendo com que a mesma quebrasse os pratos, ou se perdemos algo dentro de casa é fácil jogar a culpa no Saci que teria escondido o que procuramos, se espetamos o pé em um prego, poderíamos bem dizer: “foi o Saci que ali o colocou”, enfim, o Saci aparece como o outro fora de nós que apronta mil e uma travessuras e que perturba nossas vidas e rotinas, no entanto o Saci não está fora e sim dentro de cada um de nós, pois somos nós que guardamos algo e depois não lembramos aonde o colocamos ou que pisamos num prego sem aparentemente o vermos, ou que

desastradamente quebramos algo que escorrega de nossas mãos.

Muitas vezes fazemos coisas motivados por impulsos e desejos inconscientes sem termos consciência do real significado de nossos atos, palavras ou comportamentos de modo que um lado obscuro de nossa personalidade se infiltra por alguns instantes que seja, no mundo de conteúdos ao qual permitimos a luz e ali momentaneamente infiltrado causa vários transtornos por ser por nós ignorado e negado, fruto do desequilíbrio humano.

A partir de um estado de desequilíbrio, seja este emocional, intelectual, familiar, profissional ou oriundo de outra fonte, temos a presença de perturbações ao nível psíquico e corporal, bem como uma expansão deste estado para com o social mais próximo. Quando bem intensificado tal desequilíbrio pode vir a caracterizar estados patológicos da psique humana, onde o indivíduo adoece a partir de uma ou mais dicotomias que ocasionam o estado de desequilíbrio que no momento vivência.

Mesmo quando em menor escala, um estado de desequilíbrio tende a ocasionar menos prazer ao indivíduo em alguma área importante de sua vida. Havendo um desequilíbrio o corpo há de expressar o verdadeiro estado em que este indivíduo se encontra.

Vejam os por exemplo a repressão sexual e a repressão corporal, ambas importantíssimas dentro desta sociedade e cultura. A sexualidade está longe de ser sexualmente livre e a maior prova da enorme repressão existente está em qualquer banca de jornais onde se encontram penduradas dezenas de revistas pornográficas onde o sexo e uma forma de relação sexual mecânica são o produto a venda, bem como nos classificados de qualquer jornal que se preze temos uma grande seção dedicada a prostituição feminina e masculina. Ora, se o sexo fosse algo normal não haveria espaço e nem mercado tão grande para a prostituição e a pornografia. O que na verdade ocorre é que as pessoas não possuem, em sua grande maioria, uma vida sexual satisfatória e a partir daí buscam-na em outras formas e modalidades.

Também destaco a repressão corporal, onde bem o sabemos que se um de nós tirar toda a roupa e ficar completamente nu, causará reações das mais diversas às pessoas a sua volta e se descer a rua e caminhar naturalmente por entre os transeuntes causará admiração, espanto, e outras reações as mais diversas, quando deveria ser algo normal e comum,

que deveria ser encarado com naturalidade. Portanto, não podemos ver o corpo de outra pessoa a não ser em determinadas ocasiões socialmente permissíveis. Também vestida, se olharmos muito para alguém este irá nos interrogar pelo motivo, por isto evitamos olhar para o corpo de outra pessoa ou o fazemos disfarçadamente. Quanto ao tocar, nem pensar! Imagine, se olhar já é coisa de outro mundo, o tocar então nem se fala. É triste mas é esta a realidade social e cultural na qual vivemos, onde mantemos uma distância artificial e por vezes desnecessária não só entre nós e os outros, mas entre nós mesmos.

Em tais circunstâncias o massagista tem uma posição um tanto quanto delicada, pois a prática de sua profissão implica em se colocar diante de clientes/pacientes que por vezes não estarão trajando roupas, implica também que o massagista deverá aprender a olhar o corpo do outro buscando informação para os procedimentos terapêuticos ou estéticos e por fim, implica que o massagista há de tocar o outro com suas mãos e que todo o trabalho de massagem se dá pelo toque.

Daí a importância de o massagista se conscientizar de sua postura pessoal e profissional e do que ele, massagista, está dizendo com seu corpo ao paciente que o observa, bem como o que este paciente transmite de forma não verbal. Lembramos que a linguagem do corpo é extremamente honesta, pois vem de uma dimensão mais profunda na totalidade que é um Ser-Humano, tal linguagem não mente, afirma sempre a verdade interior mesmo que o indivíduo não se de conta disto ou não o saiba ao nível consciente.

O massagista portanto é aquele profissional que pela própria técnica empregada em sua profissão se coloca diante do paciente enquanto outro, de uma forma não usual em nossa sociedade, pois numa sociedade que nega a sexualidade e o corpo, temos que o massagista irá trabalhar diretamente sobre este corpo, com suas mãos, daí portanto a necessidade do futuro massagista primeiro “trabalhar” em si esta vivência em particular e depois procurar compreender as fantasias que possam existir nele próprio e em seus pacientes.

O corpo naturalmente expressa os estados de “alma” que o indivíduo possa estar sentindo. Se trabalha em algo que não gosta ou que lhe causa insatisfação em virtude da atividade que exerce ou das pessoas com quem convive, mas pela necessidade de dinheiro continua ali trabalhando,

tal decisão consciente provocará reações inconscientes que se expressarão de diversas formas na totalidade que é um indivíduo humano, de forma, por exemplo, a este sentir dores pelo corpo ou mesmo pegar alguma pequena doença que o impossibilite durante alguns dias de ir trabalhar, ou talvez repare que o número de acidentes no trabalho aumenta, em suma, todo o organismo se revolta contra uma decisão consciente que leva em conta algo artificial como o dinheiro em detrimento de toda a riqueza da VIDA.

Tanto o equilíbrio como o desequilíbrio são naturalmente expressos pelo corpo por meio de uma linguagem não verbal, no entanto o peso e importância da linguagem não verbal é oriundo do desequilíbrio e não do equilíbrio, pois se o indivíduo está em estado de equilíbrio há de dizer verbalmente o mesmo que diz por intermédio do seu corpo, não havendo uma dicotomia entre ambas as linguagens. É no estado de desequilíbrio que vivem a maior parte das pessoas em nossa sociedade e neste estado a linguagem não verbal ganha grande importância a partir do momento em que se põe em contradição com o falado verbalmente.

Não adianta você dizer que gosta disto ou daquilo outro, ou que ama esta ou aquela pessoa se teu corpo afirma constantemente o oposto na medida em que se expressa e fala a verdade mais sincera.

Mesmo que a pessoa minta ou não conheça sua própria verdade, seu corpo, postura, tom da voz, pontuação empregada no discurso, gestos, vestuário, etc. que no somatório chamaremos de linguagem corporal, sabe a verdade e o afirma constantemente para qualquer bom observador.

Uma pessoa em estado de desequilíbrio o demonstrará a partir de seu corpo, estendendo-se a seguir ao seu ambiente familiar, local de trabalho, relações com amigos ou conhecidos e enfim, com todo o círculo de relações que o envolve.

Se me perguntassem se em nossa sociedade tende a predominar o equilíbrio ou o desequilíbrio, eu responderia que a nossa sociedade e cultura já é por si totalmente desequilibrada e que portanto só pode proporcionar o desequilíbrio, jamais o equilíbrio.

Esta mesma sociedade e cultura tende a fazer com que ignoremos os sinais corporais, na medida em que olhamos e não vemos, respiramos e não sentimos odores, evitamos o toque corporal e quando o fazemos procuramos tocar sem sentir pelo tato o que e como tocamos.

Ora, se sabemos entender esta linguagem mais genuína e primitiva que é a expressa pelo corpo humano, não temos como nos enganar sobre o verdadeiro estado emocional das pessoas com quem convivemos, incluindo aqui nós próprios. Devemos dar uma grande importância ao bom entendimento da linguagem corporal para que tanto o indivíduo como o grupo social possam se encaminhar do estado de desequilíbrio para o de equilíbrio e saúde.

Ao negarmos ver o óbvio que o corpo expressa (e é isto o que fazemos constantemente) tendemos a gerar estados doentios e falsos, onde a vida se afasta na medida em que a “não vida”, a “morte em vida” se aproxima e toma para si a quase totalidade do indivíduo. Digo a quase totalidade, pois sempre há de haver núcleos sadios que lutam por uma expressão, sendo a própria linguagem corporal, não verbal, fruto desta vida que luta pela expansão, crescimento e saúde num sentido mais amplo, pois a linguagem corporal nada mais é muitas vezes que uma revolta do organismo em sua totalidade a um proceder unilateral e equivocado comandado pela vontade consciente e que nega o mais genuíno e natural do indivíduo. Esta revolta pode se expressar de uma forma destrutiva e serve ao bom observador como um alarme de que algo está profundamente errado nesta vida, onde tal erro tende a denegrir e destruir a própria vida.

Como já expusemos, por vezes há contradição entre o expresso verbalmente e o expresso não verbalmente e quando tal ocorre a verdade da totalidade do indivíduo está junto ao não verbal, ao corporal. Vejamos por exemplo uma técnica de teatro a qual chamaremos de “sub-texto”, imaginemos um ator que deve representar um personagem que expressará verbalmente no palco que deseja que seu companheiro e amante suma de sua vida, pois o odeia e não mais quer saber dele. Diante deste ator, de frente para o mesmo colocaremos no palco outro ator representando o amante que está sendo mandado embora e que diz verbalmente que ama seu amante e que não pode viver sem ele. Cada um destes atores pode no entanto ter um “sub-texto” no qual o que diz verbalmente que ama, na verdade odeia o outro e está com ele só por causa de interesses como, por exemplo, a grana que este possui. Já o outro que diz que odeia e manda o amante embora pode ter como “sub-texto” que na verdade o ama, mas sabe que o outro só quer se aproveitar dele e que, portanto, apesar da dor, deseja mandá-lo embora. Ora, na medida em que ambos

atores se posicionam no palco, um dizendo que ama, mas sabendo que não ama, e o outro dizendo que odeia, mas sabendo que ama, mesmo que o público não conheça toda a estrutura da história, este há facilmente de perceber o que de fato cada personagem sente, pois o próprio corpo, livre da vontade consciente do ator, tende a expressar a realidade do personagem.

Na vida real ocorre o mesmo que neste exemplo, pois quando expressamos verbalmente algo que não se coaduna com a nossa verdade interior, o nosso corpo se encarrega de transmitir a qualquer bom observador a verdade dos fatos.

Muitas vezes não conseguimos nos relacionar com alguém ou com algum grupo social simplesmente por não percebermos indícios não verbais de como tais pessoas gostariam de ser tratadas e nos equivocamos ao nos portarmos de uma forma não aceita pelas mesmas. Às vezes um único olhar pode expressar uma gama de emoções e estados da alma que um bom observador pode facilmente diagnosticar, para em seguida se posicionar de forma adequada diante deste indivíduo ou grupo social.

Muitas vezes a inoperância das relações humanas se dá a partir de uma má comunicação, onde o indivíduo não consegue perceber os sinais que o outro lhe transmite e a partir desta incompreensão básica se coloca diante deste outro de uma forma imprópria e insatisfatória, gerando contrariedade ou mesmo aversão da parte do indivíduo que se vê acerbado por alguém que não teve a sensibilidade de perceber certos “sinais de trânsito” antecipadamente colocados pelo caminho.

Diante de uma outra pessoa nos colocamos em uma dada relação, a qual pode se dar em várias esferas, como, por exemplo, de pais diante dos filhos, ou do chefe diante do empregado, ou do apaixonado diante da amante, ou do profissional de massagem diante do cliente/paciente. A partir da postura pessoal e profissional e da aparência externa quando condizente ou não com o interno que se sobrepõe, por vezes ao que queremos externalizar pode-se passar para o outro, e em especial o cliente, uma gama diferente de emoções e posicionamentos os mais diversos que serão lidos pelo inconsciente desta outra pessoa ou cliente e terão uma resposta correspondente.

Na medida em que o indivíduo assume uma postura profissional e ética condizente com sua própria individualidade, o mesmo é respeitado

e aceito como profissional daquela área e não há a possibilidade de equívocos ou deturpações, pois está claro ao vermos o posicionamento deste indivíduo a profissão e a seriedade do mesmo. Já disse alguém no passado que um general que precise de medalhas no peito para ser obedecido não é digno destas mesmas medalhas, da mesma forma posso eu dizer que aquele que precise dos seus títulos acadêmicos para ser reconhecido como pertencente e detentor de conhecimentos nesta ou naquela outra profissão também não é digno dos títulos que possui.

Aqui seria bem provavelmente o lugar adequado para ressaltar o interessante conceito de persona, em Jung, onde por persona entendemos a máscara social que as pessoas usam no convívio em sociedade. Persona era o nome da máscara que os atores usavam no teatro da antiguidade em Grécia antiga. Quem aqui trabalha em algum lugar onde possa conviver com vários profissionais de diferentes profissões decerto perceberá que existem certos maneirismos próprios a cada profissão, de modo que possa reconhecer um advogado pelo jeito deste se vestir, sentar, falar, calar ou por sua postura em geral, o mesmo se dando entre os engenheiros, psicólogos, médicos, psicanalistas, fotógrafos, massagistas, etc...

Quem por exemplo convive com militares já deve ter reparado que a postura, mesmo pessoal, de um é muito semelhante a de outro. Quando ainda na faculdade, eu reparava que os psicólogos tem um jeito característico de sentar e cruzar as pernas. Ora, tais maneirismos próprios a cada profissão fazem com que possamos até reconhecer a atividade profissional da pessoa sem que a mesma se apresente a nós. É notório que homens e mulheres experientes afirmem poder identificar uma prostituta até pela forma de andar, falar ou se posicionar diante de alguma atividade.

Isto em Etiqueta é colocado como um fator importante do sucesso ou fracasso profissional e nesta área refere-se a tal com a expressão: “ter a cara daquilo que se faz”. Tal pode ser fator de sucesso profissional na medida em que gere confiança nas pessoas que vejam estampado na pessoa a profissão que esta diz ter e pode ser motivo de fracasso, independente da competência profissional deste indivíduo, se as pessoas não identificarem nele a profissão que este exerce, pois desta forma não haveria confiança da parte do cliente para com o profissional.

Tal fato de algumas pessoas terem a cara daquilo que fazem, em Jung recebe o nome de persona, a qual quando dentro de determinados limites não só é normal, como também necessária dentro do convívio social, mas quando ultrapassa certos limites torna-se patológica por passar a invadir outros campos da personalidade do indivíduo, afinal, ninguém é, por exemplo, engenheiro ou militar 24 horas por dia sem que isto interfira em seu processo de criação e crescimento.

É importante, para o massagista, que este ganhe a confiança de seus clientes na medida em que estes vejam nele um massagista e não outra coisa qualquer. Tal postura, no entanto surge naturalmente e sem por vezes que a própria pessoa se aperceba do fato e se torna critério demarcador entre os que realmente exerceram a profissão e os que somente fizeram um curso mas que não possuem maiores vínculos com a respectiva profissão e nem a exerceram factualmente.

As vezes, no entanto, o fato de o indivíduo ter mais de uma profissão ocasiona uma mistura de qualidades tidas pela sociedade como pertencentes a esta ou aquela outra profissão, tal é portanto o meu caso, que dentre os diversos interesses que possuo, me considero como tendo três profissões pelas quais sou apaixonado, ou seja, sou psicólogo, fotógrafo e tenho formação em filosofia de modo que não há uma “persona pura” desta ou daquela profissão, mas há uma persona pessoal e profissional que engloba todos estes meus interesses.

O massagista jamais será confundido com a(o) prostituta(o) na medida em que este possui uma dada postura pessoal e profissional que se apresenta como máscara social da profissão que o mesmo desempenha enquanto que o outro possui outra e distinta máscara profissional e pessoal, persona, própria de sua profissão. Massagista e prostituta são duas profissões distintas e próprias e mesmo que os jornais coloquem a prostituição sob o título de massagem, os clientes de um e de outro grupo tendem a saber distinguir um grupo do outro a partir da postura pessoal e profissional assumida pelo indivíduo desta ou daquela outra profissão.

Deve ter ficado claro a grande importância da linguagem não verbal para o bom entendimento do indivíduo sobre si próprio e sobre o que outras pessoas realmente sentem e vivenciam no dia-a-dia. Em todas as relações humanas, a diferença entre o sucesso e o fracasso muitas vezes

se acha escondida por trás de uma palavra não dita, de um sentimento não aberto e conscientemente expressado, mas que pode ser visível a um bom observador. Em verdade não há nada que possamos de fato esconder a quem saiba como e onde olhar.

Como viemos salientando, o desequilíbrio se expressa em diversas formas e por diversos meios, sendo o mais presente estado em nossa sociedade e cultura. Uma das formas como tal desequilíbrio se apresenta, se dá entre o que entendemos por físico e o que entendemos por mental, de fato seria importante que houvesse um equilíbrio entre os investimentos do indivíduo no seu físico, corpo e etc. e no que concerne aos seus sentimentos, emoções, desejos, paixões, tanto na esfera sentimental como também na intelectual.

No entanto o que a maioria das vezes encontramos é justamente o contrário, fato este até estigmatizado por alguns ditos populares, como, por exemplo, a opinião que todos aqui já devemos ter ouvido sobre: “bonita, mas burra ou inteligente, mas feia” que independente da veracidade ou falsidade desta opinião, a mesma vem a denotar a presença da dicotomia entre mente e corpo, onde um investimento num destes segmentos inviabiliza, por vezes, investimento igual no outro segmento, quando deveria ser o contrário. Vivendo de forma tão unilateral e parcial não conseguimos nos aproximar de uma totalidade que por si só tudo englobe e que proporcione verdadeira saúde não só ao indivíduo, mas também a sociedade e cultura criada e mantida por nós, seres humanos.

De fato, no entanto, não é possível buscarmos verdadeira relação de encontro com outro, se ainda não crescemos o suficiente para nos encontrarmos a nós próprios, seja ao nível pessoal ou profissional. Raul Seixas e Oscar Rasmussen em uma música intitulada “Por quem os sinos dobram” diz “Coragem, coragem se o que você quer é aquilo que pensa e faz. Coragem, coragem que eu sei que você pode mais.” Tal trecho da música nos traz a presença da dicotomia humana onde por vezes fazemos algo que nada de fato tem a ver conosco, com nossos desejos, sentimentos e fantasias. Se, no entanto, estamos coerentes conosco e em estado de equilíbrio entre o que queremos, sentimos e pensamos com o que de fato fazemos em nossas vidas conseguimos extrair não somente coragem, como também enorme energia para superar os possíveis obstáculos que se interponham entre nós e nossa meta,

estamos motivados e trabalhamos com maior prazer e determinação, pois o próprio trabalho que executamos nos proporciona prazer na medida em que se mostra coerente com o que de fato queremos fazer.

É inviável buscar o encontro de outro se ainda não encontramos a nós próprios, pois sem antes sabermos quem de fato somos e qual o nosso projeto de vida, qual a “lenda” que queremos criar para este nosso momento em que estamos presentes na História da humanidade, como uma vida, uma existência, não tendo ainda obtido clareza no que entendemos como nosso “projeto de vida” não temos como nos aproximar produtivamente de outras existências, buscando encontros que busquem crescimento recíproco e não mera parceria num processo doentio e niilista, que negue e deturpe a vida.

Para afirmarmos a vida e não a negação da mesma, a morte em vida, é preciso mais que passar pela vida com um corpo, uma mente e uma carteira de identidade, é necessário um auto-conhecimento que propicie crescimento emocional e intelectual e uma totalidade em todas as esferas da vida, onde a coerência mais do que buscada, deve ser vivenciada de forma a não nos auto-torturarmos ou auto-destruirmos.

A honestidade e a verdade tem de começar do indivíduo para consigo próprio, se este não tem consciência de si, também não pode ter consciência da imagem que passa constantemente para os que com ele partilham o ambiente em que convive. A verdadeira honestidade para consigo próprio está em percebermos o que nosso organismo sente e transmite constantemente por meio do nosso corpo, não encarando o mesmo como dicotomizado em relação a mente, mas sim como formando conjuntamente com esta uma totalidade na qual não faz sentido falarmos de uma esfera sem sua contra-parte ali constante e presente.

Reich na última fase de seus trabalhos em clínica, nos apresenta na organoterapia uma opinião mais radical do que a mera influência do corpo sobre a mente ou vice versa, no que chamamos de psicossomática.

Em verdade, para Reich, e eu concordo com o mesmo, não seria correto sequer o emprego do termo psicossomática para designar a atuação de algo mental atuando sobre o corpo, pois o organismo humano como uma unidade energética atua como um todo, como um sistema, no qual haveria uma simultaneidade entre o que possamos designar como mental ou como corporal. Desta forma o choro não chorado, o riso não

dado viriam a ter a sua história registrada e congelada nos respectivos músculos que seriam envolvidos no choro ou no riso. O inconsciente não é somente uma instância mental, mas também pode ser visto, pois se expressa no corpo e na musculatura em simultaneidade com os processos mentais e tal simultaneidade se deve a não haver na prática uma dicotomia entre mente e corpo e sim sermos um todo energético, energia esta a que Reich chamou de orgônio e que estaria presente não só no organismo humano como também em todo o cosmos, o que nos faz lembrar um dito medieval comum entre os alquimistas, como, por exemplo, Paracelso, que afirma: “o macrocosmos é igual ao microcosmos e o microcosmos é igual ao macrocosmos”.

Dentro da psicologia de Reich se coloca que o indivíduo humano deve ser visto como uma totalidade onde o corpo não pode ser ignorado, pois o mesmo expressa toda a realidade deste indivíduo a partir de sua história de vida, dos seus afetos, do seu inconsciente. Uma personalidade doentia teria na sua musculatura o registro congelado da história de vida que gerou aquele estado doentio. O inconsciente se manifesta por intermédio do corpo e da linguagem corporal, sendo visível para quem quiser e souber vê-lo e ouvi-lo.

Esta totalidade a qual Reich afirma encontra eco no processo de individuação de Jung, o qual apesar de não ter trabalhado o corpo como Reich, deixa claro que o resultado esperado de uma terapia bem sucedida é que o indivíduo se aproxime de uma totalidade que englobe todo o seu Ser, de modo a não mais se colocar de uma forma meramente parcial e unilateral diante da vida, dos processos sociais, culturais, históricos e psíquicos.

Por isto tudo, vocês devem ter em mente que quando tocam no paciente para efetuar uma ou outra manobra de massagem, muito mais de vocês e do paciente está entrando em contacto do que meramente vossas mãos com o corpo dele. Há um todo do qual vocês enquanto profissionais massagistas fazem parte e que engloba muito mais do que às vezes imaginamos. Basta lembrarmos que existe a história de vida deste paciente, mais a história de vida do massagista, o momento presente que cada um está vivenciando naquele instante, as fantasias conscientes ou inconscientes que cada qual possa ter e mais o estado de equilíbrio ou desequilíbrio que cada qual possa estar vivenciando nos vários e diversificados segmentos de suas vidas.

Apesar das manobras e técnicas empregadas pelo massagista parecerem serem algo meramente mecânico e repetitivo, no tocante ao Ser humano nada é meramente mecânico, pois tudo ganha um significado próprio e uma interpretação que variará de acordo com as fantasias em jogo naquele dado momento.

É importante, pois, ao profissional de massagem uma postura pessoal e profissional que o identifique e o apresente enquanto profissional, postura essa que tenderá a gerar confiança e a impedir mal entendidos ou equívocos desagradáveis, mas é também necessário a este profissional ter em mente que ele próprio é um todo complexo e que nem sempre aquilo que ele próprio pensa estar dizendo é de fato o que esta comunicando ao outro, da mesma forma que o cliente/paciente há de comunicar muito mais do que meramente o que diz ou deixa de dizer.

Espero ter conseguido nesta breve comunicação abrir novos horizontes e perspectivas a partir de uma pequena contribuição oriunda da psicologia profunda. Fico contente se pelo menos consegui despertar o interesse para um campo maior e bem mais vasto do qual esta pequena comunicação nem de longe sequer arranhou a ponta do iceberg.

-----

Notas:

1- Palestra ministrada em 7/4/1994 no auditório do SENAC/RJ, rua Santa Luzia, próx. à Cinelândia, para uma turma de Massagistas.



No primeiro momento temos que o juízo de gosto se apresenta como um tipo particular de juízo estético e que a complacência que o acompanha é independente de todo o interesse.

Bem, temos que no agradável e no bom (seja este entendido como útil ou como Bem) está presente o interesse na existência do objeto, o mesmo não ocorre na representação desinteressada que o belo faz do objeto.

Trata-se aqui, também, de uma questão fundamental, que é a questão da representação com o sentimento. O sentimento se dá como unicamente subjetivo, sem nenhuma relação com o conhecimento e o juízo estético se dá a partir do sentimento (se bem que aqui também haja uma certa complicação no que concerne à primazia do juízo ou do sentimento, questão esta delicada e deveras complexa). A faculdade de conhecimento, por sua vez, é a faculdade de representação. O entendimento é a faculdade legisladora e legislar é unificar a diversidade e multiplicidade sobre dadas regras. Temos dois tipos de legislação, a do entendimento e a da razão, esta última se ocupa do Bem moral. No caso do juízo de gosto, os mesmos não se baseiam em dada legislação, se apresentam como resultantes do jogo livre e indeterminado das faculdades da imaginação e entendimento (Kant, I. CFJ, pág. 62, parágrafo 9).

*“A legislação mediante conceitos da natureza ocorre mediante o entendimento e é teórica. A legislação mediante o conceito de liberdade acontece pela razão e é simplesmente prática.” Kant, I. CFJ, pág. 19.*

*“A razão e o entendimento possuem por isso duas legislações diferentes num e mesmo território da experiência, sem que seja permitido a uma interferir na outra.” Kant, I. CFJ, pág. 19.*

O juízo de gosto se dá na presença do objeto que o motiva, de forma imediata e instantânea, ficando o entendimento a serviço da imaginação. Esta imediatez do juízo de gosto se dá por o mesmo não se basear em conceitos e sim na intuição do objeto. O entendimento não pode intuir e a sensação não pode pensar. A relação com o objeto é mediata quando se dá a par com conceitos e é imediata na intuição.

O juízo de gosto não é nem lógico nem objetivo e sim subjetivo e se mostra vinculado ao sentimento de prazer e desprazer. Trata-se de uma faculdade de ajuizamento que possui a singularidade de só poder se dar

diante do objeto que motiva o juízo, não sendo possível chegar ao juízo de belo sem a presença do objeto, no entanto, apesar desta singularidade, o mesmo exige uma universalidade. Tal universalidade, no entanto, não se baseia num conhecimento sobre o objeto que me permita inferir e demonstrar que o mesmo é belo, pois o belo livre não se vincula a nenhum conjunto de regras pré-estabelecidas. A única forma de outro indivíduo considerar aquele objeto em particular como belo será colocar-se diante do mesmo e aí sim ajuizá-lo como belo, não sendo possível fazê-lo fora de sua presença, no entanto afirmamos a universalidade da beleza deste objeto como se todos devessem com a mesma concordar quando diante do mesmo.

A complacência no juízo de gosto se dá independente de qualquer interesse, o que distingue o belo do agradável e do bom enquanto útil, pois se algo me é agradável ou útil é mister que o queira como existindo de fato e que a presença ou ausência de sua existência seja algo que motive meu interesse. A ausência de interesse também há de distinguir o belo do bom enquanto Bem moral, pois este último também motiva o interesse, pois temos interesse na existência e realização do Bem e buscamos a sua realização por intermédio de máximas oriundas da razão legislante e que atuam como um dever ser auto-imposto. No entanto, a ausência de interesse no belo não o distingue, neste particular, do sublime, pois também não temos interesse na existência do sublime, se bem que o mesmo nos possa reportar ao Bem moral, a partir da nossa imaginação e divagação diante do sublime.

*“Chama-se interesse a complacência que ligamos à representação da existência de um objeto.” Kant, I. CFJ, pág. 49 parágrafo 2.*

Temos três espécies de interesses: 1- teórico, 2- agradável, 3- moral.

*“Um juízo sobre um objeto da complacência pode ser totalmente desinteressado e ser contudo muito interessante, isto é, ele não se funda sobre nenhum interesse, mas produz um interesse; tais são todos os juízos morais puros.” Kant, I. CFJ, pág. 50 nota 23.*

*“Não se tem que simpatizar minimamente com a existência da coisa, mas ser a esse respeito completamente indiferente para em matéria de gosto desempenhar o papel de juiz.” Kant, I. CFJ, pág. 50 parágrafo 2.*

No belo não há interesse na existência do objeto enquanto no bom e no agradável temos a presença de interesse. O agradável se vincula à sensação enquanto o belo ao sentimento. O agradável é algo que se nos mostra como prazeroso, em prol deste prazer temos interesse na existência deste objeto, pois o prazer estará vinculado à sensação diante da existência deste objeto.

*“A complacência no belo tem que depender da reflexão sobre um objeto, que conduz a um conceito qualquer (sem determinar qual), e desta maneira distingue-se também do agradável, que assenta inteiramente na sensação.” Kant, I. CFJ, pág. 52 parágrafo 4.*

Ao mesmo tempo em que a complacência no belo é colocada vinculada a um sentimento de prazer/desprazer, temos que o mesmo se distingue do agradável por estar vinculado a um conceito indeterminado que se dá a partir do livre e indeterminado jogo das faculdades de imaginação e entendimento.

O belo e o agradável se aproximam no tocante da imediaticidade, pois ambos não se baseiam em regras ou conceitos e sim, se dão a partir da representação intuitiva do objeto.

*“...Em relação ao bom sempre se pergunta se é só mediatamente-bom ou imediatamente-bom (se é útil ou bom em si); enquanto em relação ao agradável, contrariamente, essa questão não pode ser posta, porque a palavra sempre significa algo que apraz imediatamente. (O mesmo se passa também com o que denomino belo.)” Kant, I. CFJ, pág. 52 e 53 parágrafo 4.*

*“Agradável chama-se para alguém aquilo que o deleita; belo, aquilo que meramente o apraz, bom, aquilo que é estimado, aprovado, isto é, onde é posto por ele um valor objetivo.” Kant, I. CFJ, pág. 54 parágrafo 5.*

A comida pode se apresentar como agradável, mas não como estética (vide: Kant I. CFJ, pág. 131, parágrafo 33). O juízo de gosto pelo agradável não possui universalidade, ao contrário do juízo sobre o bom enquanto Bem moral e do juízo sobre o belo.

Embora não se possa provar se algo é ou não belo, pois o mesmo não é conceitual e nem se baseia em regras, pode-se afirmar a exigência de uma universalidade decorrente da complacência sem interesse.

Vale assinalar que quando se fala em juízo de gosto puro, como, por exemplo, no parágrafo 6 pag. 56 (Kant, I. CFJ), trata-se de uma abstração, não existindo na prática. Kant é cuidadoso na escolha das palavras quando se reporta a universalidade no juízo de belo, tal se deve a esta universalidade não ser de fato e sim de direito.

O gosto não é cabível de discussão, cada um tem o seu, enquanto nele entra o interesse, pois o interesse de um indivíduo não necessariamente será idêntico ao de outro. Já o juízo de belo carrega em si a exigência de universalidade oriunda da complacência sem interesse. Agora, devemos salientar que esta universalidade que apresenta o juízo estético é diferente da universalidade lógica, da mesma forma que a singularidade lógica é diferente da estética. O juízo estético logicamente é singular, pois concerne a um único objeto e não a um grupo ou classe de objetos.

Já o juízo sobre o bom é conceitual, funda-se sobre um conceito, enquanto o agradável é empírico e o belo é a priori. A universalidade de um juízo estético é subjetiva.

No juízo de gosto a beleza é desvinculada da verdade, não proporcionando à beleza conhecimento algum sobre o objeto em questão.

Já no tocante ao sublime, temos que o mesmo se dá diante da percepção do enorme e colossal poder que a natureza possui e no entanto, carece completamente de força. Kant faz aqui uma distinção entre por um lado poder e por outro força e apresenta-nos a natureza como um enorme poder sem força. A razão implica no juízo sobre o sublime diante da natureza, mas não no juízo sobre o belo, pois este último é independente da razão e do entendimento.

O juízo estético abarca tanto o agradável como o belo (vide: Kant, I. CFJ, parágrafo 8, pág. 60), sendo mais amplo que o juízo de gosto, o qual se dá como um tipo particular de juízo estético.

O agradável, o bom, o Bem e o belo são distintos e diferentes entre si, se bem que possuam alguns pontos em comum, como, por exemplo, a universalidade presente tanto no belo como no Bem, apesar que no belo trata-se de uma universalidade que se dá diferentemente da do Bem.

A validade universal pode ser subjetiva (sem conceitos) ou objetiva (com conceitos). O conhecimento objetivo é sintético a priori e portanto universal e necessário.

No juízo de gosto referente ao Belo temos um juízo subjetivo universal e necessário, só sendo tal válido do ponto de vista transcendental no tocante à origem como proposição singular com pretensão à universalidade e não sendo válido do ponto de vista lógico com pretensão à universalidade. Ex.: “Esta rosa é bela”, é um juízo singular com pretensão à universalidade e é um juízo estético, o que é diferente de dizer: “1- todas as rosas são belas, 2- esta rosa é, portanto, bela”, pois este último enunciado é um juízo lógico e não estético. O juízo de gosto, diferentemente do juízo lógico e do da moral, se dá na presença do objeto ao qual se refere.

No juízo sobre o belo a universalidade se dá como consequência do desinteresse e se mostra diferente em relação à unanimidade, a qual é sempre empírica e precede o ajuizamento. Ao dizer que algo é belo o autor da frase não está expressando a sua opinião que todos o achem belo, não se trata aqui de uma unanimidade e sim do sentimento de que todos devam achar tal objeto como belo, independente disto ocorrer ou não.

No tocante à primazia do ajuizamento ou do sentimento de prazer no juízo de gosto, parágrafo 9 pág. 61 (Kant, I. CFJ), temos que levar em consideração a distinção kantiana entre “começar com” e “derivar de” (no sentido “forte” do termo, como “determinar”), tal como aparece na primeira crítica (vide: “todo conhecimento começa pela experiência mas não deriva dela”), pois o sentimento estético está presente no começo, mas não é dele que se deriva e sim do juízo. Desta forma pode-se resolver a aparente contradição entre o parágrafo 2 (no qual o sentimento aparece como fundante) e o parágrafo 9 (no qual o ajuizamento aparece como fundante). O fundamento do juízo de gosto tende a aparecer como o estado de ânimo, o qual é determinado por um sentimento de prazer e universalidade. O livre jogo das faculdades determina o juízo e o juízo determina o prazer.

O juízo sobre o belo se dá na presença do objeto que se representa. O juízo é inicialmente singular e não depende da existência do objeto, se bem que o juízo se dê a partir do objeto. O belo se apresenta como um sentimento produzido, determinado por um determinado estado de ânimo.

Pelo que já vimos, a terceira crítica realiza um deslocamento entre uma estética objetiva para uma estética subjetiva.

No terceiro momento temos que o belo se nos apresenta como conformidade a fins sem fins, ora, temos que no agradável não podemos falar em conformidade a fins, pois agradável é o que agrada independente de qualquer fim. Já no tocante ao bom podemos falar em fins, mas tanto no bom enquanto útil como no bom enquanto Bem, temos que tais fins pré-supõem um conceito ou regras nos quais se baseiam e para onde se direcionam. No tocante ao belo, no entanto, tal conformidade a fins se dá independente de fins reais, tudo ocorre “como se”.

*“A conformidade a fins objetiva somente pode ser conhecida através da referência do múltiplo a um fim determinado, logo somente por um conceito. Disso, todavia, já resulta que o belo, cujo ajuizamento tem por fundamento uma conformidade a fins meramente formal, isto é, uma conformidade a fins sem fim, é totalmente independente da representação do bom, porque o último pressupõe uma conformidade a fins objetiva, isto é, a referência do objeto a um fim determinado.” Kant, I. CFJ, pág. 72 parágrafo 15.*

O belo/beleza livre há de diferenciar-se do aderente, pois o primeiro carece de conceito, enquanto o segundo se dá a partir da existência de um conceito.

*“No ajuizamento de uma beleza livre (segundo a mera forma), o juízo de gosto é puro. Não é pressuposto nenhum conceito de qualquer fim, para o qual o múltiplo deva servir ao objeto dado e o qual este último deva representar, mediante o que unicamente seria limitada a liberdade da faculdade da imaginação, que na observação da figura por assim dizer joga.*

*No entanto, a beleza de um ser humano (e dentro desta espécie a de um homem ou uma mulher ou um filho), a beleza de um cavalo, de um edifício (como igreja, palácio, arsenal ou casa de campo) pressupõe um conceito do fim que determina o que a coisa deva ser, por conseguinte um conceito de sua perfeição, e é portanto, beleza simplesmente aderente.” Kant, I. CFJ, págs. 75 e 76 parágrafo 16.*

Quanto a um possível ideal de beleza, este só se encontra enquanto ideal de beleza e perfeição no homem e na humanidade em sua pessoa, tal ideal se diferencia do belo em si, bem como do belo aderente, não sendo correto igualá-los. O ideal de beleza se dá no meio moral humano e é diferente da idéia normal do belo (a idéia normal do belo é obtida pela

média aritmética das características de uma espécie. Se dá de forma empírica).

A *Crítica da Faculdade do Juízo*, 3º Crítica de Kant, tem por finalidade ser ponte de ligação e ao mesmo tempo diminuir a distância entre as duas primeiras críticas. Pois a passagem da razão pura teórica para a razão prática há de se dar de forma a preservar a necessidade do determinismo na 1º e da liberdade na 2º. É pelo juízo, seja do belo, do sublime ou teleológico, que melhor se instala esta ponte entre as duas primeiras críticas e se estabelece, também, um novo espaço para a “religação dentro dos limites da simples razão”.

Kant diferencia o entendimento da razão, sendo que o primeiro lida com conceitos da natureza, enquanto a razão com conceitos da liberdade.

Na Crítica da Razão Pura se fala em dois tipos de “a priori”, os oriundos da sensibilidade, dados pela intuição sensível como a priori de tempo e espaço e os oriundos do entendimento, dados por conceitos, expressos nas categorias.

*“Apenas no plano prático pode a razão ser legisladora...” Kant, I. CFJ, pág. 19.*

Na pág. 21 (CFJ) vemos que Kant argumenta em favor do juízo como termo médio entre a legislação da razão e as determinações do entendimento. O juízo poderia bem ter, não uma legislação mas sim um princípio a priori e subjetivo e que no entanto buscasse leis de caráter universal em dado território próprio, onde tais leis obteriam validade.

Kant definirá a faculdade do juízo, na pág.23 (CFJ), como sendo a que subsume o particular sob o geral/universal. Tal faculdade se exerce de forma reflexiva e não determinante e por isso necessita de um princípio a priori, pois não lhe é possível retirar tal princípio da experiência.

Algo a que considero belo em si tende a trazer-me um sentimento de prazer que é compartilhado, em presença deste objeto, por outros seres racionais (daí o termo complacência). No entanto, no belo tal prazer é dissociado obrigatoriamente de interesses ou simpatias que possa ter pela coisa/objeto, ou mesmo de qualquer utilidade que a mesma possa vir a trazer.

Já no tocante a algo considerado agradável, ao contrário do belo, está presente o interesse pela existência do mesmo.

Não só ao agradável, mas também ao bom está presente o interesse. Temos o bom enquanto útil e que agrada enquanto meio de se atingir a dado fim, e o bom em si (Bem moral), que tende a agradar por si mesmo e em si. Como Kant deixa claro no parágrafo 4 (CFJ), para considerar algo bom é necessário ter um conceito do mesmo e saber a que fim o mesmo se destina, o que é desnecessário para o belo. “A complacência no belo tem que depender da reflexão sobre um objeto, que conduz a um conceito qualquer (sem determinar qual), e desta maneira distingue-se também do agradável, que assenta inteiramente na sensação.” Kant, I. CFJ, pág. 52 parágrafo 4.

O agradável se dá imediatamente, enquanto o bom é mediato por ser conceitual, no entanto, o belo também se dá de imediato, possuindo isto em comum com o meramente agradável, apesar de diferir no demais. Tanto o agradável como o bom enquanto útil, ou mesmo enquanto bem moral, tendem a se afastarem do belo por levarem em conta o interesse no objeto em questão, interesse este ausente no belo.

O juízo de gosto é oriundo da contemplação e como tal não carrega em si conceitos ou conhecimento, seja teórico ou prático. Não tem pois o juízo de gosto sua fundação ou finalidade em quaisquer conceitos.

O juízo de gosto é indiferente à existência real do objeto, pois se atém unicamente à contemplação, nisto se opõe ao agradável e ao bom, pois ambos em virtude do interesse no objeto e a finalidade nele buscada, exigem a existência do objeto. Ou seja, tanto no agradável como também no bom não é somente o objeto que causa prazer, mas a própria existência do mesmo, o que já não ocorre no juízo de gosto, o qual se atém à contemplação deste mesmo objeto. O agradável, o belo e o bom se diferenciam entre si.

O prazer obtido pela contemplação do belo é o único que se mostra desinteressado e livre, pois nele os instintos e a sensação de prazer/desprazer não são determinantes, nem é o mesmo determinado por interesses dos sentidos ou da razão.

A complacência no tocante ao juízo do gosto pelo belo “*refere-se a inclinação ou favor ou respeito*” Kant, I. CFJ, parágrafo 5 pág. 55. Desta forma vemos que o juízo desinteressado do gosto pelo belo mantém uma semelhança com o respeito oriundo da ação moral, pois tal também é desinteressado e se dá pela contemplação da ação não como

um meio para se atingir a dado fim, mas como um fim em si mesma. Na verdade, tal semelhança se dá somente no tocante ao sentimento de respeito, pois aqui no juízo do gosto não existe nenhum imperativo categórico aceito pela razão enquanto legisladora e que nos force a considerar tal ou qual objeto belo. Como já dissemos, a complacência oriunda do belo não é mediata e sim imediata e não carrega em si nenhum interesse ou finalidade. Assinalemos também que se bem que o respeito moral seja desinteressado no sentido de não se fundar sobre interesses, a partir do mesmo cria-se o interesse na realização do Bem moral.

A liberdade do juízo do gosto provém justamente de o mesmo não nos ser imposto, seja por uma inclinação ou por um imperativo da razão. Para que o juízo do gosto possa ser livre é preciso que não haja necessidades a serem saciadas, de modo que o mesmo possa se dar sem manter vínculos de interesse com o objeto do respectivo juízo.

O juízo fundado sobre o agradável, enquanto prazeroso a alguém, não possui uni-versalidade, valendo a princípio unicamente para o indivíduo que o formula e não para as demais pessoas, pois cada pessoa, no tocante aos sentidos, possui o seu próprio gosto e que faz referência unicamente a ela mesma.

Belo, por sua vez e ao contrário do meramente agradável, possui universalidade. Quando empregamos um juízo concernente à beleza de dado objeto, temos que tal deve se aplicar a todo e qualquer ser racional, pois se algo realmente é belo, não o é somente para mim ou para um pequeno grupo de indivíduos, tal objeto deve ser belo para todos.

Tal universalidade, no entanto, não se dá de forma objetiva em um juízo do gosto e sim de forma subjetiva.

Tanto no agradável como também no juízo do gosto por algo belo, está presente o prazer proporcionado pelo objeto em questão, mas com uma diferença, pois para o agradável é o próprio objeto que causa prazer, enquanto no belo este prazer não precede o juízo, ou melhor dizendo, o prazer no belo é resultante do juízo sobre o objeto.

O juízo de gosto não pode estar sujeito a fins, sejam estes objetivos ou subjetivos, pois havendo um fim haveria também interesse, o que está ausente no juízo estético. O juízo de gosto é independente tanto de interesse como de atrativo, comoção, ou da representação do bom e da perfeição, tendo seus fundamentos a priori e subjetivamente.

Se temos um juízo de gosto no qual um dado objeto é declarado belo a partir de conceitos específicos, então tal juízo não é, como é óbvio, puro e a priori, pois carrega em si a mediação do conceito. Tais objetos considerados belos pela mediação de um conceito se põem sob a égide do bom, tal pode ser o caso, por exemplo, de um ser humano, de um palácio ou igreja, pois tais pressupõem um dado fim e perfeição.

A faculdade de imaginação influi no gosto de forma a preferirmos como belo aquilo que mais se aproxima da natureza em toda a sua variedade de formas do que aos objetos submetidos a coerção de regras artificiais no intuito de organizá-los.

*“O julgamento da beleza artística terá de ser considerado, posteriormente, como mera consequência dos mesmos princípios que estão no fundamento e do juízo sobre a beleza natural.” Kant, I. Prolegômenos, pág. 297.*

Quanto a relação do belo com o sublime, temos que em ambos o prazer se dá de imediato, não sendo, portanto, precedido por quaisquer representações, no que ambos se aproximam do agradável e se afastam do bom.

Diferenciam-se o belo e o sublime do agradável por não se prenderem ao prazer proporcionado por uma sensação e pelo desinteresse na existência do referido objeto.

Os juízos do belo e do sublime são singulares e subjetivos, mas se anunciam como universais e necessários e se bem que não haja a representação de um fim, os mesmos se apresentam em forma de conformidade a fins sem fins. Ambos se relacionam com o sentimento de prazer/desprazer proporcionado por um objeto e não com o conhecimento deste mesmo objeto.

O juízo do belo se refere especificamente a um objeto externo a nós, o que não ocorre no sublime, onde este objeto em si não nos traz o sublime e nem nos agrada (sendo mais provável um total desagrado oriundo da contemplação deste objeto). A idéia de sublime é obtida unicamente pelo sentimento nos provocado pelas intuições dos objetos. Mesmo o caos, a desordem e devastação observada na natureza pode nos suscitar o sentimento de sublime, sendo que este se aparta totalmente de uma idéia de conformidade a fins na natureza.

*“Do belo da natureza temos que procurar um fundamento fora de nós; do sublime, porém, simplesmente em nós e na maneira de pensar que introduz à representação da primeira sublimidade...; Kant, I. CFJ, pág. 92 parágrafo 23.*

Belo e sublime se apresentam iguais no tocante à análise dos quatro momentos concernentes ao juízo estético reflexivo, ou seja, no tocante à quantidade se apresentam como universalmente válidos, no tocante à qualidade se apresentam como livres de quaisquer interesses, no tocante à relação se apresentam como conformidade a fins subjetiva (ou seja, sem representação de fins) e no tocante à modalidade se apresentam como necessários.

Como já assinalado, dirigimos um juízo sobre o belo para um objeto externo a nós, como algo colocado diante de nossa observação, no sublime, no entanto, o juízo não se refere tanto ao objeto como a nós próprios, sendo o objeto considerado mais como o estímulo que nos faz buscar em nós o sentimento de sublime. Aqui também se encaixa a observação de Kant sobre a grandeza e magnitude do sublime, trata-se não de uma referência direta ao tamanho do objeto que nos serve a contemplação e sim da relação que este dispõe com nossa alma na medida que o ajuizamos enquanto sublime.

Quando reconhece-se o poder da natureza, em sua incomensurabilidade e por vezes destruição devastadora, mas estando-se a salvo nas nossas necessidades físicas de sobrevivência, reconhece-se também a força de resistência que possuímos diante do poder da natureza e tal *“nos encoraja a medir-nos com a aparente onipotência da natureza”* (Kant, I. CFJ, parágrafo 28 pág. 107) encontrando em nós uma superioridade diante desta mesma natureza, gerando em nossa alma um sentimento de sublimidade.

O sentimento do sublime apesar de possuir seu fundamento na natureza humana e na disposição de alma para o sentimento e respeito moral, necessita mais que no juízo do belo, da cultura, pois presos à superstição e sem conhecer-se melhor o poder expresso pela natureza pode-se fundar a disposição de ânimo sobre o medo, terror e angústia diante desta mesma natureza. O homem inculto tenderá a ver aquilo que denominamos de sublime como algo de absolutamente terrificante e que poderia gerar sua própria destruição.

“O belo prepara-nos para amar sem interesse algo, mesmo a natureza; o sublime, para estimá-lo, mesmo contra nosso interesse (sensível).” Kant, I. CFJ, pág. 114 parágrafo 29 obs.

Quanto ao juízo de gosto referente ao belo tem-se ainda a dizer que o mesmo exige autonomia, o que não ocorreria se o baseássemos em critérios externos a nós, como, por exemplo, opiniões de outros ou conceitos sobre o que venha a ser o belo, em tal caso o juízo deixaria de ser autônomo para ser heterônomo. O juízo de gosto também tende a se mostrar como um juízo singular sobre um objeto, não sendo determinável por argumentos, é necessário experienciar o objeto para subsequente-mente emitir-se o juízo, não sendo possível ajuizar sobre o mesmo sem previamente o experienciar. O juízo de gosto é subjetivo e não é possível haver princípio objetivo para o mesmo. O juízo de gosto tende a se basear na ligação imediata com um sentimento de prazer/desprazer proporcionado pelo contacto com o objeto, não se baseando, portanto, em premissas ou conceitos.

“É um juízo empírico o fato de que eu perceba e ajuíze um objeto com prazer. É porém um juízo a priori que eu o considere belo, isto é, que eu deva imputar aquela complacência a qualquer um como necessária.” Kant, I. CFJ, pág. 135 parágrafo 37.

E por fim devemos acrescentar que a razão prática, no sentimento e respeito moral, se relaciona intimamente com a terceira crítica, e em particular com o sentimento do belo e do sublime aqui discutidos. A terceira crítica tem como intuito não somente ser mediadora entre o entendimento (na primeira crítica) e a razão (na segunda crítica), como também a abrir um espaço para a teologia a partir da teleologia, abrindo um espaço, também, para a observação da conformidade aos princípios morais a partir da natureza, no que possui de belo e sublime.

## BIBLIOGRAFIA

**FRAILE**, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Guillermo Fraile e Teófilo Urdanoz (O.P.). Madrid: B.A.C., Editorial Católica. (8 VOLS, 9 LIVROS).

*Histoire de la philosophie*. Sous la direction de Brice Parain. Encyclopédie de la Pléiade, Éditions Gallimard, 1969. (3 vols).

**HUME**, David. *Os pensadores: Do padrão do gosto*. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

**KANT**, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

**KANT**, Immanuel. *Oeuvres philosophiques*. Trad. sous la direction de Ferdinand Alquié. Bibliothèque de la Pléiade, Editions Gallimard, 1980. (obs.: obras completas de Kant em 3 volumes).

**KANT**, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Trad. Afonso Bertagnoli. Rio de Janeiro: Ediouro/Tecnoprint, [s.d.].

**KANT**, Immanuel. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. Org. Ricardo R. Terra. Comentários: Ricardo R. Terra, Gérard Lebrun e José Arthur Giannotti. São Paulo: Brasiliense, 1986 (ed. bilingüe).

**KANT**, Immanuel. *Da utilidade de uma nova crítica da razão pura: Resposta a Eberhard*. Trad. Márcio Pugliesi e Edson Bini. São Paulo: Hemus, 1975.

**KANT**, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

**LACROIX**, Jean. *Kant et le kantisme*. 5. ed. presses universitaires de France, 1977.

**LEBRUN**, Gérard. *Sobre Kant*. Trad. José Oscar Almeida Morais, Maria Regina Avelar Coelho da Rocha, Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1993.

**PASCAL**, Georges. *O pensamento de Kant*. Trad. Raimundo Vier. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

**SCRUTON**, Roger. *Kant*. Trad. Maria Margarida Carrinho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.



geral estão meramente dentro do mundo, a presença se diferencia pela relação que mantém com este mesmo mundo circundante.

Entes simplesmente dados, não podem "tocar" um outro ente, ao contrário da presença, na qual o "tocar" faz parte de sua constituição essencial, enquanto ser-no-mundo. À presença já lhe foi descoberta um mundo, enquanto o Ser simplesmente dado é destituído de mundo. Trata-se, portanto, de uma diferença ontológica entre o Ser dos entes simplesmente dados e o Ser da Presença.

O Ser da Presença, enquanto ser-no-mundo, é basicamente ocupação com o mundo e enquanto ocupação, "*o ser-no-mundo é tomado pelo mundo de que se ocupa*" (pág. 100). A cotidianidade e a impessoalidade dentro da mundanidade do mundo tende a delegar uma dada identidade à presença, identidade esta, vinculada à ocupação em que se encontra a presença quando diante de si mesma ou de outras presenças que lhe vem ao encontro dentro do "mundo das ocupações".

Daí a diferença entre o ser simplesmente dado no mundo (o ente intramundano) e o Ser-em um mundo da presença.

O Ser cotidiano da presença, dentro da mundanidade do mundo dá-se sempre enquanto ocupação e co-presença, onde a relação com o mundo gera uma absorção da presença por este próprio mundo, onde a presença cai na impessoalidade, no "Man". A impessoalidade está "nos outros", onde "os outros" não são somente presenças distintas da nossa, mas onde nossa própria presença se inclui. Não se trata de algo positivo ou negativo, nem seria correto um julgamento de valor ou entender a significação do "Man" como algo pejorativo. Trata-se isto sim, de um modo ontológico da presença, que tende a ocupar a maior parte do tempo da mesma dentro de sua cotidianidade.

No cap. 5º, onde encontra-se em particular o tema deste trabalho (a curiosidade) temos também a análise do Ser em um mundo (já desenvolvida em parte no cap. IV), do Ser em sua cotidianidade e mundanidade e por conseguinte do "Man", do impessoal, pois o Ser da Presença em sua cotidianidade é o impessoal, "os outros", nos quais a própria presença se inclui. O "quem?" da presença em sua cotidianidade tem como resposta um "ninguém" que representa "a todos os outros" e onde a própria presença "se esconde".

O próprio da presença na cotidianidade é o impessoal, o "Man" e é analisando fenomenologicamente esta cotidianidade ôntico-ontológica do Ser do ente da Presença em um mundo, dentro da mundanidade deste mundo, a partir das ocupações e preocupações desta presença enquanto inserida neste "outros", que caracteriza mais essencialmente o próprio da presença quotidiana, isto é, a impessoalidade, que chegamos a presença enquanto disposição e compreensão, bem como interpretação, o que nos encaminha num primeiro momento para a linguagem e num segundo momento para a história enquanto temporalidade.

A análise do próprio da cotidianidade, isto é, do "Man", do impessoal, conduzirá seguidamente ao parágrafo 35 ("falarório"), 36 ("curiosidade") e 37 ("ambigüidade").

Em Heidegger, temos que a presença é identificada com a sua abertura, a qual se dá na estrutura ontológica existencial do ente da presença, que onticamente entendemos por "luz natural". É por meio da abertura que a presença se relaciona na cotidianidade e mundanidade com outras presenças, bem como consigo própria e é ainda a partir da abertura apresentada pela presença que esta atua diante das ocupações e preocupações que lhe vem ao encontro em sua cotidianidade.

É na abertura que se torna possível "a visão", enquanto compreensão executada pela presença na "apropriação" dos entes que lhe vem ao encontro em sua cotidianidade e mundanidade. A cotidianidade tem como próprio, uma tendência ontológica para "ver", a qual segundo Heidegger faz parte da "constituição fundamental da visão" e é designada como curiosidade.

A luz natural na presença não é proveniente de outros seres, mas é uma estrutura ontológica-existencial da própria presença, sendo portanto oriunda dela própria e não de outros. Desta forma é pela "luz natural" da presença que os demais entes se fazem a ela conhecidos, sendo a presença a sua própria abertura.

Toda e qualquer abertura da presença se dá a par com um estado determinado de humor, dos quais posteriormente Heidegger priorizará a angústia. Na abertura demonstrada pela presença diante das ocupações e preocupações, já há um estado de humor que propicia a esta presença determinada compreensão do que lhe cerca. Esta compreensão é decorrente em grande parte do estado de humor presente nesta abertura e que

portanto poderia ser diferente, resultando em outro modo de compreensão, caso a abertura demonstrada também fosse outra.

A abertura em determinado estado de humor está sempre presente e por vezes sua compreensão e direcionamento se faz necessária no modo de ser do impessoal enquanto publicidade (no sentido de aberto para todos, de ser público) como no exemplo dado por Heidegger do orador (pág. 193).

Analisando modos de ser do impessoal, temos de início o "falatório". Trata-se da forma como a presença quotidiana interage na compreensão e interpretação do mundo circundante.

Na cotidianidade da presença, no seu próprio impessoal, dá-se o "falatório", bem como o "escritório", onde num estamos no âmbito da fala/linguagem oral e no outro da escrita. Tanto o "falatório" como o "escritório" têm em comum a superficialidade do discurso, o descompromisso com a fundamentação do que se diz ou faz, e a convivência com o excesso do dito. Como se o excesso do dito/falado viesse a sanar a carência de fundamentação e compromisso autêntico com o afirmado.

O discurso do "falatório" se dá dentro de uma abertura e humor propiciada pela presença em sua cotidianidade e publicidade, onde ao insistirmos em uma fundamentação do que se diz ou faz, temos em última instância, "os outros" como referencial na medida em que assim se diz, faz ou procede porque todos "os outros" assim também agem, ora, como já vimos, neste "outros" está presente a própria presença, enquanto "Man", impessoal, Ser inautêntico.

O objetivo do "falatório" e do "escritório" não é o ente ou o Ser do qual se fala, mas a própria linguagem, enquanto "falado", portanto, fala-se e escuta-se sem no entanto refletir-se sobre o falado ou escutado, contenta-se em passar adiante a informação. A autoridade do falado no "falatório" provém da própria repetição e ausência de fundamentação do que se fala.

O "falatório" "se alimenta" na "curiosidade" e esta junção gera a ambigüidade, característica da decadência da presença enquanto "estar lançado" ao mundo. Esta decadência, no entanto, não deve ser vista num sentido negativo ou pejorativo e sim como uma perda da presença, na publicidade da cotidianidade oriunda do estar lançado na mundanidade

do mundo, envolto pelo mundo e na impessoalidade que esta cotidianidade acarreta.

O ser cotidiano em que a presença se encontra em sua mundanidade se faz notar pela decadência, a qual se apresenta nos modos analisados por Heidegger como: "faltàrio", "curiosidade" e "ambigüidade".

O "faltàrio", a "curiosidade" e a "ambigüidade" se apresentam como modos da decadência do estar lançado em um mundo e como características existenciais do ser da presença, constituem o seu próprio ser, não sendo algo aleatoriamente lhe dado.

"Faltàrio", "curiosidade" e "ambigüidade" estão intimamente vinculados e se dão em conjunto. O "faltàrio" "que tudo sabe" sem por nada realmente se interessar se vincula à "curiosidade" "que tudo quer saber", sem no entanto se aprofundar em coisa alguma. Tais fenômenos geram por sua vez a "ambigüidade".

O parágrafo 36, que trata especificamente do fenômeno da curiosidade (pág.230), sem no entanto desvinculá-lo de outros fenômenos que compõem a estrutura do ser da presença cotidiana, começa por lembrar que durante a análise da compreensão (parágrafo 31) e da abertura do "pre" se fez referência à "luz natural".

Quando falamos de "luz natural" (pág. 230) no ser humano, falamos da estrutura ontológica existencial do ente que é sua presença. Ao nos referirmos a esta "luz", queremos dizer que o ser da presença não precisa "ser iluminado" por outros seres, uma vez que o mesmo carrega em si a sua própria "luz", com a qual ele pode "iluminar o seu mundo" circundante. Esta claridade propiciada pela "luz natural" a presença faz com que a mesma seja sua própria claridade enquanto ser em um mundo, "a presença é a sua própria abertura".

A abertura (pág.230) da presença se dá pelos estados de humor, sendo que a presença já sempre se encontra em um determinado estado de humor.

Na abertura da presença sempre temos presente um dado estado de humor, não havendo como fugir disto, pois é parte integrante e ontológica da presença que esta se apresenta como abertura e humor.

O humor não só é responsável pela abertura da presença, como também pela forma como tal abertura há de se dar em relação a própria presença e ao estar lançado desta em um mundo, pois a forma como

captaremos o mundo a partir de nossa abertura é diretamente vinculada ao estado de humor que possuímos naquele momento, vide por exemplo o assim chamado “mau humor” que chega a ocasionar uma espécie de “cegueira” da presença em relação a ela própria e ao que lhe cerca, desencaminhando a sua visão de mundo. Também o estado de humor conhecido por “estar amando ou estar apaixonado” tende a desencaminhar a visão do cotidiano que cerca a presença, fazendo com que a forma como a mesma percebe a si e a realidade que lhe circunda mundanamente pela sua abertura seja alterada. Portanto, a forma como se relaciona a presença consigo própria e com o mundo, por meio de sua abertura, há de sofrer modificações e alterações de acordo com o estado de humor que se dá a par com a abertura que naquele momento apresenta a presença.

Heidegger nos diz que: “*É somente nessa claridade que se torna possível qualquer visão*” (pág. 230), ora, como sabemos, tal claridade se dá na abertura da presença enquanto ser em um mundo e como tal, esta abertura se apresenta sempre presente em conjunto com um determinado estado de humor, o qual há de influir na forma da presença se relacionar e perceber o mundo circundante, pois decerto o contacto que a presença mantenha dentro da mundanidade do mundo enquanto detentora de um estado de humor dito “mau humor” não será idêntico ao contacto mantido com o mesmo mundo, quando detentora de um estado de humor dito, por exemplo, “estar amando ou estar apaixonado”. Portanto não percebemos o “mundo em si”, e sim o mundo por meio de uma “janela” que é a nossa abertura (abertura da presença) e por meio das “cores”, enquanto estados de humor, que esta imprime ao mundo e sua mundanidade.

A “compreensão”, citada na primeira frase da pág. 230 conjuntamente com a “abertura” e a “luz natural”, se apresenta como uma das estruturas existenciais do ser da presença enquanto “af” ou “pre”.

Heidegger nos diz que toda disposição possui uma dada compreensão. Não há compreensão sem previamente haver uma abertura e um dado estado de humor, logo, não há compreensão possível sem a vinculação desta ao estado de humor presente a abertura da presença naquele momento, não havendo a possibilidade de uma “compreensão pura” isenta de influências “pró” ou “contra” oriundas do estado de humor que se apresenta naquela específica abertura.

Quando compreendemos algo, enquanto presença, o fazemos a partir de um dado estado de humor que se apresenta a partir da abertura propiciada. A compreensão, portanto, sofre influência deste estado de humor que acaba “revestindo” o objeto ou conceito a ser compreendido, não podemos compreender a coisa tal como “ela é” ou tal como ela se apresenta a outra presença naquele momento dado e sim como a mesma se apresenta a nós a partir de nossa abertura e estado de humor.

A compreensão enquanto abertura conduz a “possibilidades” e estas a um projeto. A compreensão encaminha o ser da presença para o seu destino enquanto projeto possível e previamente compreendido.

O “poder ser” do ser da presença se dá a partir da compreensão que constitui a abertura do ser no mundo a partir de inúmeras possibilidades em potencial que se delineiam dentro de um “projeto existencial”.

A compreensão se dá a partir da existência e abertura em um mundo, onde a presença se apresenta como algo que é, foi e poderá vir a ser. Nesta possibilidade existencial de vir a ser, se coloca a compreensão a par com um “projeto”.

A visão da presença se dá por meio da compreensão e caracteriza o que denominamos por “iluminação” dada na abertura do “aí”. Toda visão tem sua base inicial na compreensão e esta se vincula ao estar lançado da presença em um mundo, onde a presença exerce conjuntamente com a compreensão, modos de preocupação e dadas ocupações. “*A visão foi concebida na perspectiva do modo fundamental de abertura própria à presença...*” (pág. 230).

Heidegger vê na visão a abertura própria da presença, sendo pela mesma que se pode “apropriar” da realidade circundante, a visão se dá como compreensão que permite a partir das “possibilidades ontológicas essenciais” que a presença atue dentro da mundanidade do mundo exercendo suas ocupações e preocupações. Na cotidianidade e mundanidade a presença atua a partir da tendência ontológica para “ver” inerente a “*constituição fundamental da visão*” (pág. 230).

Esta constituição ontológica do “ver”, que caracteriza a visão enquanto abertura para com o mundo a partir da “luz natural” e da compreensão tida pela presença, há de caracterizar algo próprio da presença enquanto “estar lançado” em um mundo e dentro de uma mundanidade e cotidianidade, este algo pode ser denominado por “curiosidade”.

A curiosidade não se restringe ao “ver”, trata-se de um encontro próprio com o mundo perceptivo, tal encontro pode ser interpretado “*com um propósito fundamentalmente ontológico-existencial*” (pág. 231). Heidegger cita a Aristóteles e a S. Agostinho para exemplificar como tal modo de ser, expresso na curiosidade, pode degenerar em um excesso a ponto de aparentar verdadeira volúpia do “ver para ver”.

De fato, parece que ouve uma grande exacerbação da característica ontológica do “ver” a ponto mesmo de uma “erotização” da visão, onde esta propiciaria prazer e “sentido” por si e em si, desvinculando-se de uma sustentação e fundamentação no real, onde o importante não é o que se vê ou como e em que profundidade se vê, e sim o “ver por ver”, em algo semelhante a um “voyerismo” onde só “lucra” a “curiosidade”, enquanto parte do cotidiano e da decadência da presença na impessoalidade, no “Man”.

A “curiosidade” se traduz por um tipo especial de encontro com o mundo, de modo ontológico e existencial. A visão na “curiosidade” pode se aproximar da volúpia do ver pelo prazer de ver, “ver por ver”.

Autores gregos como Aristóteles ou Parmênides, ou mesmo medievais como S. Agostinho trataram do problema do ver. É interessante como a visão ganha predominância sobre os demais sentidos, havendo uma verdadeira volúpia ou concupiscência com relação ao sentido da visão. Neste ponto (pág. 231 e 232) Heidegger lembra conjuntamente com S. Agostinho que não dizemos “escuta como brilha, ou cheira como luze, ou saboreia como resplandece ou toca como irradia...” mas outrossim, dizemos com facilidade frases nas quais a visão é colocada em substituição a outros sentidos, como, por exemplo, a audição, o sabor, o tato, o olfato, etc.

A “curiosidade”, presente na impessoalidade e cotidianidade, tende a ocupar-se em “ver por ver”, livre de preocupação com o verdadeiro Ser das coisas. Não busca-se a compreensão do Ser e sim somente “o novo pelo novo”.

A “curiosidade” está vinculada a uma outra constituição existencial da presença, que vem a explicar esta concupiscência do olhar, trata-se da “ocupação”. A presença em sua mundanidade sempre exerce uma dada forma de ocupação (pág. 232) e preocupação, percebendo o mundo circundante por intermédio desta, ao mesmo tempo em que é percebido

por outras presenças a partir do exercício de dada ocupação bem como preocupação. É próprio do ser em um mundo, enquanto presença, se empenhar em uma conjuntura de ocupações e perceber a realidade a partir do exercício das mesmas, bem como ser percebido enquanto as exerce.

Mesmo quando interrompemos a ocupação para o repouso, esta não desaparece (pág.232), nós é que trocamos momentaneamente o sentido de nossa ocupação.

A partir desta mundanidade, o Ser da Presença se dá sempre a partir de uma ocupação com o mundo; uma Presença sempre nos vem ao encontro enquanto ocupação.

A relação que a presença mantém com o mundo a partir de sua cotidianidade e ocupação, tende a um encaminhamento no qual a Presença não só se relaciona com o mundo circundante, mas de certa forma, se deixa absorver pela própria mundanidade deste mundo, caindo no que Heidegger há de chamar de "Man", o impessoal.

Voltando à ocupação (pág. 232), a mesma se dá a par com a preocupação, sendo que esta última pode se apresentar em modos deficientes e indiferentes, e eficientes e não deficientes. A preocupação a par com a ocupação, pode se manifestar ontologicamente enquanto Cura (Sorge) exemplificada pela fábula nº 220 de Higino (parágrafo 42, pág. 263), ou como cuidado, enquanto se refere concretamente às ocupações diárias da presença.

A presença enquanto ser no mundo está obrigatoriamente vinculada a ocupações com este mesmo mundo e estas ocupações são guiadas pela visão de mundo que a presença possui. Esta visão de mundo descobre o manual e se atém a este estado de descoberta (pág. 232).

Como já dissemos anteriormente, é parte integrante da estrutura ontológica do Ser da Presença o ocupar-se e preocupar-se, portanto, na cotidianidade dá-se em conjunto com o "falatório", "curiosidade" e "ambigüidade", o ocupar-se e preocupar-se. Pois mesmo no "falatório" e na "curiosidade", temos um ocupar-se com algo, mesmo que um ocupar-se ou preocupar-se dentro da impessoalidade, na cotidianidade.

Aliás, toda ocupação se dá no mundo e em um mundo, não podendo portanto excluir a cotidianidade e impessoalidade.

A "curiosidade" quando liberada, (pág. 233) ocupa-se do “ver pelo ver”, sem buscar fundamentos e sem se preocupar com a autenticidade desta ocupação. Não há uma verdadeira ocupação/"busca" em se compreender o que se vê, em chegar a verdadeira essência do ser que se vê e sim uma busca constante do novo pelo novo, numa “erotização” e concupiscência do olhar, o qual se torna soberano entre os demais sentidos, a todos englobando, numa marcha infinita em busca do que possa ser visto, quase sempre de forma superficial.

A "busca" empreendida pela "curiosidade" pelo novo a ser visto se dá unicamente para deste novo poder-se passar para outro novo. Busca-se "ver por ver", pois o buscado no novo é unicamente a possibilidade de ir-se para outro novo, sem a nada se apegar em profundidade, sem por nada realmente demonstrar um interesse autêntico.

Esta forma inautêntica que por vezes assume a "curiosidade", usa a concupiscência e “erotização” do olhar, do ver, não para aprender genuinamente algo ou para apreender alguma coisa, como também não há real e genuína preocupação com o ser, sua essência, ou com a verdade dos fatos, trata-se sim, de um modo de abandonar-se ao mundo dentro da impessoalidade e inautenticidade característicos do estar lançado em um mundo, na mundanidade deste mundo.

A curiosidade tende, portanto, a se caracterizar por total impermanência em relação ao mais próximo, pois uma vez que seu objetivo inautêntico não é o aprofundamento e nem a verdade, tudo que mais próximo estiver da visão já é dado como visto e a presença é impelida logo a seguir para a busca de algo outro a ser visto e que esteja mais próximo.

Esta curiosidade inautêntica se opõe ao ócio e a vida contemplativa buscando sempre “*a excitação e inquietação mediante o sempre novo e as mudanças do que vem ao encontro*” (pág. 233). O modo como se apresenta a curiosidade se caracteriza também por grande dispersão e impermanência perante os “interesses” da presença, uma vez que estes se modificam rapidamente em virtude talvez do “receio” de não vir a ver algo de “mais importante” por estar se aprofundando em “algo já visto”.

A curiosidade tem dois momentos dela constitutivos, ou seja, referimo-nos à impermanência e à dispersão (pág. 233) e que juntos irão formar uma terceira e vital característica do fenômeno curiosidade: o desamparo.

A presença enquanto "curiosidade" expressa pela concupiscência do olhar, está em toda parte e por tudo se interessa e quer saber, no entanto, a superficialidade e o constante não aprofundamento faz com que esta "toda parte" na qual se encontra a presença seja idêntica a "parte nenhuma", pois em nenhum momento ou lugar dentro desta impessoalidade, a mesma se preocupou em "criar raízes em solo próprio", buscando um genuíno e verdadeiro aprofundamento em algo que realmente lhe interessasse, preferindo ao invés, "caminhar pelo mundo" com o máximo de curiosidade dentro de um mínimo de "profundidade".

A curiosidade tem os seus caminhos pautados e por vezes definidos pelo "falatório", o qual é quem diz o que deve ou não deve ser visto, lido, vivido ou apreciado. A total impermanência da "curiosidade" se ordena a partir do "falatório", o qual direciona a dispersão e a impermanência desta "curiosidade" presente em uma presença inautêntica e "desamparada".

A "curiosidade" e o "falatório" não se dão em alguma ordem em que primeiro tenhamos um e depois o outro, mas outrossim, ambos se complementam mutuamente de forma que o "falatório" se encontra presente no fenômeno "curiosidade" direcionando os caminhos desta e por sua vez a "curiosidade" se encontra presente dentro do "falatório" dando-lhe "força e vitalidade", ambos criam a ilusão para a presença que assim vive e age de que a mesma tem "uma vida cheia de vida" (pág. 233) e que está vivendo dentro do máximo de autenticidade possível, com tal ilusão presente, a presença se encaminha para um terceiro fenômeno constitutivo ontologicamente de seu ser dentro da cotidianidade, mundanidade e impessoalidade, ou seja: a "ambigüidade".

A abertura da presença ao mundo se dá pela claridade oriunda da "luz natural". É por meio desta claridade (abertura da presença), que se torna possível a visão, enquanto abertura própria da presença.

*"A constituição fundamental da visão mostra-se numa tendência ontológica para "ver", própria da cotidianidade. Nós a designamos com o termo curiosidade."* HEIDEGGER, M. pág. 230.

A "curiosidade" não "busca" a verdade ou o Ser e sim o "ver por ver" vinculado ao que o "falatório" e "escritório" dizem que deve ser visto e ouvido. A "curiosidade", portanto, se mostra como um estado da presença na decadência do estar lançado ao mundo na cotidianidade e impessoalidade. A "curiosidade" "busca" seguidamente o "novo", "as

novidades", caracterizando-se portanto, pela impermanência e inconstância.

A "curiosidade" se afasta da meditação e da contemplação, pois em sua constante impermanência ela não se debruça sobre o desconhecido em busca do saber, ao contrário, ela aliada ao "falatório" já entende tudo saber e conhecer. Nos seus dois momentos constitutivos, a saber: impermanência e dispersão, a "curiosidade" funda sua terceira característica: o desamparo.

A "curiosidade", quando liberada, se associa ao "falatório" e "escritório", buscando "ver por ver", onde o importante e o buscado não é chegar a uma fundamentação do Ser mas sim em ampliar o conhecimento impessoal da presença onde não há a necessidade de compreender o que se vê e sim de "ver por ver". Trata-se da busca "do novo pelo novo" onde não há parada para reflexão e fundamentação e sim mera corrida em direção a superficialidade de outro novo, corrida esta propiciada pelo "falatório" e "escritório", como recursos que a "curiosidade" possui para dentro do impessoal, angariar o dito "novo".

A "curiosidade", portanto e como já dissemos, se dá em dois momentos dela constitutivos, a saber: a impermanência e a dispersão, gerando o desamparo, no qual a presença se vê desenraizada.

*“A curiosidade, a que nada se esquivava, o falatório, que tudo compreende, dão a presença, que assim existe, a garantia de “uma vida cheia de vida”, pretensamente autêntica. Com esta pretensão, porém, mostra-se um terceiro fenômeno característico da abertura da presença quotidiana... a ambigüidade.” Heidegger, M. pág. 233.*

Parágrafo 41 de *O SER E O TEMPO*, Martin Heidegger. O ser da presença como cura, pág. 258 e 259.

A Cura é em sua totalidade essencialmente indivisível.

O querer e o desejar fazem parte integrante da presença, de modo ontológico enquanto Cura.

Ontologicamente a Cura é composta pela junção na presença do querer ou desejar, propensão ou tendência, não sendo viável a divisão da cura nestas tendências particulares.

Desejo ou querer, tendência ou propensão não são vivências indiferentes que ocorrem de modo indeterminado quanto ao sentido de seu ser, pois não só se mostram presentes na presença, como se fundam na cura.

Heidegger afirma que “a constituição ontológica fundamental do viver é um problema em si mesmo”.

Ontologicamente a Cura é anterior ao querer ou desejar e a propensão ou tendência. Heidegger afirma que “o poder ser em função do que a presença é possui em si mesmo o modo de ser no mundo”, ontologicamente se remetendo ao ente intra mundano.

Mesmo de modo privativo, a cura sempre se mostra como ocupação e preocupação.

No querer ou desejar só se apercebe-se de um ente em suas possibilidades já tratado na ocupação e preocupação.

A Possibilidade ontológica do querer tem como constitutivos:

1º abertura prévia do em função de que;

2º abertura do que se pode ocupar;

3º projeto de compreensão;

4º a totalidade subjacente da Cura.

A abertura prévia do em função de que —> o preceder a si mesmo.

A abertura do que se pode ocupar —> o mundo como algo em que já se é.

Projeto de compreensão da presença —> poder ser para a possibilidade de um ente que se quis.

## BIBLIOGRAFIA

**HEIDEGGER, M.** *Sobre a essência da verdade; A tese de Kant sobre o ser.* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

**HEIDEGGER, M.** *Sobre a essência do fundamento; A determinação do ser do ente segundo Leibniz; Hegel e os gregos.* Trad. Ernildo Stern. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

**HEIDEGGER, Martin.** *Ser e tempo.* Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989/90. 1º parte 3. ed., 2º parte 2. ed.

**STEIN, Ernildo.** *Seis estudos sobre “Ser e tempo” (Martin HEIDEGGER);* 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

**VATTIMO, Gianni.** *Introdução a Heidegger.* Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.





É em virtude da obtenção da paz entre os homens em comunidade que se desenvolve o instinto de verdade, o qual tem o seu desenvolvimento agregado ao desenvolvimento da linguagem social e das comunidades gregárias. A “verdade” não é algo de caráter universal que existe por si e como tal é descoberta pelo indivíduo na natureza ou nele mesmo pelo uso da razão, ao contrário, a verdade surge a partir do uso da linguagem e é postulada arbitrariamente e aceita por conveniência pela sociedade gregária de humanos.

O mentiroso, por sua vez, é aquele que *“Dá assim outro uso às convenções firmes por meio de substituições voluntárias ou de inversões de nomes.”* (O livro do filósofo, pág. 91).

A verdade surge, portanto, a partir da linguagem e se impõe como verdadeira de fato a partir do esquecimento. As convenções originais que criaram a linguagem e a verdade estão relacionadas a necessidades de convívio coletivo e sobrevivência, o que o humano de fato abomina não é a inverdade ou a mentira, mas a possibilidade de ter prejuízos com a quebra das convenções sobre o verdadeiro e o falso.

*“O que é então a verdade? Uma multidão movente de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em resumo, um conjunto de relações humanas poeticamente e retoricamente erguidas, transpostas, enfeitadas, e que depois de um longo uso, parecem a um povo firmes, canônicas, e constrangedoras: as verdades são ilusões que nós esquecemos que o são, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível, moedas que perderam o seu cunho e que a partir de então entram em consideração, já não como moeda, mas apenas como metal.”* (O livro do filósofo, pág. 94).

A solidificação destas metáforas e metonímias se dá a par com o esquecimento de suas origens, num largo espaço de tempo histórico, onde pelo constante uso as mesmas acabam por se afirmarem não mais como convenções sociais de um povo que queria sobreviver em comunidade e sim como verdades puras e inabaláveis que são verdadeiras em si e por si, independentes de outros fatores. Tornamos a repetir, tal só é possível pelo esquecimento de suas origens e pelo constante uso.

Nietzsche por vezes, como, por exemplo, na pág. 105 de *“O livro do filósofo”*, parece se aproximar e assemelhar a David Hume no que

concerne ao conceito de causalidade como sendo derivado da observação e crença na repetição de uma sucessão de fatos empíricos, onde factualmente um não é causa ou efeito do outro, mas meramente se apresentarão em dada sucessão espaço temporal nas vezes em que foram observados.

Com Nietzsche deve-se sempre ter cuidado com as afirmações categóricas, pois uma mesma palavra ou expressão por vezes pode ser empregada por ele em sentidos distintos ou mesmo antagônicos, como no caso da expressão “instinto de verdade”, usada pelo mesmo no livro já citado (como, por exemplo, à pág. 91, dentre outras) e veementemente negado no aforismo 180 à pág. 106 do mesmo livro, onde Nietzsche afirma a inexistência de um tal instinto, segundo ele, nesta passagem, o que de fato existiria seria um “instinto da crença na verdade”.

Ainda neste mesmo livro, temos um elogio a arte, vide aforismo 184, pág. 108, onde a mesma ganha superioridade por tratar da aparência enquanto aparência, não querendo mudar o status desta última e por conseguinte, não querendo enganar. Desta aparência, que na arte é tratada e reconhecida como aparência, provem doce alegria, na medida em que a arte não incita a vontade ou a crença em uma dada realidade ou “verdade”. Em outras palavras, a alegria que a arte nos transmite está intimamente vinculada ao fato de a mesma não nos tentar enganar e reconhecer a aparência como aparência.

Outro livro no qual o filósofo expõe algumas considerações sobre a verdade é “*A gaia ciência*”, de 1882. Vemos logo ao aforismo 29 o comentário sobre o hábito de crença em algo dado, o qual se apresenta só enquanto hábito, caracterizando-se por uma repetição sem preocupação com a real fundamentação do mesmo, quando no entanto alguém se põe a questionar a validade do mesmo, não faltam conservadores para inventar “motivos e intenções” para o mesmo.

Continuando neste livro, temos no aforismo 112 novamente uma negação da causalidade, numa aproximação do pensamento de D. Hume, na medida em que nega-se causa e efeito por as mesmas não existirem empírica e factualmente, por só percebermos uma seqüência ordenada de eventos que por sua repetição gera a crença na eterna repetição desta mesma sucessão, ou seja, dados os primeiros elementos da mesma, seguir-se-iam obrigatoriamente os seguintes. Nietzsche também, de certa

forma, se aproxima aqui do Positivismo de Augusto Comte, ao negar que possamos de fato “explicar” a realidade e ao afirmar que meramente podemos “descrever” uma sucessão de fatos observados. Há aqui, portanto, a negação da dualidade “causa e efeito” e de “toda condicionalidade”.

Continuando, no aforismo 344 de “*A gaia ciência*”, temos que Nietzsche expõe que apesar do que pese de desconfiança com relação ao conhecimento e da substituição das crenças e convicções, na ciência, por princípios regulativos e hipóteses, resta-lhe uma fé e convicção não analisada, tomada como pré-suposto da ciência, trata-se do entendimento da verdade como algo necessário e superior a todo e qualquer outro conhecimento, da vontade de verdade, da “vontade de não se deixar enganar”. Em realidade não há base segura para se afirmar que a verdade seja melhor que a inverdade ou que a primeira traga maior utilidade para o indivíduo que a segunda, aliás, a verdade a qualquer preço, destruindo qualquer crença ou convicção que não se adapte aos seus critérios poderia muito bem trazer mais prejuízo e descontentamento para o indivíduo do que o contrário, daí Nietzsche afirmar não ser da utilidade que é extraída a vontade e necessidade de verdade ( que compõe como base e convicção não questionada a ciência) e sim da moral.

É, segundo F. Nietzsche, da moral que surge a convicção incontestada da necessidade imperiosa de verdade que vem como base da ciência. O indivíduo se coloca na posição de não querer enganar a si ou, e em especial, aos outros.

A negação de tudo que não seja “verdade” coloca a ciência no âmbito moral, dentro de uma tradição que se reporta ao cristianismo, Platonismo e identificação da verdade com a Divindade, com Deus. Também ocasiona uma cisão entre dois mundos, um dualismo implícito, onde de um lado temos a verdade e de outro o falso ou aparente, em suma continua-se no dualismo platônico entre mundo das idéias e este outro, das aparências. Segundo Nietzsche a ciência não só possui suas bases no terreno moral, mas ao efetuar a divisão entre verdadeiro e falso, mantém-se, de certa forma, na dualidade platônica/cristã negando como mundo das aparências o mundo real, a vida.

Citemos agora Nietzsche no aforismo 354 de “*A gaia ciência*” para melhor entendermos o perspectivismo da noção de utilidade tal

como nele se apresenta: “*Para dizer a verdade não dispomos de órgão para o conhecimento, para a “verdade”: nós “sabemos” (ou pelo menos acreditamos saber, nós nos figuramos) até o ponto em que pode ser útil ao rebanho humano, à espécie; mesmo o que aqui é chamado “utilidade” não é afinal de contas mais que uma crença, produto da imaginação e talvez essa estupidez nefasta que um dia nos fará morrer.*”

Em “*Crepúsculo dos ídolos*”, de 1888, à pág. 34 (A razão na filosofia aforismo 6) Nietzsche após ter vinculado a razão e a crença na existência de Deus ao uso da gramática e por conseguinte da linguagem (vide aforismo 5), defende a tese do equívoco que é a divisão do mundo em um real e outro aparente, segundo o filósofo, é impossível demonstrar a realidade de um outro mundo se não deste a que chamam de aparente e que na realidade é o único possível. O assim chamado mundo real não passa de uma ilusão moral e as características defendidas para este mundo real em oposição ao aparente são na verdade, características do não-ser, da ilusão moral, da irrealidade, do nada. A defesa de um outro mundo dentro deste dualismo citado, é na realidade, a defesa de uma ilusão moral que agride o único mundo de fato existente e detrata e calunia a vida.

Em “*Além do Bem e do Mal*”, de 1886, segue o filósofo a expor a vontade de verdade como um preconceito dos filósofos (e também dos cientistas e religiosos), que se alicerça em base moral e religiosa, presa a um dualismo entre mundo real e aparente, ou se preferirem, mundo verdadeiro e falso, onde continua presente fortes remanescentes platônicos e cristãos.

Logo ao aforismo 1 do referido livro, questiona Nietzsche o **valor** da busca da verdade, da vontade de verdade, do conhecimento dito verdadeiro em relação ao dito falso. No aforismo 2 é colocada como crença fundamental dos metafísicos a oposição dos valores, a qual Nietzsche também questiona, afinal, porque ver oposição e não somente diferença em nível ou grau de uma mesma e única coisa?

A seguir, no aforismo 3, nos fala Nietzsche da possibilidade de os ditos “valores” que guiam os filósofos não passarem de fachada para os instintos, o inconsciente, as necessidades fisiológicas e gregárias de preservação da vida, onde o “determinável” seja mais interessante para a

sobrevivência do que o “indeterminável” e a dualidade “verdadeiro-falso”, de origem primariamente moral, e oriunda da própria linguagem e gramática, tenha como finalidade favorecer o indivíduo em coletividade de preservar a sua vida e a coexistência do grupo.

Nietzsche não julga um juízo de valor pelo mesmo ser verdadeiro ou falso e sim pelo fato real dele favorecer ou prejudicar e denegrir a vida. Juízos que no passado tiveram a sua necessidade vinculada a sobrevivência do indivíduo e do grupo ao qual pertencia, posteriormente perderam sua primária utilidade, mas continuaram com a força cada vez mais intensa do uso repetido. Cabe perguntar até que ponto os juízos que aceitamos e defendemos favorecem ou prejudicam a vida nas condições como a mesma se apresenta hoje. Segundo o filósofo, por exemplo, os juízos sintéticos a priori de I. Kant são falsos, mas necessários.

*“Não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor que a aparência; é inclusive a suposição mais mal demonstrada que já houve.” Além do bem e do mal, pág. 41, aforismo 34.*

E citando Nietzsche novamente, temos que *“...em todo querer conhecer já existe uma gota de crueldade.” (Além do bem e do mal pág. 136, aforismo 229) .*

Na *Genealogia da moral*, de 1887, temos uma vinculação da vontade de verdade com o ideal ascético, com a fé neste ideal, como bem aparece nos aforismos 24 e 25 da terceira dissertação. O problema do valor da verdade não é posto em debate ou questionamento pela ciência e filosofia, pois por baixo deste valor e desta vontade de verdade se esconde a fé em um Deus/Divindade, que se iguala a verdade. Tal Deus é o do ideal ascético. Como bem diz Nietzsche na pág. 107, aforismo 1 da terceira dissertação, *“Porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu horror vacui [horror ao vácuo]: ele precisa de um objetivo - e preferirá ainda querer o nada a nada querer.”*

A afirmação de um outro mundo se faz a partir da negação deste mundo, da negação da própria vida. A ciência hoje é a expressão última da dualidade platônica e do cristianismo, pois não põe em questão um preconceito que está na base de sua existência, ou seja, o valor da verdade

sobre a inverdade. A origem da vontade de verdade e sua vinculação com preconceitos morais não é questionada pela ciência ou filosofia e portanto, continuam sendo portadoras do ideal ascético tal como Nietzsche o entende.

No aforismo 1 de *Vontade de potência* temos o seguinte comentário: “*Vede que surge a contradição entre o mundo que veneramos e o mundo que vivemos, que somos. Resta-nos: ou suprimirmos nossa veneração ou suprimirmo-nos. O segundo caso é o niilismo.*” e já no aforismo 289 lê-se “*É de importância cardeal suprimir o mundo-verdade. É ele que diminui o valor do mundo que somos e que erige o mais perigoso atentado contra a vida.*” E segue Nietzsche declarando guerra a tudo que se vincula a este dualismo que proclama a primazia de um dito mundo verdade sobre um mundo de aparências e erros, pois segundo Nietzsche tal concepção é em si um atentado a vida e aos instintos, em prol de forças negativas e/ou reativas e niilistas.

A crítica de Nietzsche à ciência e à verdade aponta para uma transvaloração de todos os valores e para a **arte** enquanto caminho viável e alternativo. A arte, por sua vez, privilegiada por Nietzsche é a arte trágica dionisíaca, ou melhor dizendo, do 2º Dionísio, após a fusão “passificadora” com Apolo.

Sobre a relação entre ciência de um lado e arte de outro, citemos a Machado, Roberto em “*Nietzsche e a verdade*” pág. 46, onde lê-se: “*O antagonismo entre arte e ciência é um antagonismo de forças. A força da arte é a afirmação da vida, que é totalmente incompatível com a negatividade que caracteriza a ciência.*”

A vontade de verdade é como já dissemos, associada a moral cristã, ao niilismo, ao ressentimento, a reatividade e se opõe ao mundo real, único existente, propondo um outro mundo, se opõe também a vida, negando-a na medida em que se opõe a livre expressão da vontade de potência. Nietzsche, portanto e em virtude do exposto, denuncia os pressupostos e prejuízos presentes na vontade de verdade que se manifesta na ciência e na filosofia como continuação disfarçada da religião cristã e do platonismo. Propõe Nietzsche a afirmação da vida pela afirmação da vontade e sentimento de potência e a via da arte trágica em substituição a vontade de verdade da ciência e filosofia.

## BIBLIOGRAFIA

**BRÉHIER**, Émile. *História da filosofia*. Trad. Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1980. (2 tomos; 7 livros). \*\*(vol. 4 tomo 2, pág. 95 à 102).

**CHÂTELET**, François. *História da filosofia, idéias, doutrinas*. Trad. Alexandre Pomar, Jorge Garcia, José Salgado Fonseca e Maria Inês Mansinho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983. (8 volumes). \*\*(vol. 6, pág. 125 à 154).

**DELEUZE**, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

**FRAILE**, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Guillermo Fraile e Teofilo Urdanoz (O.P.), Madrid: B.A.C., Editorial Católica. (8 VOLS, 9 LIVROS). \*\*(vol. 5, pág. 482 à 568).

*Histoire de la philosophie*. Sous la direction de Brice Parain. Encyclopédie de la Pléiade, Éditions Gallimard, 1969. (3 vols). \*\*(vol. 3, pág. 307 à 353).

**MACHADO**, Roberto. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

**MACHADO**, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

**NIETZSCHE**, F. *A origem da tragédia*. Trad. Joaquim José de Faria. São Paulo: Ed. Moraes. \*\*(1º, 1872).

**NIETZSCHE**, F. *O livro do filósofo*. Trad. Ana Lobo. Porto: Rés. \*\*(2º, entre Orig. Trag. 1871 e HDH 1878 - 1ºtex 1872, 2ºtex 1873, 3ºtex 1873, 4ºtex 1875).

**NIETZSCHE**, F. *O viandante e a sua sombra*. Trad. Heraldo Barbuy. Tecnoprint. \*\*(4º, 1880).

**NIETZSCHE**, F. *Aurora*. Trad. Rui Magalhães. Porto: Rés. \*\*(5º, 1880).

**NIETZSCHE**, F. *A gaia ciência*. Trad. Márcio Pugliesi, Edson Bini e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus. \*\*(6º, 1882).

**NIETZSCHE**, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. 6º ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1989. \*\*(7º, 1883/84/85).

**NIETZSCHE**, Friedrich W. *Além do bem e do mal: Preludio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. \*(8º, 1886).

**NIETZSCHE**, F. *La genealogie de la morale*. Presentation et commentaires: Jacques Deschamps, préface de Henri Biraut. Paris: Editions Fernand Nathan, 1981. \*(9º, 1887).

**NIETZSCHE**, F. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo Cesar Souza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

**NIETZSCHE**, F. *Ecce homo*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989. \*(9º, 1887).

**NIETZSCHE**, F. *O caso Wagner*. Trad. António M. Magalhães. Porto: Rés. \*(10º, 1888).

**NIETZSCHE**, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1988. \*(11º, 1888).

**NIETZSCHE**, F. *O anticristo*. Trad. Joaquim José de Faria. São Paulo: Moraes, 1984. \*(12º, 1888).

**NIETZSCHE**, F. *Vontade de potência*. Trad. Mário D. Ferreira Santos. Ediouro. \*(14º, à partir de 1884, publicação póstuma em 1901).

*O pensamento vivo de Nietzsche*. São Paulo: Martin Claret, 1985.

**STERN**, J. P. *As idéias de Nietzsche*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1982.

**SCIACCA**, Michele Federico. *História da filosofia*. Trad. Luis Washington Vita. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1968 (3 volumes).

\*(vol. 3, pág. 172 à 176).





mérito e apreciação por parte do público e as vezes até encontramos algumas abandonadas nos sebos, junto a outros livros usados e que sofrem este lamentável destino de embolarem e amarelarem, enquanto simultaneamente servem de receptáculo da poeira de nossas cidades, enquanto esperam, talvez sem saberem bem o quê. Em parte este trabalho é uma homenagem a este escritor, a este brasileiro, a quem eu muito admiro e respeito.

Por vezes em minha vida, encontrei pessoas que expressaram uma opinião desfavorável a Lobato em decorrência de um episódio momentâneo da vida deste grande homem aonde ele injustamente assumiu uma posição contrária ao movimento modernista (Semana de arte moderna de 1922) e em especial aos trabalhos da pintora modernista Anita Malfatti, estas pessoas se esquecem que posteriormente Lobato se retratou e que ele próprio foi um dos artistas que na época ocasionara uma revolução nas artes em geral e que caberia a ele e a mais ninguém reivindicar com *URUPÊS* (1918) ter sido o marco zero no movimento modernista brasileiro. Não podemos nunca nos esquecer que a vida de Lobato é na verdade uma luta, uma grande luta em prol da nação brasileira, de seu povo e de seus interesses políticos, econômicos e culturais.

Mas, afinal de contas, quem de fato é Monteiro Lobato e quais aspectos históricos poderíamos realçar em uma vida tão ampla e em uma obra tão vasta e significativa?

*“Poucas obras na literatura brasileira espelharão tão fielmente, um caráter e um temperamento. Sobre estas páginas, tantas vezes candentes, tantas vezes pejudadas de idealismo e amor ao próximo, pousa um homem, com maiúscula, um homem dotado de coragem moral e intelectual raras num escritor que jamais caucionou seu talento a interesses menos nobres, ou causa menos puras. A obra de Monteiro Lobato é, sem a menor duvida, uma obra de combate.”* (Edgard Cavalheiro, *URUPÊS*, pág. 3).

*“Entre a chácara do avô, na cidade, e a fazenda do pai, cresceu o menino, único varão da família. Arredio pouco falador, é visto, apenas alfabetizado, às vezes com livros de figuras”.* (Edgard Cavalheiro, *URUPÊS* pág. 4).

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, Brasil, a 18 de abril de 1882, havendo registros de que desde cedo se interessou pela literatura, aos 15

anos perde o pai e mais tarde a mãe, publica sua primeira criação, *RABISCANDO*, em um jornal estudantil, na cidade de Taubaté, nesta época escrevera sob o pseudônimo de Jasmem. Parece que a primeira publicação de Lobato com o próprio nome foi em 12 de outubro de 1904, no *ONZE DE AGOSTO*, trata-se de um conto *GENS ENNUYEUX*. Aos 26 anos (1904) é bacharel. Com a morte do avô em 1911, Lobato herda várias propriedades e tendo de administrá-las, abandona temporariamente a literatura. No entanto, Lobato pelo jeito não era um bom administrador de fazenda e para evitar um prejuízo maior, vende tudo e se muda para São Paulo, aonde após publicar alguns contos na *Revista do Brasil* (Fundada em 1916), compra a revista. Em 1917 publica seu primeiro livro e em 1918, tendo do seu lado grande iniciativa e ousadia, lança no mercado o livro *URUPÊS* marco do modernismo no Brasil. O livro foi um notável sucesso e veio sanar uma necessidade de material novo e de boa qualidade para os leitores brasileiros, já cansados de reler os velhos clássicos.

Pode-se dizer sem sombra de dúvida que Monteiro Lobato foi um revolucionário em quase tudo que fez em sua vida. Em 1925, com a falência da editora, Lobato muda para o Rio de Janeiro. De 1927 a 1931, a convite de Washington Luís, Lobato ficaria residindo nos EUA, ao voltar começa uma luta em prol do petróleo e do ferro, convicto da necessidade impreterível de ambos para o desenvolvimento do Brasil. Sua luta em defesa dos interesses brasileiros nem sempre seria bem vista pelos políticos ou poderosos e lutando pelo petróleo e pelo ferro brasileiros acaba, por ordem do então presidente da república, Sr. Getúlio Dorneles Vargas, preso por três meses. Para se ter uma idéia mais clara desta fase basta lermos *O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO* e *FERRO*.

Lobato também revolucionou o mundo da literatura infantil com os personagens e as aventuras do *SÍTIO DO PICA PAU AMARELO* que se iniciaram em 1921 com a primeira aventura de Narizinho e se prolongaram e evoluíram durante toda a sua vida. Em 1946, parte para Buenos Aires, mas não agüentando a saudade de sua língua, de sua pátria, retorna ao Brasil, aonde termina seus dias, vindo a falecer em 4 de julho de 1948, mas seu nome e sua obra jamais serão esquecidos.

Talvez eu tenha me estendido demais ao falar de Lobato e decerto o leitor já percebeu o quanto eu o admiro e respeito. Tentarei agora falar



um pouco sobre os outros dois pontos importantes por mim aqui abordados e que são respectivamente a mitologia brasileira e Carl Gustav Jung.

Muito me admiro da quantidade monstruosa de trabalhos existentes sobre a mitologia grega, greco-romana, ou mesmo a nórdica em contraposição a quase carência absoluta de trabalhos sobre a mitologia brasileira. Será que a nossa mitologia é tão insignificante e sem importância que não merece a atenção dos estudiosos? Acredito que não! Nossa mitologia é riquíssima e merece o respeito e estudo por parte de nossos intelectuais.

Como diz o ditado popular “*santo de casa não faz milagres*”, nós não reconhecemos o valor daquilo que está aqui em nossa terra natal. Eu anseio em crer que esta realidade vai um dia mudar e que nós vamos passar a valorizar mais o que é de fato, culturalmente nosso.

O outro ponto de destaque seria o criador da teoria psicológica que eu uso preferencialmente, se bem que não unicamente, na análise interpretativa efetuada neste trabalho. É de se notar uma penetração cada vez maior das idéias e dos escritos de Carl Gustav Jung no universo brasileiro. Espero que este pequeno trabalho venha a sanar uma dificuldade para os estudantes de psicologia de nossas universidades no tocante a aplicação da teoria Junguiana em termos práticos num processo de interpretação analítica de uma dada realidade.

Mas, afinal de contas, quem de fato é Carl Gustav Jung? Quais aspectos históricos poderíamos realçar em uma vida tão ampla e por vezes conturbada?

*“As “maravilhosas harmonias” das leis da natureza pareciam-me um caos penosamente subjugado e o “eterno” céu estrelado, com seus caminhos predeterminados, se me afigurava um amontoado de casos desordenados e sem qualquer significação, pois as constelações, combinações arbitrárias, não podiam ser realmente percebidas.” (Jung, MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES pág. 63).*

*“There is no trouble about time in the unconscious. Part of our psyche is not in time and not in space. They are only an illusion, time and space, and so in a certain part of our psyche time does not exist at all.” (Jung, Vol. 18 of collected works - THE SYMBOLIC LIFE - MISCELLANEOUS WRITINGS, pág. 287).*



W. Montebello

Carl Gustav Jung (1875-1961), nasceu em 26 de julho de 1875, na aldeia de Kesswill, no norte da Suíça, filho mais velho (e único filho sobrevivente) de um pastor suíço reformado. A religião e as questões referentes a mesma teriam desde cedo grande importância em sua vida, mais tarde, na escola, não conseguiu se ajustar perfeitamente. Tinha toda uma carga de extensas leituras que faziam por vezes que as pessoas não o compreendessem ou mesmo o acusassem de impostor ou de plagiário.

*“O retrato que Jung fez de si mesmo durante a juventude é o de um solitário, um intelectual livresco, perturbado por questões religiosas e filosóficas, e curioso diante do mundo.” (Hall, INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA JUNGUIANA pág. 13).*

A escolha da profissão não foi fácil, mas por fim decidiu-se pela medicina, e dentro desta, para surpresa geral, especializou-se em psiquiatria, concluiu o curso médico aos 25 anos, em 1900.

*“Logo deixou Basileia para vir ocupar o cargo de segundo assistente no hospital Burgholzli, de Zurique (10 de dezembro de 1900).” (Silveira, JUNG - VIDA E OBRA, pág. 13).*

Fez uma carreira brilhante e esteve em contacto íntimo com Bleuler e Freud, com este último entrou em contacto pessoal pela primeira vez em 1907 e surgiria uma forte amizade entre Jung e Freud que duraria por vários anos. Fez várias viagens pelo mundo, visitando a América, África, etc. Após o rompimento com Freud criou uma Psicologia com traços próprios e independentes que mais tarde recebeu o nome de Psicologia Analítica. Jung deixou-nos uma grande e magnífica obra. Em seus últimos anos de vida era considerado uma autoridade em Alquimia. Apesar de sua vida dedicada a pesquisa e ser uma autoridade mundialmente reconhecida, sofreu acusações injustas como a de nazista, anti-semita ou mesmo de feiticeiro e bruxo, no decorrer de sua vida. Seus trabalhos abordam o homem dentro do seu mundo individual e coletivo, os quais Jung procura perceber e resgatar através do estudo das diversas manifestações criativas do homem, como, por exemplo, a Alquimia, as religiões, as ciências modernas e em especial a Física Quântica.

*“Caro Amigo,*

*Foram suas cartas mais que as próprias notícias que contem que, desta vez, me fizeram realmente falta. Folgo em saber que seu*



*silêncio independia de motivos mais graves. Também atravessai uma fase negativa...” (carta de S. Freud à Jung em 12 de maio de 1911, FREUD/JUNG - CORRESPONDÊNCIA COMPLETA, pág. 483).*

*“É uma convenção entre nós analistas, a de que nenhum de nós precisa sentir-se envergonhado por sua própria dose de neurose. Mas alguém que, enquanto se comporta anormalmente, fica gritando que é normal, dá ensejo a suspeita de que lhe falta compreensão da sua doença. Portanto, proponho que abandonemos inteiramente nossas relações pessoais.” (carta de S. Freud à Jung em 3 de janeiro de 1913, FREUD/JUNG - CORRESPONDÊNCIA COMPLETA, pág. 610).*

Bem, no título deste pequeno trabalho nos propomos a fazer um estudo psicológico de um dos livros infantis de Monteiro Lobato a luz da obra de Carl Gustav Jung, mas o que seria de fato um estudo psicológico de uma obra literária e o que pode ser entendido por analisar? A quem se analisa? Ao criador da obra, Lobato, ou aos personagens que nela estão presentes?

O termo analisar (análise + ar) vem do grego *analysis* e significa ato ou efeito de analisar, de decompor um todo em suas partes. De acordo com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em seu Dicionário (pág. 112 e 113) teríamos que “*Exame de cada parte de um todo tendo em vista conhecer sua natureza, suas proporções, suas funções, suas relações, etc.*” ou “*Estudo pormenorizado; exame, crítica: análise de um romance, de uma obra de arte.*”

Quando no presente trabalho nos referirmos ao termo “análise” é com o intuito de o utilizarmos na tentativa de descrever o mecanismo pelo qual nós dividimos a obra de Lobato em pequenas partes e procuramos dar uma explicação psicológica a cada uma destas mesmas partes. Tal explicação se baseia em hipóteses fundamentadas em Escolas de Psicologia que adotam o postulado da existência de uma dimensão inconsciente junto aos processos cognitivos de cada ser humano e tal inconsciente se manifestaria de forma determinista em toda produção humana, bem como em todo e qualquer comportamento.

As primeiras interpretações deste tipo parecem terem sido feitas primeiramente por Sigmund Freud (Ver: *ESTUDOS SOBRE A HISTE-*



RIA 1893-1895; *UM CASO DE HISTERIA* 1905 (1901); *GRADIVA DE JENSEN* 1907 (1906); *O PEQUENO HANS e O HOMEM DOS RATOS* 1909; *LEONARDO DA VINCI* 1900; *O CASO SCHREBER* 1911; *UMA NEUROSE DEMONÍACA DO SÉCULO XVII* 1923 (1922). Se bem que possamos considerar a existência de antecedentes parecidos no tocante ao estudo de casos clínicos na psiquiatria, indubitavelmente podemos afirmar o pioneirismo de Freud, uma vez que cabe a ele a criação de um eficiente instrumento teórico, em bases científicas (não estou dizendo que se trata de ciência no sentido *forte* da palavra) que tende a explicar o homem em toda a sua complexidade. Freud criou, portanto, a Psicanálise e todo o método psicanalítico de interpretação de sintomas, sonhos, medos, neuroses e outros fatores que habitam a vida do ser humano e de todas as suas criações.

Como todo movimento que se preza, a Psicanálise teve aqueles adeptos entusiastas que a defenderam até o fim sem permitir nenhuma modificação nas bases estipuladas por seu criador, e outros que por diversas razões mais cedo ou mais tarde desenvolveram concepções próprias e acabaram se afastando do movimento inicial e criando outros movimentos. O presente trabalho pretende atuar prioritariamente nos escritos de um destes homens, cuja enorme potencialidade e poder criativo o fizeram se afastar da corrente principal da Psicanálise e criar um novo movimento, a Psicologia Analítica, trata-se de Carl Gustav Jung.

Quando realizamos uma análise de um trabalho literário, nós analisamos aos personagens criados pelo autor mas também ao próprio autor, pois foi ele o criador. Desta forma temos que em *GRADIVA DE JENSEN*, Freud analisa os personagens deste livro, e, conseqüentemente, ao próprio autor da obra, Jensen, que existe por trás de seus personagens e se apresenta nitidamente no processo emocional e criativo que gerou a obra.

Temos em *SÍMBOLOS DA TRANSFORMAÇÃO* a análise feita por Jung de Miss Miller através dos escritos da mesma, e em tantos outros trabalhos que eu pudesse aqui citar, veríamos a mesma dualidade na interpretação, ou seja, a impossibilidade de falarmos sobre algo que foi criado sem simultaneamente (direta ou indiretamente) falarmos também do próprio criador. Trata-se de certa forma do problema que os teólogos encontraram ao tentarem explicar a criação em relação ao Criador, Deus.



Portanto, quando no presente trabalho nós nos referirmos aos personagens de Monteiro Lobato, estaremos simultaneamente falando do próprio processo criador de Lobato. Se Lobato pode nos apresentar tão bem em seus personagens e histórias uma sombra, animus, anima, selbest, etc... é porque Lobato está direta ou indiretamente falando de si mesmo, de seu processo de desenvolvimento e crescimento interior. Foi preciso um Lobato, dentro de toda complexidade de seus processos psíquicos para termos um *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, uma Emilia, e outros tantos personagens fascinantes que tanto enriqueceram a literatura brasileira e os corações das crianças de todas as idades.

Antes de começarmos, gostaria de apresentar de forma bem resumida os principais termos que serão usados durante a discussão, ao final deste texto sugiro alguns livros de referência se houver interesse ou dificuldades na compreensão do que se segue.

**ANIMA** - Arquétipo que funciona como psicopompo nos homens, metaforicamente poderíamos dizer que a anima é a mulher que habita dentro de cada homem, sendo o pivô do processo criativo masculino, são as imagens inconscientes que o homem possui da mulher.

**ANIMUS** - Arquétipo que funciona como psicopompo nas mulheres, metaforicamente poderíamos dizer que o animus é o homem que habita dentro de cada mulher, sendo o pivô do processo criativo feminino, são imagens inconscientes que a mulher possui do homem.

**EGO** - (Jung) É o centro ordenador da consciência, não sendo em verdade uno e sim uma junção de vários complexos que formam a consciência, daí também ser chamado de complexo do ego, esta noção junguiana difere radicalmente da noção de ego para Freud e Lacan.

**SUPEREGO** - (Freud) Basicamente e de forma bem simplificada, podemos dizer que é a função representante da moral e das proibições sociais já interiorizadas pelo indivíduo.

**ID** - (Freud) Polo pulsional do prazer e do desejo, energia sexual, estando vinculado aos desejos inconscientes, às pulsões e à sexualidade.

**INCONSCIENTE PESSOAL** - Camada mais superficial do inconsciente, representa tudo aquilo que existe em mim, mas que por diversos motivos não me é consciente no momento presente. O inconsciente pessoal é análogo ao inconsciente de S. Freud (se dele retirarmos o ID).

**INCONSCIENTE COLETIVO** - Metáfora para indicar o lugar onde supostamente estariam localizados os arquétipos.



**ARQUÉTIPOS** - São potencialidades energéticas que aparecem por intermédio de representações arquetípicas em momentos de crise, crescimento ou durante o processo criativo (Inclusive durante sonhos).

**REPRESENTAÇÕES ARQUETÍPICAS** - São as representações dos arquétipos. Exemplo: a alma é representada por figuras femininas, o animus por figuras masculinas ou multidões de homens, o selbest por mandalas, formas circulares, quadrados, pelo número quatro ou múltiplos deste, pela junção do Cristo mais o Anti-Cristo ou pela junção de Deus mais o Demônio. Todo arquétipo tem o seu lado obscuro, ou seja, a sua sombra.

**SOMBRA** - Parte rejeitada, não aceita e negada pela consciência egóica, mas que mesmo assim existe e representa tudo aquilo que o indivíduo, ou a sociedade, é de fato, mas não sabe ou não admite para si que é, trata-se de sua outra metade, que o complementa num todo maior do que aquilo que este pensa ser. É o lado obscuro e desconhecido da personalidade e da cultura, por vezes não aceito e negado pelo indivíduo ou pela sociedade.

**SELBEST** - (self ou si-mesmo) Centro ordenador, regulador e de onde provem toda a energia arquetípica do indivíduo, está diretamente relacionado com o processo de crescimento psíquico do indivíduo.

**PERSONALIDADE** - Em Jung é o indivíduo visto como um todo, uno, uma totalidade. A personalidade de um indivíduo é mais do que ele meramente pensa ser ou que os outros pensam que ele seja.

**PERSONA** - A persona é a máscara social que nós usamos, é aquilo que pensamos ser, que aparentamos ser, que os outros acreditam que somos, mas que na verdade não somos. A persona é uma camada muito superficial da psique e tem grande importância social, pois é por intermédio dela que nós assumimos papéis dentro da sociedade.

**CONIUNCTIONIS** - Separação e união dos opostos psíquicos. Ocorre em momentos de crise e durante o processo de crescimento interior, estando presente nos processos criativos e sendo vital no processo de individuação. Num primeiro momento haveria uma *separação de opostos antes interligados* desestruturando a personalidade já existente, e num segundo momento teríamos novas uniões destes opostos, reestruturando a personalidade dentro de um processo de individuação e crescimento interior.



PSICOPOMPO - É na mitologia grega um dos nomes dados ao deus Hermes Trismegistus, quando este exerce a função de guia para as almas que se destinam ao Hades. Em Psicologia junguiana, esta função de guia seria exercida pela anima ou pelo animus, enquanto elos de ligação entre a consciência egóica e o inconsciente coletivo, os arquétipos, o selbest.

Dito tudo isto, comecemos então, pela identificação e histórico da evolução dos principais personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo:

1. Lúcia, a menina do nariz arrebitado (Narizinho): Neta da Dona Benta, vive com esta no Sítio do Pica-Pau Amarelo, na época da aventura intitulada *O SACI* ela teria 8 anos de idade.

2. Dona Benta: Mãe de Dona Tonica, D. Benta é a proprietária do Sítio e na época da aventura *O SACI* contava 64 anos de idade, culta, inteligente, possuidora de uma boa biblioteca, ama seus netos e por vezes se mete junto com eles nas mais loucas aventuras.

3. Dona Tonica: Mãe de Pedrinho, mora na cidade grande e não participa das loucas aventuras vividas no sítio, tendo provavelmente desconhecimento ou descrença em relação a veracidade de tais aventuras.

4. Tia Nastacia: Também moradora do sítio, é a cozinheira e “faz tudo” do Sítio, negra, dos tempos da escravidão, *inculta*, seu conhecimento é o conhecimento vulgar do povo, o mesmo podendo se dizer das suas superstições e religião, na época da aventura *O SACI* contava 66 anos de idade.

5. Pedrinho: Filho de D. Tonica e neto de D. Benta, mora na cidade grande com sua mãe, mas costuma passar as férias no Sítio.

6. Emilia ou Marquesa de Rabicó ou Condessa de Três Estrelinhas: Na época da aventura *O SACI* contava 1 ano de idade. Surge pela primeira vez na aventura *NARIZINHO ARREBITADO (REINAÇÕES DE NARIZINHO)*, a princípio muda, a boneca adquire voz após ingerir uma PÍLULA dada pelo Dr. Caramujo, do Reino das Águas Claras.

7. Marquês de Rabicó: O Marquês é um leitão, dos sete irmãos, o Rabicó é o único sobrevivente, tendo os outros seis leitões ido para a panela de Tia Nastacia em dias festivos. Um dos motivos da sobrevivência do Marquês é o amor a ele dado por Narizinho. Surge pela primeira vez em *REINAÇÕES DE NARIZINHO* e na época da aventura *O SACI* tinha um ano de idade.



8. Visconde de Sabugosa: Surge pela primeira vez em *REINAÇÕES DE NARIZINHO*. Nesta primeira aventura ele é um boneco de sabugo feito por Pedrinho para ser o suposto pai do Marquês de Rabicó e pedir a mão da Emilia em casamento para o seu filho, na época da aventura *O SACI* contava com um ano de idade.

9. Quindim, o rinoceronte: Aparece pela primeira vez em *CAÇADAS DE PEDRINHO*, fala inglês fluentemente, veio da África em um circo e ao chegar ao Rio de Janeiro, fugiu e acabou indo parar no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Na aventura *EMILIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA* demonstra ter grandes conhecimentos da língua portuguesa.

10. O Burro Falante: Surge pela primeira vez em *O PÓ DE PIRLIMPIMPIM (REINAÇÕES DE NARIZINHO)* e tem como características seu cavalheirismo e educação.

### **Análise dos personagens individualmente:**

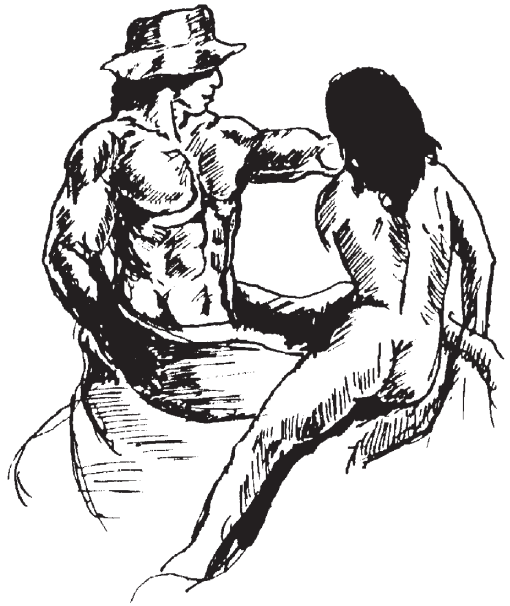
#### **Pedrinho e o Visconde de Sabugosa**

*No capítulo I e II de O SACI, temos que Pedrinho chega da escola e diz a dona Tonica que suas férias vão começar e que gostaria de passá-las no Sítio de D. Benta. O Sítio ficava num lugar muito bonito. Lá moravam D. Benta, Tia Nastacia (a cozinheira), Narizinho, o Marquês e o Visconde. Segue-se uma discussão sobre o sítio, a casa e o local aonde estava localizada a mesma. (Páginas 172; 173; 174; 175). O texto entra em divagações sobre os animais, os pássaros e em especial o João de Barro.*

*No capítulo III fala-se de REINAÇÕES e na VIAGEM AO CÉU, e começa-se a contar a história do Saci, a qual teria ocorrido após REINAÇÕES e antes da VIAGEM AO CÉU. A coisa foi assim: estava Pedrinho na varanda do sítio com a D. Benta e conversavam sobre a mata virgem existente além sítio. Pedrinho falava que não tinha medo de nada e que queria ir caçar lá e D. Benta o repreendia, alertando-o dos perigos lá existentes. D. Benta alertou-o de que lá havia onças, cobras e... Sacis. Desde este dia ficou, pois Pedrinho com a idéia do Saci na cabeça.*



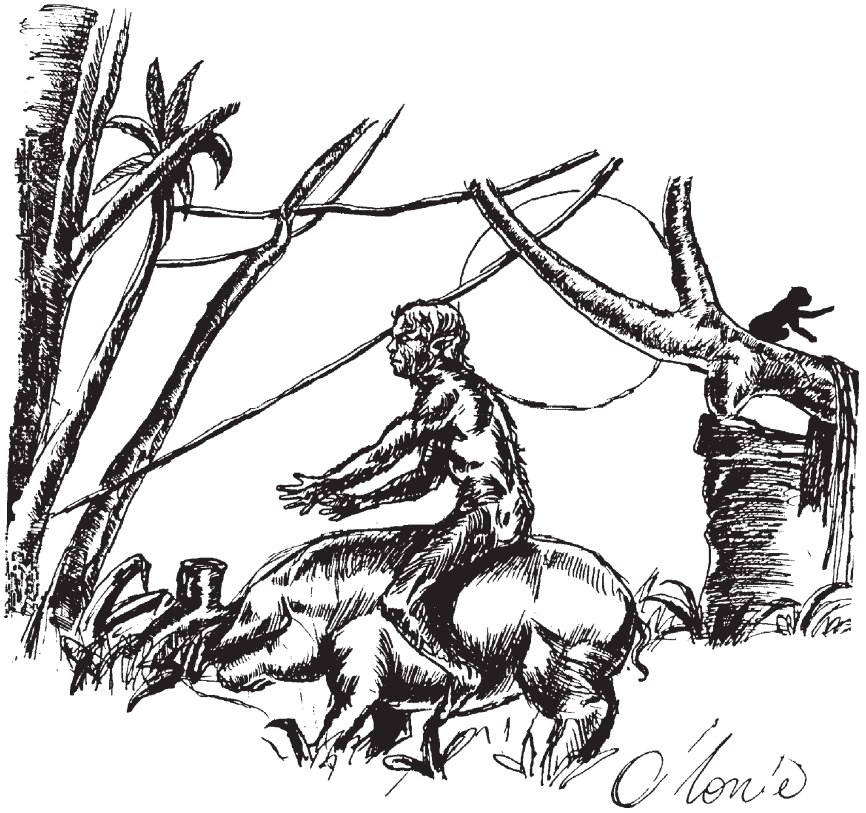
*Montes*



Temos que Pedrinho é a representação arquetípica do animus de Lobato e que tem (Pedrinho) como representação arquetípica de seu próprio animus ao Visconde de Sabugosa. Como, no entanto, ambos são criação da psique de Lobato, ambos são, portanto, representações de uma realidade interior do próprio Lobato. Temos, portanto, que o Visconde não só é o animus de Pedrinho, como também é o próprio animus de Lobato só variando em grau e intensidade ou mesmo, se preferirem, em relação à proximidade ou afastamento da consciência do próprio Lobato. Quanto mais um determinado componente psíquico se afasta da consciência, mais ele perde o seu carácter humanizante e ganha características mitológicas que o fazem parecer não humano, como, por exemplo, no caso do Visconde e de todos os personagens da mitologia brasileira que aqui serão citados, fenómeno este que também ocorre em todas as mitologias, de todos os povos.

Vemos no transcorrer da obra de Lobato que a evolução do Visconde de Sabugosa acompanha a própria evolução de Lobato e nos é interessante salientar a relação de certa forma apaixonada do Visconde para com a Emilia, símbolo de todo o processo criativo de Lobato a partir da aceitação e enamoramento de sua própria anima, ou seja, seu lado feminino, seu lado mulher que funciona como PSICOPOMPO ou seja, que faz a inter-relação entre o consciente e o inconsciente, ou se o preferirem, entre o que o sujeito aceita como sendo o seu Eu ou ego e o que ele não aceita mas apesar de sua não aceitação, existe, e por ser rejeitado vai fazer parte da sombra deste indivíduo, o lado obscuro de sua pessoa, o seu inconsciente não aceito e negado.

Emilia não só liga Monteiro Lobato a sua própria sombra, mas também ao próprio selbest (self em inglês ou si-mesmo em português), o qual apresenta uma dualidade que metaforicamente poderíamos exprimir como o Cristo mais o Anti-Cristo ou Deus e o Demônio. A ligação entre Lobato e Emilia, este apaixonamento tão bem sentido pelo Visconde de Sabugosa, o qual representa não só o animus de Lobato como também o próprio Lobato idealizado por si próprio e tão bem transposto por Lobato em magistrais páginas que não só devem entrar para as páginas da literatura imortal brasileira, como também para as páginas das ciências sociais e humanas, representa o próprio enamoramento de Lobato com sua anima, ou seja, Emilia, fiel representante de seu processo criativo.



O Visconde está apaixonado por Emilia, esta é a impressão que o leitor atento recebe dos escritos de Lobato, algo não expresso abertamente, mas que pode ser sentido ou mesmo intuído, e este apaixonar do Visconde por “esta maluquinha” que é a Emilia, que não demonstra sentir nada a mais pelo Visconde e que se aproxima dele para seus próprios interesses, por vezes mesquinhos ou egoístas, mas que nunca trazem intencionalmente mal a alguém, representa o próprio apaixonar de Lobato por Emilia. É interessante que por vezes sentimos na leitura das obras de Lobato, a insignificância do próprio Visconde para o contexto das aventuras e dos personagens do Sítio ou mesmo a sua vã intelectualidade que por vezes nos passa a impressão de que Lobato está a ridicularizar e ironizar a si próprio, ou pelo menos ao que ele enquanto intelectual brasileiro representa no contexto mais amplo de sua própria sociedade, ou em um outro sentido, no contexto de sua própria criação ou processo criativo, oriundo de uma realidade interior, muito rica e de certa forma harmônica, a partir do momento em que Lobato a aceita e a vivencia.

### **Narizinho e Emilia**

Fica-me até difícil falar de Emilia, uma vez que ainda a pouco, quando falava do Visconde, fui forçado pelo próprio contexto das obras de Lobato, a falar e falar muito de Emilia. Não se pode falar da obra de Lobato numa visão interpretativa psicológica sem falarmos na Emilia, símbolo de todo o processo criativo de Lobato, representante arquetípico de sua anima, PSICOPOMPO incumbido de interligar o ego e a consciência de Lobato a sua sombra e ao seu selbest. Temos na relação Narizinho-Emilia o mesmo processo que na relação Pedrinho-Visconde no tocante a ambas representarem o mesmo arquétipo, com a única diferença no grau ou intensidade em que cada um está mais ou menos próximo da consciência ou do inconsciente profundo. Tanto a Emilia como também Narizinho, são representações arquetípicas da anima de Lobato, sendo que Narizinho por estar mais perto da própria consciência de Lobato, é bem mais humana que a boneca de pano que fala e que tem como nome Emilia. Sem Emilia não teríamos Lobato porque mais do que Lobato cria Emilia, é a própria Emilia quem cria Lobato.

## **Dona Benta e Tia Nastacia**

Podemos considerar a ambas como representações arquetípicas de outras das inúmeras facetas da alma aqui expressa por Lobato, mas estaríamos mais perto da verdade provinda do inconsciente coletivo de Lobato, se considerássemos as duas com todas as suas diferenças e oposições mútuas como o polo unificador, centralizador e organizador de toda a psique, ou seja, o selbest. Estas duas mulheres tão diferentes no que representam culturalmente, conjuntamente com o próprio Sítio que forma uma grande mandala tendo ao centro (intuitivo) a casa grande com seus moradores e em especial Dona Benta e Tia Nastacia formam as duas metades de um selbest, no caso, harmônico e muito bem aceito e vivido por Lobato, o qual consegue expressá-lo tão bem por intermédio de sua vida, de seu processo criativo. O Sítio do Pica Pau Amarelo se apresenta como uma projeção mandálica da estrutura mais profunda e inconsciente da personalidade e processos cognitivos do seu criador, Monteiro Lobato, e neste sentido, D. Benta e Tia Nastácia se complementam e se equilibram formando um todo, uma síntese que surge do somatório de dois conteúdos divergentes, mas harmônicos. O próprio processo criador é representado pelo Sítio do Pica Pau Amarelo e seus personagens.

## **Tio Barnabé**

Tio Barnabé é a representação arquetípica do selbest, representa toda a sabedoria milenar contida tanto no selbest como em sua própria sombra. Mais uma vez vemos o quanto Lobato vivencia harmoniosamente seus próprios conteúdos arquetípicos, mesmo quando estes provém de sua sombra ou do lado obscuro de seu selbest. Quando há pouco entendemos o Sítio como uma mandala tendo ao centro a casa grande habitada por D. Benta e Tia Nastácia, consideramos a ambas mulheres como tese e antítese de onde se originaria uma síntese, neste contexto, D. Benta se apresenta mais socialmente aceita por possuir atributos valorizados pela sociedade e por estar numa posição de poder em relação a tia Nastácia, a cozinheira, neste caso, o somatório de luz e sombra teria seu enlace a partir da dualidade representada por tais mulheres. Por sua

vez, tio Barnabé representa de outra forma toda a sabedoria oriunda do self ou da sombra, pois devemos lembrar que a sombra pode ser o manancial vivo de onde o artista recolha inspiração para criar e vivenciar sua arte.

### **Marquês de Rabicó; Quindim, o rinoceronte; o Burro Falante**

Todos os três são personagens oriundos do processo criativo de Lobato e portanto representantes arquetípicos de uma realidade interior, ora como manifestações de seu inconsciente pessoal e ora como manifestações de seu inconsciente coletivo. Em Lobato, vemos que seu inconsciente coletivo exerce uma forte predominância sobre seu inconsciente pessoal ou sobre sua própria consciência, não podemos ver o rinoceronte Quindim como somente uma crítica às instituições brasileiras, ao seu marasmo e incapacidade pessoal e burocrática. É bem verdade que todos estes elementos de crítica à sociedade estão presentes na primeira aventura de Quindim (*CAÇADAS DE PEDRINHO*), mas não devemos esquecer o próprio processo criador que subjaz por trás de toda criação e que tem suas raízes solidamente plantadas no inconsciente pessoal e/ou no inconsciente coletivo do próprio criador.

### **A Mata Virgem**

A floresta denominada mata virgem é a representação do próprio inconsciente de Lobato, em especial o seu inconsciente coletivo, pois predominam as imagens arquetípicas. As florestas, o mar, as águas, os oceanos ou qualquer lugar aonde possa estar subentendido que o indivíduo está submerso ou inserido ou enterrado ou coberto ou totalmente envolvido por uma realidade estranha a sua, são representações do processo de descida a uma realidade inconsciente, que pode ter a aparência fantasmagórica ou surrealista (pintores e outros artistas surrealistas conseguem expressar bem esta realidade em suas obras, basta vermos os trabalhos de Salvador Dalí, Magritte, V. Brauner; M. Ernst, Maddoy, Max Ernst, dentre outros).

## O ponto de reunião dos “espíritos da selva”

*“Um dia Pedrinho enganou D. Benta que ia visitar Tio Barnabé, mas em vez disso tomou o rumo da mata virgem de seus sonhos... Que beleza! Pedrinho nunca supôs que uma floresta virgem fosse tão imponente. Aquelas árvores enormes, velhíssimas, barbadadas; musgos e orquídeas; aquelas raízes de fora dando idéia de monstruosas sucuris, aqueles cipós torcidos como se fossem redes; aquela galharada, aquela folharada e sobretudo aquele ambiente de umidade e sombra, lhe causaram uma impressão que nunca mais se apagou.” (O SACI, pág. 196).*

Pedrinho deitou-se e ali ficou por um tempo sem fim a apreciar aquela beleza que é a natureza, súbito notou gestos dentro da garrafa que trazia consigo. Era a primeira vez que via o Saci, mas não se admirou... ou se espantou realmente. Este lhe disse que ele estava no local mais perigoso da floresta, pois era ali o ponto de reunião de sacis, lobishomens, bruxas, caporas e até da aterradora Mula-Sem-Cabeça.

Disse-lhe que era tarde demais para ele tentar voltar para casa e que sua única salvação era fazer um acordo, devolvendo-lhe a carapuça e este o ajudaria a sair dali sem sofrer nenhum dano. O acordo foi feito, a carapuça foi devolvida e o Saci foi solto da garrafa.

O Saci passou a mostrar os segredos da mata virgem a Pedrinho. Como, por exemplo: a sacizada (local aonde nascem os sacis, dentro de gomos de taquaruçus); a onça; a sucuri (cobra gigante capaz de engolir um boi); a floresta e os diversos animais da mesma.

Quando nos é colocado que Pedrinho está dentro da floresta, que já está anoitecendo e que este não terá tempo para voltar antes de cair a noite, estando este no ponto mais adentro da floresta, aonde se reúnem todos os “espíritos da floresta”, temos a confirmação de que estamos em pleno inconsciente coletivo, habitado pelas mais estranhas criaturas, estranhas a partir do momento em que a consciência não as reconhece como fazendo parte de sua realidade e de sua própria estrutura enquanto ser único que é o ser-humano. Característico nos contos de fadas ou mitos deste gênero, é que para sobreviver o herói nesta situação é obrigado a fazer um contrato com uma estranha criatura que lhe representa

sua própria sombra e que caso não siga este pacto a risca, sofrerá terríveis conseqüências. No caso em questão, o herói é o próprio Pedrinho, o qual tem de fazer um trato com o Saci para poder sobreviver dentro da floresta com o cair da noite. Veremos que este trato é fundamental e se Pedrinho não o fizesse, ele decerto pereceria e como vemos ao final do romance, Narizinho também morreria, já que esta só consegue ser salva pela constante intervenção do Saci ao lado de Pedrinho. Podemos notar aqui, um paralelo entre o próprio processo de crescimento interior e criativo manifestado por nós, seres humanos, em momentos de crise ou quando vivenciamos momentos difíceis em uma relação amorosa que se aproxima da própria paixão ou ainda quando em processo de análise clínica sob abordagens psicológicas. Basta para notarmos este paralelo ou seqüência de paralelos que tenhamos a função intuição desenvolvida para podermos captar todas as nuances deste processo.

### **A Coruja**

A Coruja aqui representa uma figura constante em contos de fadas ou mitos, que vem trazer uma mensagem, mensagem esta por vezes destinada ao personagem que representa a sombra e que devido a mensagem pode intervir e salvar a situação. Esta mensagem não necessariamente precisa ser transmitida por um animal, como no caso da história daquele rapaz filho de um rei (Lobato, *HISTÓRIAS DE TIA NASTACIA, O BOM DIABO* pág. 75 à 80), que por motivos oriundos de uma profecia, andava perambulando de reino em reino. Um dia ao passar por uma capela, mandou reformá-la, a capela ficara linda, mas o pintor não havia pintado a estátua do diabo. Vendo isto, o jovem príncipe mandou que não esquecessem de pintá-la e foi embora. Mais tarde, este príncipe foi vítima de uma trama que o levaria injustamente a forca em uma cidade distante. No entanto, no dia em que seria cumprida a sentença, estava na capela que este havia reformado, São Miguel a conversar com o diabo (refiro-me as duas estátuas da capela) e disse para este o que havia acontecido com o rapaz que havia reformado a capela. O diabo, enfurecido com a trama que armaram contra aquele que pouco antes o havia mandado pintar e o tinha deixado tão bonito, pulou num cavalo, foi até a referida cidade, desbaratou a trama e libertou o príncipe. Vemos na presente

história que a sombra passa a ser representada pela figura do diabo, o qual é aceito pelo príncipe (Lembremos que este insiste em que o diabo também seja pintado e que fique bonito) e o mensageiro ao invés de uma coruja, como ocorre em *O SACI*, passa a ser a estátua de S. Miguel, que conta ao diabo tudo o que se passara.

## **0 homem e sua enorme tecnologia**

Nos capítulos X e XI do livro *O SACI*, Pedrinho e o Saci têm uma discussão sobre o papel do homem, o qual apesar de ter enorme tecnologia não se consegue equiparar com os mais simples animais da natureza e os milagres da mesma.

*“E vocês aqui não usam guerras também? Não vivem a perseguir e comer uns aos outros?”*

*Sim! Um comer o outro é a lei da vida. Cada criatura tem o direito de viver e para isso está autorizado a matar e comer o mais fraco. Mas vocês homens fazem guerra sem ser movidos pela fome. Matam o inimigo e não o comem. Está errado. A lei da vida manda que só se mate para comer.”* (*O SACI*, pág. 213).

O homem e sua enorme tecnologia (*O SACI*, pág. 209 à 214 e 218 à 233) com a qual destrói mais do que constrói, devido a não estar em harmonia consigo mesmo, com seus arquétipos. Isto seria devido à dominação unilateral de um arquétipo, o vinculado à luz da consciência egóica.

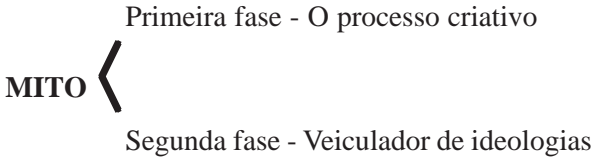
Esta questão da unilateralidade do Homem que cada vez mais se afasta da natureza e se embrenha a tal ponto em sua tecnologia e sociedade por ele criada que passa a perceber as coisas artificiais por ele criadas como naturais e as verdadeiras coisas naturais criadas pela natureza como não pertencente a realidade, a sua realidade, é a marca constantemente presente no homem de nossa era. O homem presente se afastou tanto de si e de sua realidade que as religiões atuais expressam um mito que ele próprio não entende e mesmo se por uma fé cega neles (mitos religiosos), crê, não se modifica, pois não consegue entender a verdadeira mensagem destes mitos, mensagem esta que o homem primitivo estaria muito mais apto para intuir ou sentir.

Esta dor pela perda do homem pelo próprio homem é por ele manifestada em sua criação e em seu convívio social. Nos trabalhos de Frank Miller em *O CAVALEIRO DAS TREVAS* (quatro pequenos volumes contando a saga do último ano de vida do BATMAN) vemos este distanciamento do homem de nossa era de si próprio, tão bem representado por Miller na não aceitação por parte de uma sociedade do seu defensor e guardião, que depois de estar aposentado por dez anos, resolve voltar para colocar a sua cidade nos eixos, lutando contra a marginalidade, a corrupção e o crime em geral até a morte durante uma luta mortal com o representante arquetípico da própria consciência egóica. Refiro-me a Batman e sua luta no último volume com Superman. Batman é o representante da própria sombra arquetípica não só de Miller como também da própria sociedade em que este está inserido, a nossa sociedade ocidental capitalista consumista e tecnológica. A não aceitação de Batman representa a nossa própria não aceitação, na medida em que não aceitamos a nossa sombra. A esperança que ainda podemos, se é que realmente podemos, ter na humanidade é que em uma época futura o homem passe a aceitar e viver a si próprio como uma totalidade que englobe a sua sombra, em vez de negar esta sombra e a projetá-la em outros, os quais passam a ter uma aura arquetípica projetada sobre si e por isto passam a carregar o fardo que aqueles que projetam esta sombra, negam existir neles próprios. Quando falamos dos comunistas num sentido extremamente pejorativo e irreal, estamos na verdade dizendo que eles são aquilo que na verdade nós somos mas que não aceitamos e negamos constantemente, o mesmo se dá com o machismo barato ou o racismo incoerente ou como se deu no mundo todo, anos atrás, com o ilógico e irrefreado anti-semitismo que causou a morte de inúmeras pessoas inocentes no tocante às acusações descabidas que lhes eram feitas. Quando será que o homem vai crescer e perceber que aquilo que ele diz que o outro é, é ele e não o outro que realmente é? Quando?

Até aqui falamos de Lobato por intermédio de seus personagens, no entanto, a partir deste momento, ao analisarmos os personagens mitológicos que surgem noite adentro na floresta, estaremos falando do inconsciente coletivo de nosso povo brasileiro, pois os presentes personagens transcendem em muito a psique de Lobato e se reportam imediata-

mente a uma seqüência de projeções da psique, sejam estas oriundas do inconsciente coletivo por intermédio dos arquétipos e de suas representações arquetípicas ou da própria consciência coletiva com toda uma tradição de diversas ideologias a nós transmitidas pela própria linguagem que usamos e que nos usa.

## O MITO



Num primeiro momento podemos analisar o processo criativo por intermédio da Psicologia profunda de Sigmund Freud e/ou Carl Gustav Jung e num segundo momento podemos analisar o mito, após sua criação, vendo a que ideologias ele serve enquanto instrumento veiculador e fixador de idéias que beneficiam a este ou aquele outro grupo. Devemos analisar e pensar o mito sempre dentro destas duas fases e procurando não confundir uma com a outra ou ignorar a existência de uma delas em decorrência da forte impressão que a visão da outra nos causou.

Se nos basearmos em Gustavo Barroso *MYTHES, CONTES ET LEGENDES DES INDIENS - FOLK-LORE BRÉSILIEN*, 1930: teremos que o mito do Caapora (Gênio protetor dos animais da floresta) teria origem nos nossos índios (Do Tupi CAA, bosque, mata e PORA, demônio, gênio). O Boto teria também sua origem nos índios, mas especificamente nos localizados na região amazônica. O Saci Pererê ou Saci Cererê ou Mati Tapererê teria, também, sua origem nas tradições de nossos índios, o mesmo podendo-se dizer do Boitatá, do Curupira e da Iara.

Devo salientar que Barroso comete alguns equívocos, como, por exemplo, quando afirma a origem de todos os mitos citados acima como sendo indígena. Apesar de não desejar entrar em confronto com as afirmações feitas por Barroso, devo argumentar que concordo com Queiroz, Leal, Cascudo e outros (vide bibliografia) em que a origem dos principais mitos brasileiros está ligada não só a cultura indígena, mas principal-

mente a cultura do homem branco europeu e do negro africano. Assim sendo, a Mula-Sem-Cabeça e o Lobisomem teriam suas origens na Europa, o Saci Pererê, moleque, traria traços de uma origem na cultura negra e teria seu surgimento por volta dos séc. XVIII e XIX com a expansão paulista, se bem que também o possamos remontar às tradições dos índios Tupi Guaranis, que por esta época começaram a se dispersar por várias áreas, provindos do sul, pelo Paraguai/Paraná (vide Cascudo, Luís da Câmara *MITOS BRASILEIROS - CADERNOS DE FOLCLORE*, nº 6, 1976 pág. 14). A Iára, se bem que possamos encontrar paralelos deste mito nas tribos indígenas, tem seu surgimento, tal como a conhecemos hoje, a partir da presença do europeu e sua cultura. O Boitatá, o Caapora e o Curupira teriam suas origens firmadas comprovadamente nas tribos indígenas, sendo anteriores à presença do colonizador branco.

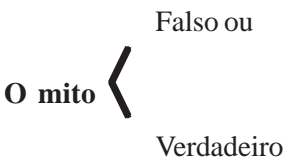
Mesmo se aceitarmos a tese de que os nossos principais mitos tiveram sua verdadeira origem nas civilizações pré-colombianas, como o quer Barroso, devemos nos lembrar que os mitos estão em constante mutação e que os mitos tais como os temos hoje não são mais os mesmos tidos pelos índios. Tais mitos sofreram influências não só do elemento branco como também do elemento negro e suas respectivas culturas. Quando no presente trabalho falarmos destes mitos, o faremos preferencialmente a partir da exposição dos mesmos por Monteiro Lobato, em 1921 "*O SACT*", o que significa que não estaremos falando da VERDADEIRA origem destes mitos, a qual, segundo Barreto, se deu no seio das civilizações pré-colombianas, na área que hoje denominamos por América Latina. Nós, ao abordarmos estes mitos a partir de 1921, temos de levar em consideração as alterações e reestruturações dos mesmos no decorrer de toda a colonização feita pelo europeu e somando-se a isto a presença do elemento negro e sua cultura. Ao falarmos portanto de tais mitos, nós estamos tentando descrever o seu real significado para os homens que de certa forma os recriaram, vivenciando-os. Esta nossa interpretação só é válida quando nos referimos a visão que estes mitos passaram a ter após entrada do elemento branco e negro neste contexto geográfico e social, não sendo permitido colocar as mesmas conclusões sobre os seus verdadeiros criadores sem antes realizarmos um sério estudo antropológico da influência, necessidade, importância, etc... destes mitos na realidade das civilizações pré-colombianas.

Os governos autoritários, como, por exemplo, o nazi-facismo da Europa há algumas dezenas de anos atrás ou mesmo os governos militares golpistas que dominaram a América Latina inteira até bem pouco tempo, têm o hábito de utilizar os mitos *como expressão do nacionalismo e civismo*, na medida em que vêem neles uma expressão popular genuína, a qual pode ser deturpada e modificada a ponto de servir como **veiculador ideológico das doutrinas do estado**, isto sendo feito de forma sutil e não declarada, de modo a camuflar e não mostrar abertamente os novos rumos ideológicos que estes mitos passam a tomar. Aqui seria interessante citarmos:

*“Para o nazismo, o folclore era “o estudo científico do povo alemão na sua configuração essencial, como o formaram a herança e o meio, a natureza humana geral e a cultura comunitária em interação com o destino histórico”, o que transpõem o problema do quadro do povo para o plano da raça” (Almeida, Renato INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE, 1957, pág. 282).*

*“O folclore tem uma função nacionalizante, é um elo de continuidade da vida dos povos e indica muitos de seus pendores e aversões, mas nem por isso podemos emprestar-lhe complexidade e dinâmica que vão além de suas possibilidades. Os totalitários forjam de tudo instrumento de propaganda. Assim fizeram os nazistas, assim estão fazendo seus sobreviventes...” (Almeida, Renato INTELIGÊNCIA DO FOLCLORE, 1957, pág. 283).*

## FORMAS PELAS QUAIS PODEMOS ENCARAR OS MITOS



**FALSO:** Criado por uma classe social visando criar e manter status quo. Fatores motivadores: Luta pelo poder e aspectos econômicos (aqui poderiam entrar Marx e Engels).

VERDADEIRO: 1- O mito é real em tudo o que afirma. Literalmente verdadeiro. 2- O mito é verdadeiro mas não literalmente. O escritor foi inspirado pela divindade e escreveu a história verdadeira se utilizando de uma linguagem poética e plenamente simbólica. 3- O mito é verdadeiro e representa uma realidade interior à psique do indivíduo e do grupo social criador do mito.

Pode-se argumentar com espírito de meticulosidade que estas não seriam as únicas formas de encararmos os mitos, com o qual eu estou de pleno acordo, no entanto visando esta nossa breve exposição esta divisão nos servirá de momento. Duas grandes correntes podem ser citadas: Sigmund Freud (Psicanálise) e Carl Gustav Jung (Psicologia Analítica). Freud (Psicanálise): Recalque; desejos; sexualidade. Jung (Psicologia Analítica): Arquétipos; sombra; anima; animus; inconsciente coletivo; coniunctionis. Ambos (Freud e Jung) colocam que “Deus” pode ser entendido como uma criação do homem e representaria uma realidade psíquica.

### **Mula-Sem-Cabeça**

Nos capítulos XVII; XVIII; XIX; XX temos que já é meia noite. O saci e Pedrinho se escondem em uma peroba para poderem observar a noite na floresta sem serem vistos.

*“Pedrinho estava a gozar o espetáculo da floresta iluminada pelas lanterninhas vivas, quando surgiu na claridade o primeiro saci. E logo outro, e outro, e todo um bando de mais de cem, começaram a pular, a dançar e a conversar numa linguagem que o menino muito sentiu não entender.” (O SACI, pág. 238).*

A um certo momento o bando de sacis desaparece e surge o lobishomem. Este fica um pouco e depois se vai.

Escuta-se um barulho ao longe e o saci parecendo estar amedrontado avisa que vem vindo a Mula-Sem-Cabeça.

*“A galopada aproximava-se; já se ouvia o estalar dos arbustos que em seu desenfreado galopar a Mula-Sem-Cabeça vinha quebrando, súbito, parou.*

*Vai mudar de rumo! Murmurou o saci com cara mais alegre.” (O SACI, pág. 244).*

A Mula-Sem-Cabeça é decerto um dos personagens mais complexos e também mais importantes para o entendimento da psique humana numa abordagem interpretativa da mitologia brasileira. A Mula-Sem-Cabeça é um mito que provavelmente foi trazido para o Brasil e outros países da América latina pelos colonizadores portugueses e espanhóis. Os mitos sobre este ser, variam de país para país, mas todos mantêm entre si uma grande semelhança. A Mula-Sem-Cabeça é uma criatura amaldiçoada. Se transforma neste ser, nas noites de quinta para sexta-feira, a mulher que manteve relações sexuais com um sacerdote da santa madre igreja.

*“Estas pobres mulheres que se tornaram amantes (mancebas; como se diz no interior) de um padre, nas noites de quinta para sexta-feira cumprem seu fado terrível num galope diabólico, com a boca sangrando por morder um freio de ferro, que lhe repuxa a boca, como se fossem cavalgadas por um cavaleiro invisível.” (Leal, A NATUREZA DO CONTO POPULAR, pág. 92).*

Podemos pela semelhança existente entre a mula e o cavalo, traçarmos um paralelo histórico e psicológico entre ambos, deste modo teríamos:

*“...o que indica uma grande semelhança entre cavalo e cavaleiro. Parece existir entre ambos uma relação íntima, que os conduz ao mesmo destino. Já vimos que a libido que visa a mãe simboliza esta como cavalo.” (Jung, SÍMBOLOS DA TRANSFORMAÇÃO, pág. 266).*

*“Sob este aspecto o herói e seu cavalo surgem como representação da idéia do homem com sua esfera dominada de instintos animais.... Os animais cavalgados sempre têm grande importância na mitologia, aparecendo freqüentemente de forma antropomorfizada.” (Jung, SÍMBOLOS DA TRANSFORMAÇÃO, pág. 267).*

*“Wotan é semi-humano, semi-cavalo... Tudo isto corresponde a manifestações características do inconsciente. Por isso também é compreensível que o cavalo, como símbolo do componente animal do homem, tenha amplas relações com Satanás. O diabo tem casco de cavalo, em determinadas circunstâncias também aspecto de cavalo.” (Jung, SÍMBOLOS DA TRANSFORMAÇÃO, pág. 269).*

A Mula-Sem-Cabeça é uma representação oriunda do lado obscuro do selbest, do inconsciente coletivo, seria por vezes o próprio inconsciente arquetípico e energético condensado de tal forma que as outras criaturas, também arquetípicas, que povoam a floresta, se afastam para a passagem da mesma. A Mula-Sem-Cabeça também representa um fator feminino, de anima. Anima, esta relacionada com a figura materna, com a mãe. A Mula “não tem cabeça”, ou seja, “não tem razão”, é plenamente dominada pelas loucas paixões desenfreadas ou o próprio DESEJO, puro ID sem intervenção do superego, isto se formos buscar uma contribuição na Psicanálise de Freud e Lacan. Sem cabeça, é uma expressão que pode ser entendida em sentido metafórico como ausência de razão e da própria consciência, predomínio, portanto, das paixões, dos impulsos sexuais de imediato atendidos, do domínio do inconsciente pessoal e coletivo.

A Mula-Sem-Cabeça é a mulher amaldiçoada por ter tido relações com um padre, e o que representa a figura do padre? Em nossa cultura, o padre é o representante de Deus e Cristo na Terra e portanto, recebe de seus fiéis a projeção arquetípica de parte do selbest dos mesmos. Isto especialmente da camada mais baixa e mais numerosa de nossa atual sociedade brasileira. Os paroquianos projetam no padre a metade luminosa do arquétipo selbest, a representação arquetípica do Cristo, e sem o saberem, projetam também nesta figura sacerdotal o lado obscuro do selbest, ou seja, o Anti-Cristo. Esta segunda projeção é carregada pelo padre sem que este tenha consciência da mesma. Quando na mitologia popular uma mulher mantém relações carnavais com um padre e por maldição nas noites de quinta para sexta se transforma na Mula-Sem-Cabeça, temos que houve toda uma projeção arquetípica por parte do povo na qual o padre serve de receptáculo para as projeções arquetípicas de ambos os lados do selbest, a relação sexual desta mulher com o padre pode ser vista como incesto, uma vez que já vimos que a mula pode ser comparada ao cavalo por analogia e semelhança e que este estaria por sua vez relacionado às pulsões sexuais, ao feminino, à mãe. Se temos a mula como representante simbólico da mãe e o padre como representante simbólico do grande pai, temos que a partir das relações sexuais mantidas por ambos surge a coniunctionis, ou seja a separação e união dos opostos psíquicos. Estamos diante de uma grande força energética arquetípica,

por um lado uma representação arquetípica de incesto, que é a própria coniunctionis e por outro a total ausência da razão e da consciência, completo predomínio dos inconscientes pessoal e coletivo, dos arquétipos e das paixões desenfreadas.

## O CURUPIRA E O CAPORA (Caipora ou Caapora)

Nos capítulos XII; XIII; XIV somos informados que após a janta surgem novas discussões.

Estando ambos abrigados de forma a não serem vistos e poderem ver a floresta escutam alguns ruídos e eis que surge o Curupira, com cabeça e pés virados para trás.

*“Parece um menino peludo, murmurou Pedrinho.*

*...Aos que matam por matar, de malvadeza, e aos que matam fêmeas com filhotes que ainda não podem viver por si mesmos, o Curupira persegue sem dó.*

*Bem feito! Mas como os persegue?*

*De mil maneiras. Uma das maneiras é disfarçar-se em caça e ir iludindo o caçador até que ele se perca no mato e morra de fome. Outra maneira é transformar em caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador, de modo que sejam mortos por ele mesmo.” (O SACI, pág. 228).*

*“O Curupira é propriamente maléfico, mas como já disse, nem sempre maltrata os que caem nas suas mãos. Não é todo-poderoso, e, por meio de inteligência superior, de engano, ou de aturamento freqüentemente escapam os seus captivos”. (Hartt, O MYTHO DO CURUPIRA - 1873, pág. 10).*

*“O mytho do Curupira varia muito em diferentes localidades. Este espírito é sempre uma sombra misteriosa e ninguém tem uma idéia perfeitamente clara da sua forma e atributos.” Hartt, O MITHO DO CURUPIRA - 1873, pág. 10).*

*“Um dos mais importantes entes mythologicos dos índios do Brasil, que falam a língua Tupi, é o Curupira.*

*Ouve-se falar em toda parte deste espirito malfazejo do mato...” (Hartt, O MYTHO DO CURUPIRA - 1873, pág. 1).*

O Caipora pode ser visto como o Curupira com os pés normais. CAA = Mato e PORA = habitante. De acordo com Couto de Magalhães teríamos que o Caapora seria *“um grande homem coberto de pelos negros por todo o corpo e cara, montado sempre num porco de dimensões exageradas.”* (Cascudo, *DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO* pág. 177).

*“Em qualquer direção, pelo interior do Brasil, o Caapora Caipora é um pequeno indígena. Escuro, ágil, nu ou usando tanga, fumando cachimbo, doido pela cachaça e pelo fumo, reinando sobre todos os animais e fazendo pactos com os caçadores... Caipora pequenino e popular é o velho Curupira. Sem a influência platina que Couto de Magalhães aceitou, e possivelmente representa o Caapora inicial, o selvagem apenas, agigantado pelo medo que espalhava no mistério da floresta.”* (Cascudo, *DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO*, págs. 177 e 178).

O Curupira e o Capora (Caipora ou Caapora): Ambos são representações arquetípicas da sombra e do lado obscuro do selbest, dependendo da história em questão para estar mais próximo de uma representação arquetípica da sombra ou do lado obscuro do selbest. Ambos possuem características muito semelhantes as do Saci, sendo que o Saci foi mais aceito a um nível mais próximo da consciência por nosso povo do que o Curupira ou mesmo o Capora, estes parecem por vezes bem mais perto do lado obscuro do selbest. Por algum motivo o Saci foi mais aceito e melhor assimilado pela consciência de nosso povo. A sombra causará danos e destruição quando a consciência se recusar a aceitá-la, mas será produtiva e construtiva quando aceita pela psique consciente, no caso do Saci, ele é mais aceito do que negado, mas de certa forma ele é negado, se não o fosse, não seria SOMBRA.

## **O Saci**

Temos que no capítulo IV, Pedrinho procura Tio Barnabé, um negro de mais de oitenta anos para que este lhe fale mais alguma coisa sobre os Sacis, ao que segue-se toda uma explicação do velho homem com respeito ao seu contacto com os Sacis, o que eles são, fazem e como se comportam.

*“Então conte: Que é, afinal de contas, o tal Saci?*

*E o negro contou tudo direitinho.*

*O Saci, começou ele, é um diabinho de uma perna só que anda solta pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha.” (O SACI, pág. 185)*

*Tio Barnabé relata o que os sacis costumam fazer para se divertirem:*

*“Azéda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos; bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, góra os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego vira ele p’ra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça.” (O SACI, pág. 186).*

No capítulo V, lemos que Pedrinho não pensa em outra coisa que não seja sacis e resolve capturar um. Para se capturar um saci era preciso, segundo Tio Barnabé, pegá-lo com uma peneira de cruzeta jogando a peneira, em dias de vento forte, naqueles pequenos redemoinhos de folhas e vento que de acordo com Tio Barnabé teriam em seu interior um Saci, o qual seria a causa do próprio redemoinho.

Após ter pego o Saci com uma peneira de cruzeta deve-se colocá-lo numa garrafa e arrolhar muito bem, não esquecendo de riscar uma cruzinha na rolha, pois o que prende o saci na garrafa não é a rolha e sim a cruz riscada nela.

*“Depois de tudo ouvir com a maior atenção, Pedrinho voltou para casa decidido a pegar um saci, custasse o que custasse. Contou o seu projeto a Narizinho e longamente discutiu com ela sobre o que faria no caso de escravizar um daqueles terríveis capetinhas. Depois de arranjar uma boa peneira de cruzeta, ficou a espera do dia de S. Bartolomeu, que é o mais ventoso do ano.” (O SACI, pág. 193).*

*“Custou a chegar esse dia.... mas afinal chegou... Um forte redemoinho formou-se no pasto... Pedrinho foi se aproximando pé ante pé e, de repente, zás! Jogou a peneira em cima... Peguei! Gritou.” (O SACI, pág. 193).*

O Saci é como já dissemos anteriormente, quando falávamos do Curupira e do Capora, uma projeção arquetípica de parte do lado obscuro do selbest ou da sombra. O Saci enquanto sombra é uma figura até certo ponto mais aceita do que outras figuras também representante dos mesmos arquétipos e que povoam a nossa mitologia popular brasileira.

Quando vemos no cap. IV a descrição que Tio Barnabé faz do Saci, temos que o Saci passa a ser o outro que perturba constantemente, fazendo mil e uma artes e não nos deixando em paz um minuto que seja. Quem é o Saci? O Saci é o outro, o outro que por nós não aceitarmos em nós, nós o criamos e materializamos externamente para que a culpa não admitida por tudo aquilo que nós fazemos e não aceitamos ter feito, seja projetada nele. Se lermos *A PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA* e *OS CHISTES E SUA RELAÇÃO COM O INCONSCIENTE* de Sigmund Freud, e logo a seguir estudarmos atentamente a descrição feita por Tio Barnabé do Saci, teremos que quem quebra a ponta das agulhas não é o Saci que está fora de nós mas sim o Saci que habita dentro de nós (em Jung, a nossa sombra), somos nós que escondemos as tesourinhas de unha motivados por desejos dos quais não temos consciência, somos nós que embarçamos ou permitimos que embarcem os novelos de linha e que talvez motivados por um desejo inconsciente de não nos ocuparmos desta atividade ou por desejarmos adquirir um novo, deixamos o dedal a ser usado nas costuras cair nos buracos e se perder irremediavelmente. Somos nós que, por estarmos motivados por um desejo de auto punição, vemos a nossa frente um prego e não percebemos ao nível da consciência esta informação, pois inconscientemente desejamos nos ferir e o prego no meio do caminho é um instrumento que pode ser por nós usado para atingir este intento. *“Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do Saci.”* Esta frase expressa perfeitamente o sentido e significado do mito do Saci, bode expiatório para tudo o que nós próprios fazemos e não aceitamos termos feito. Não fui eu, foi o outro o culpado, e o outro, que conseqüentemente está fora de mim e por isto

não me pertence e não me compromete é o Saci, só que o Saci que está fora de mim é na verdade a minha sombra projetada, e já que é uma projeção de minha sombra, ele na verdade não está fora, e sim dentro de mim mesmo.

Comentários ao livro de Renato da Silva Queiroz *UM MITO BEM BRASILEIRO - ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE O SACI*, Editora Polis - 1987. É muito interessante a abordagem do tema 'O Saci' feita por Queiroz, quando ele identifica o Saci como um Trickster dentro da mitologia brasileira. Realmente é de se notar os diversos traços que o Saci tem em comum com o Triskster. O termo Triskster era originariamente usado para designar alguns "heróis trapaceiros" existentes na mitologia indígena norte-americana, mas mais tarde se estendeu de forma a designar diversos personagens, em várias culturas diferentes entre si, que possuem como principais características o "cômico" as "traças", "ser pregador de peças e embusteiro".

A região de origem do mito do Saci seria composta pela área ocupada na expansão dos paulistas no decorrer dos séculos XVI, XVII, XVIII. Seria bom citar que: "*A figura do trickster tal como concebida no interior de sociedades complexas e hierarquizadas, só faz sentido desde que referida as afirmações antagônicas dos diferentes segmentos que as compõem.*" (Queiroz, pág. 45). "*Em linhas muito gerais, é este o contexto em que teriam sido ensaiadas as primeiras aventuras do Saci-moleque: o mundo rural constituído com a expansão paulista, abalado na época pela multiplicação dos latifúndios da ordem escravista.*" (Queiroz, pág. 50).

Queiroz vê o mito do Saci por dois prismas distintos, um na visão das camadas sociais dominantes e outro na visão dos dominados, negros subordinados a uma ordem econômica discriminadora e extremamente racista que mesmo depois da abolição da escravatura continuou a ver o negro como subalterno e ser inferior ao branco. O Saci enquanto representação simbólica do negro em nossa sociedade brasileira, deveria ser visto obrigatoriamente, portanto, por estes dois prismas. No primeiro, teríamos o Saci como representação do negro visto pelo próprio negro e sendo expressão de sua revolta contra a submissão e a autoridade lhe imposta pelo branco. O Saci com uma só perna retrataria bem este negro, em sua luta contra o dominador e discriminador. Os limites impostos

ao negro pela dominação branca são brilhantemente retratados pelo mito do Saci se entendemos o fato de ele só ter uma perna como uma metáfora para expressar a condição do negro na época do surgimento do mito. Apesar das dificuldades que deveriam surgir do fato de o Saci só ter uma perna, este parece não sentir dificuldade nenhuma e perturba e aborrece muita gente com suas constantes brincadeiras e peraltices, as quais poderiam ser vistas como verdadeira luta e grito de independência do negro brasileiro contra o branco discriminador, dominador e senhor todo poderoso que tudo pode, menos lutar e vencer o Saci e suas mais loucas peraltices. E vendo pelo segundo prisma, teríamos o Saci como representação do negro pelos grupos sociais dominantes, que colocam aqui o seu preconceito racial e social para com o negro, representante de grupos sociais subalternos. Vemos características de feiúra e inferioridade que marcam a figura caricaturada do negro como “Saci” e a existência de grande preconceito.

*“As suas façanhas sempre estiveram subordinadas aos interesses antagônicos dos grupos que compunham a sociedade agrária da época: senhoras, escravos e a população livre e pobre do campo.” (Queiroz, pág. 113).*

De acordo com Queiroz, teríamos que a partir de 1917, com a publicação do *INQUÉRITO* feito por Monteiro Lobato, começaria todo um processo, gradual, de entrada do Saci no contexto urbano e conseqüente “domesticação” numa tentativa de não mais representar a oposição entre brancos e negros e sim entre brasileiros (o somatório dos brancos, negros e índios aos quais poderíamos chamar de fiéis representantes de nossa brasilidade) de um lado e os estrangeiros de outro.

*“... Com a publicação de O SACI... fez do nosso personagem uma figura heróica... Preservou, contudo o caráter trickster... alternava boas e más ações... Lobato não o livrou de todos os traços estigmatizantes... A mentalidade escravagista era ainda muito forte... Essas marcas foram apagadas posteriormente e graças a atuação da indústria cultural que completou a tarefa de domesticar o Saci, retirando-lhe os poderes mágicos, a agressividade e a ousadia. Como se sabe, não convém permitir que os subalternos tenham acesso a qualquer tipo de poder.” (Queiroz, pág. 114).*

*“... A figura do moleque rebelde perturbador e desordeiro, acabou sendo substituída pela imagem bem comportada do menino sorridente e simpático, devidamente controlado pelos agentes da cultura de massas. Transformado em símbolo nacional, perdeu os atributos que o mantinham na liminaridade das fronteiras entre as classes sociais e as etnias.” (Queiroz, pág. 114).*

*“Também o fato de estar a figura do Saci cada vez mais associada ao universo infantil não deve desarmar o pesquisador. Sabe-se que durante a infância o indivíduo interioriza a maior parte dos valores que irão condicionar o seu comportamento futuro. Atingindo a criança nos momentos mais agradáveis e informais da existência, as concepções preconceituosas tornam-se praticamente irremovíveis. Entre elas, há sempre um lugar para a clássica figura do negro ameaçador cujo complemento, no país das dissimulações, é dado pela imagem divertida, mas igualmente perniciosa, do “negrinho” vadio e brincalhão.” (Queiroz, pág. 115 e 116).*

*“A ingenuidade aparente do mito dissimula agora outra ordem de intenções. O processo de domesticação fez do Saci um paradigma da “democracia racial” brasileira, aquela que, ao contrário do que apregoa, discrimina até mesmo os negros submissos e de “alma branca”. O mensageiro dos brancos já é um outro Saci.” (Queiroz, pág. 116).*

Achei importante citar o pensamento e posicionamento de Queiroz em virtude de este ser o único estudo interpretativo sobre mitologia brasileira que tive a oportunidade de encontrar no transcorrer de extensas pesquisas (que envolveram a biblioteca Nacional, a biblioteca do MEC, a biblioteca da PUC e a da UGF, dentre outras) e por crer ser o mesmo válido na medida em que aceito a existência de duas fases em todos os mitos, sendo a primeira vista como o processo criativo e a segunda como veiculadora de ideologias. Não entrarei no mérito da veracidade ou não das proposições apresentadas por Queiroz, mas creio que o mesmo foi feliz no seu estudo no que se refere ao mito do saci enquanto veiculador de determinadas ideologias que favorecem este ou aquele outro grupo.

## **A Cuca: bruxa considerada a rainha das coisas feias**

Nisto, uma coruja fala com o saci sobre algo e este diz que precisa ir correndo ao sítio de D. Benta. Minutos depois regressou com a terrível notícia de que a Cuca tinha estado no sítio e furtado Narizinho. A Cuca era uma bruxa bastante poderosa, considerada a rainha das coisas feias. Ambos correram para o sítio e em certa altura pegaram carona num porco que por ali passava. Chegam ao sítio e encontram as luzes acesas.

*“Dona Benta ergueu a cabeça e arregalou os olhos, como se a aparição de Pedrinho fosse um sonho. Tia Nastacia fez o mesmo, mais assustada do que admirada de ver o menino outra vez.*

*Pedrinho! Exclamou a pobre avó com expressão de esperança nos olhos vermelhos de tanto chorar. Até que enfim você apareceu! Estava eu aqui desesperada, porque perder um neto já era demais, mas perder dois seria coisa acima das minhas forças...*

*Perder dois? Quer dizer que Narizinho sumiu?” (O SACI, pág. 252).*

Nos capítulos XXIII; XXIV; XXV lemos que Pedrinho e o Saci chegam na caverna da Cuca para tentar resgatar Narizinho. Ao avistarem a Cuca, o Saci queima na brasa do pito uma misteriosa folha cuja fumaça fez com que a cuca pegasse em um forte sono. Após a Cuca ter adormecido a amarraram muito bem com cipós de forma a ela não poder se mexer. O saci se propõe a usar de astúcia com a Cuca e encaminha por uma estalactite um fiozinho de água de forma a ficar gotejando sobre a testa da Cuca.

*“Os pingos começaram a cair. Os cem primeiros nenhuma impressão fizeram na bruxa, cujo sono parecia dos mais gostosos. Daí por diante já esse sono não pareceu mais tão calmo. Começou a fazer caretas, como se estivesse sonhando algum sonho horrível. Por fim abriu um olho e depois o outro.” (O SACI, pág. 262).*

A cólera da Cuca foi tremenda, mas nada podendo fazer por estar mais do que bem amarrada, concordou em fazer um trato e libertar Narizinho. A Cuca disse que havia encantado Narizinho e que precisava de um fio de cabelo de Iára para quebrar o encanto.

A Cuca é a representação arquetípica da alma, um dos lados obscuros deste arquétipo, representa a mãe destruidora. É muito interessante salientarmos como a Cuca transforma Narizinho em pedra fazendo-a cheirar uma flor diferente e esquisita. Que semelhança metafórica entre esta passagem do romance e aquelas mães que mostrando aparentemente amor, conseguem de dentro deste falso invólucro transformar seus filhos e filhas em pedras sem sentimentos ou emoções. Uma mãe que mata seu filho e deixa “vivo” o seu corpo, agora pedra, imóvel, sem sentimentos ou incapaz de mostrar os sentimentos que jazem sobre a dura camada de pedra tão bem construída por esta mãe que a princípio se aproxima “com a flor da inocência e do amor”. Aqueles que conhecem os psicóticos esquizofrênicos e a forma tão característica de comportamento de suas mães, a resposta ambígua quase sempre dada pelas mesmas a seus filhos ou filhas no tocante ao afetivo, emocional ou mesmo, porque não, ao sexual e à sexualidade, decerto estão caminhando comigo nestas intuições sobre o papel representativo da Cuca no mito e nas projeções do inconsciente popular. Da mãe que pode construir ou destruir por completo e irrevogavelmente seu filho(a).

### **A Iára, rainha das águas**

*“Vamos a cachoeira onde mora a Iára, disse. Essa rainha das águas costuma aparecer sobre as pedras nas noites de lua. É muito possível que possamos surpreendê-la a pentear os seus lindos cabelos verdes com o pente de ouro que usa.*

*Dizem que é criatura muito perigosa, murmurou Pedrinho.*

*Perigosíssima, declarou o saci. Todo o cuidado é pouco. A beleza da Iára dói tanto na vista dos homens que os cega e os puxa para o fundo d’água. A Iára tem a mesma beleza venenosa das sereias. Você vai fazer tudo direitinho como eu mandar. Do contrário, era uma vez o neto de D. Benta!...*

*Pedrinho prometeu obedecer-lhe cegamente.” (O SACI, pág. 266).*

*“Vendo-se só, Pedrinho arrependeu-se de haver prometido conservar-se de olhos fechados... Assim pensando, e não podendo por mais tempo resistir a tentação, fez como o Saci: foi pulando de pedra em pedra...” (O SACI, pág. 267).*

*“... Viu a cinqüenta metros de distância, uma ninfa de deslumbrante beleza, em repouso numa pedra verde de limo, a pentear com um pente de ouro os longos cabelos verdes cor do mar. Mirava-se no espelho das águas, que naquele ponto formavam uma bacia de superfície parada. Em torno dela centenas de vaga-lumes descreviam círculos no ar; eram a coroa viva da rainha das águas. Jóia bela assim, pensou Pedrinho, nenhuma rainha da terra jamais possuiu. A tonteira que a vista da Iára causa nos mortais tomou conta dele. Esqueceu até do seu plano de olhar com um olho só. Olhava com os dois, arregaladíssimos, e cem olhos que tivesse, com todos os cem olharia.*

*Enquanto isso, ia o Saci se aproximando da mãe d’água... deu um pulo de gato e nhoc! Furtou-lhe um fio de cabelo.” (O SACI, pág. 268).*

A Iára assustada desaparece dentro d’água e o saci corre a socorrer Pedrinho esfregando em seus olhos uma planta maravilhosa. Os dois voltaram para a caverna da Cuca e lá perceberam que a história do fio de cabelo da Iára não passara de um embuste com o qual a Cuca tencionara se livrar dos dois. A Cuca se dá por vencida e diz que para desencantar Narizinho, que ela havia transformado em pedra, bastava arrancar as pétalas de uma flor azul que estava no sítio, perto do Pote d’água.

*“Lá estava ela, a tal flor azul-esquisitíssima e diferente de todas as flores conhecidas. O menino tomou-a, desfolhou-a e lançou as pétalas ao vento, como a Cuca mandara.*

*Mal acabou de fazer isso, um fato maravilhoso se deu. Uma pedra do terreiro, que ninguém se lembrava de ter visto ali, principiou a inchar, a crescer e a tomar forma de gente. Segundos depois essa forma de gente começou a apresentar os traços de Narizinho, que por fim, reapareceu tal qual era...” (O SACI, pág. 273).*

*“Eu estava com a Emilia debaixo da jaboticabeira. De repente, uma velha, muito velha e coróca, aproximou-se de mim com um sorriso muito feio na cara.*

*Que é que a senhora deseja? Perguntei-lhe naturalmente.*

*“Desejo apenas oferecer a menina esta linda flor”, respondeu ela, apresentando-me uma flor azul muito esquisita. “cheire; veja que maravilhoso perfume tem”.*

*Eu, sem desconfiar de coisa nenhuma, cheirei a tal flor e imediatamente meu corpo principiou a endurecer. Perdi a fala; virei pedra. De nada mais me lembro senão que, de repente, fui revivendo outra vez e aqui estou...*

*Só então D. Benta compreendeu que Pedrinho a tinha enganado para evitar que ela morresse de dor.” (O SACI, pág. 273 e 274).*

A Iára é uma outra manifestação do arquétipo anima. Com sua beleza e sexualidade deslumbrante, a Iára causa cegueira na vista dos homens, cegueira tão característica de um encontro com o inconsciente e da recusa do consciente em ver a verdade (veja-se, por exemplo, o mito de *Édipo Rei*, de Sófocles, na antiga Grécia, quando este entra em contato com a verdade, fura seus próprios olhos), mas essa cegueira não vem só da recusa em vermos a verdade, ela pode advir também da intensa luminosidade oriunda desta mesma verdade, arquetípica e energética.

A Iára nos lembra de imediato o mito de Lilith, a primeira mulher de Adão em livros apócrifos. Lilith queria igualdade com o homem e queria também o prazer sexual para ela, mulher. Não conseguindo esta igualdade, fugiu do paraíso e se aliou a anjos demoníacos para poder enfrentar os anjos do Senhor, que vinham para levá-la de volta ao paraíso e ser submissa a Adão (vejam o livro de Roberto Sicuteri, *LILITH A LUA NEGRA*). Parece que estamos diante do mesmo arquétipo, com pouquíssimas alterações, aonde sociedades e culturas exprimem um lado desejado mas nem sempre permitido da mulher, ou melhor dizendo, da nossa imagem interior e arquetípica da mulher. A mulher sexo, prazer, liberdade e igualdade de direitos com o homem e talvez por todos estes atributos, uma mulher demoníaca que pode levar os homens a perdição e a morte nas profundezas das águas dos rios que possuem cachoeiras, ou em outras palavras, nas águas profundas de seus próprios inconscientes.

### **Negrinho do Pastorejo (Negrinho do pastoreio)**

No capítulo XVI o Saci conta para Pedrinho a célebre história do Negrinho do pastoreio. Existia no sul do Brasil um fazendeiro que era

muito mau. Era inverno, um dos piores invernos. O Fazendeiro mandara um Negrinho de 14 anos de idade ir cuidar dos seus novilhos. O gado era arisco e logo no primeiro dia um novilho se desgarrou o que significou para o moleque uma boa sova lhe dada pelo fazendeiro. O fazendeiro após ter dado uma sova no Negrinho o mandou atrás do novilho faltoso, este o encontrou, mas devido às precárias condições em que estava o seu laço, não o conseguiu trazer de volta. O Negrinho levou uma outra sova e não satisfeito ainda o fazendeiro o amarrou nu a um enorme formigueiro de formigas carnívoras. No dia seguinte ao voltar para continuar o castigo caso o Negrinho ainda estivesse com vida, o fazendeiro levou um grande susto ao ver uma nuvem que se erguia da terra e sumiu nos ares. A notícia correu e o povo passou a considerar o Negrinho como um mártir que havia se tornado santo.

O Negrinho do Pastorejo é também uma criação da psique coletiva e vemos nele tanto manifestações do que Jung chama de arquétipos e inconsciente coletivo, como também o que em Psicologia Social poderíamos ver como manifestações de uma consciência coletiva repleta de ideologias que nos são transmitidas pela própria cultura e linguagem e que nós utilizamos toda vez que somos sujeitos de algo.

### **Porca dos Sete Leitões**

*“Parece que a Mula-Sem-Cabeça tem a propriedade de afugentar os outros duendes da floresta, porque depois da sua passagem tudo por ali ficou deserto de seres. Só uma hora mais tarde é que os sacisinhos foram reaparecendo, um por um e ainda ressabiados. Mas reapareceram todos, afinal, e recomeçaram as travessuras, apenas interrompidas pela passagem da Porca dos Sete Leitões e do CAPORA.*

*A Porca dos Sete Leitões é uma misteriosa porca alva como paina, que passeia acompanhada dos seus sete leitõezinhos, fossando o chão em procura de um anel enterrado. Só quando achar esse anel poderá quebrar o encanto e virar na baronesa que já foi. Por suas maldades no tempo em que havia escravos, um feiticeiro negro transformou-a em porca e virou seus sete filhos em leitões.*

*O Capora é um duende peludo, meio homem, meio mono, que costuma cavalgar os porcos do mato e deter os viajantes para exigir fumo.” (O SACI, pág. 246).*

A Porca dos Sete Leitões apresenta também marcadas características do inconsciente coletivo, como, por exemplo, a procura do anel, que representa uma mandala e esta por sua vez, ao selbest. O número sete também é um característico símbolo do selbest.

### **Boitatá**

No capítulo XV, o Saci conta a história do Boitatá, criatura existente no sul do país:

*“Pois o Boitatá é um monstro muito interessante. Quasi que só tem olhos - Uns olhos enormes, de fogo, De noite vê tudo. De dia não enxerga nada... Dizem que as vezes toma a forma de cobra, com aqueles grandes olhos em lugar de cabeça. Uma cobra de fogo que persegue os gaúchos que andam a cavalo.” (O SACI, pág. 231).*

O Boitatá é criação dos índios e no mito original aparece como uma serpente de fogo que corre pelas águas e outras vezes aparece como um madeiro em brasa que queima até a morte aqueles que ateiam fogo aos campos. Podemos ver características inerentes ao selbest, mas devido ao escasso material de que no momento dispomos, fica-nos difícil intuímos relações mais complexas do mito do Boitatá com a psique humana.

### **O Lobisomem**

O Lobisomem é um mito cujas tradições remontam a muito tempo atrás. Mesmo na antigüidade podemos encontrar paralelos do que viria mais tarde se tornar o mito do Lobisomem. O Lobisomem português, da mesma forma que o brasileiro, se assemelha a um cão ou a um lobo.

*“A forma mais comum de Lobisomem é a de um lobo ou de um cachorro. No Brasil ele se apresenta como um grande cão negro de orelhas enormes que batem a medida que o animal corre, olhos ver-*

*melhos como duas brasas e cabeça baixa, rente ao chão. Não é raro, principalmente no estado do Rio de Janeiro, lobisomem em forma de porco. A forma humana, tendo o corpo coberto de pelos e a cara lupina com grandes caninos projetados para fora da boca, que o cinema e as histórias em quadrinhos exploram com frequência corresponde ao “loup-garou”, o lobisomem francês.” (Leal, A NATUREZA DO CONTO POPULAR, pág. 91 e 92).*

Trata-se de um ser amaldiçoado, que nas noites de quinta para sexta-feira, após passar por um determinado ritual (que no mito varia de região para região) se transforma em Lobisomem e deverá correr loucamente das onze as duas da madrugada. Há uma nítida relação deste mito com a sombra e o animus .

*“O lobisomem brasileiro porém, é um dos que apresentam um ritual dos mais longos e complexos. Eis as partes do ritual que na tradição brasileira seriam necessárias para que uma pessoa pudesse passar por esse tipo de experiência:*

- 1. Escolher uma noite de quinta para sexta-feira.*
- 2. Encontrar uma encruzilhada e nela se despir.*
- 3. Dar sete nós em sua roupa.*
- 4. Logo após, urinar sobre a roupa (este detalhe não é comum a todas as regiões).*
- 5. Deitar-se ressupino e estender os cotovelos para frente...*
- 6. Rebolar-se pelo chão da esquerda para a direita...” (Leal, A NATUREZA DO CONTO POPULAR, pág. 90 e 91).*

Numa análise interpretativa deste mito devemos atentar para a constância do número sete (sétimo filho homem; sete nós em sua roupa, etc...) o que de imediato caracteriza uma relação do mito do lobisomem com o que Jung chama de Selbest. É de se destacar também a existência do ritual, o que demonstra que este enfeitado tem consciência de que é um lobisomem mesmo quando em seu estado de homem. Isto nos faz lembrar de um conflito, o qual poderia estar sendo expressado pelo mito do lobisomem aonde teríamos de um lado a consciência e de outro as paixões, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo com seus arquétipos. Devido à forte impressão que nos passa de ser um conflito e de grandes proporções, passa-nos pela mente a idéia de uma esquizofrenia, no entanto a mesma nos põem mais dificuldades do que soluções, na

medida que, por exemplo, teríamos que admitir que já que existe um ritual a ser seguido para de lobisomem voltar a ser homem, teríamos que admitir uma presença da consciência no inconsciente, o que nos parece ilógico e incoerente.

De certo, parece-nos claro que o mito estaria descrevendo em linguagem simbólica, um conflito, no qual temos a presença do selbest e a consciência do conflito, mas daí inferirmos outras conclusões parece-nos no momento muito precipitado e diria também, imprudente, creio ser mais sincero admitirmos conjuntamente com Shakespeare por intermédio de seu personagem Hamlet que: *“Há muito mais coisas entre o céu e a terra do que conhece a nossa vã filosofia.”*

## **O Boto**

Se bem que no livro *O SACI* de Lobato, não se mencione este personagem mitológico, resolvi acrescentá-lo devido a grande importância que vejo que o mesmo tem para o entendimento da psique feminina O Boto deve ser considerado um ser encantado e não um ser enfeitado como a Mula-Sem-Cabeça e o Lobisomem. Enquanto no Ser enfeitado temos um retrocesso da condição humana para um nível considerado inferior, como no caso da Porca dos Sete Leitões, que era uma Baronesa que por enormes maldades cometidas foi transformada junto com seus sete filhos em leitões por um feiticeiro (*O SACI*, pág. 246), no caso do Ser encantado temos um avanço em direção a condição humanizante de um ser que normalmente seria visto como estando abaixo da condição humana. Este movimento em direção a uma evolução no Ser encantado ou a uma involução no Ser enfeitado é muito importante e não devemos perdê-la de vista.

Ao contrário dos enfeitados, que são homens ou mulheres que se transformam em criaturas animais, o Boto é um animal que se transforma num lindo e sedutor homem que vem a terra e convive temporariamente com os humanos. Adora cachaça, fumo e lindas mulheres que não estejam grávidas, pois a beleza do corpo feminino é fundamental nesta escolha que o Boto faz para com as mulheres com quem pretende manter relações sexuais. O boto, uma vez transformado em homem usa constantemente um chapéu por sobre a cabeça para esconder certos

orifícios respiratórios em sua cabeça. Se devido a ciúmes provocados nos outros rapazes pela extrema sedução que o Boto exerce sobre as mulheres este é agredido ou morto, mais tarde naquele lugar não se encontra mais o homem que fora agredido e sim um boto numa pequena poça d'água.

O mito do Boto se encontra presente junto as populações ribeirinhas ao Rio Amazonas. O Boto, se bem que possa ser visto por uns como um “peixe” é na verdade um animal, que como outros, apesar de viver nas águas, se apresenta como pertencente aos mamíferos.

O Boto representa o animus das mulheres e como tal é um dos mitos que não pode ser reportado como criação da psique masculina e sim da psique feminina, ou seja, da mulher. O Boto representa o PSICOPOMPO, animus, que faz a inter-relação entre o inconsciente e a função egóica consciente nas mulheres. O inconsciente masculino é feminino, pois é regido pela anima, já o inconsciente feminino, é masculino, pois é regido pelo animus. O Boto é este animus arquetípico que representa o inconsciente das mulheres, tanto o pessoal como também o coletivo. É uma imagem idealizada do homem, e como tal, imperfeito. Sua grande beleza e sedução são explicadas quando entendemos que ele não é um homem e sim “uma mulher”, ou melhor dizendo, a imagem idealizada que as mulheres tem do homem.

Estão aqui manifestos os desejos latentes que as mulheres teriam para com seu próprio sexo (atentemos que um dos objetivos na saída do Boto das águas e exatamente manter relações sexuais com outras mulheres e ser homem). Devemos também ver pelo prisma do inconsciente coletivo, como manifestação da psique coletiva, sendo o Boto representação de todo o processo criativo existente nas mulheres e estando as relações sexuais com outras mulheres vinculada à separação e união dos opostos, ou seja, a coniunctionis. Existem portanto as duas visões interpretativas, uma no tocante ao inconsciente pessoal e que nos fala do desejo sexual alimentado inconscientemente pelas mulheres por outras mulheres e da própria luta pelo poder representado pelo fato de desejar ser homem, ou seja, detentor do poder atribuído pela nossa cultura ao homem, basta vermos que vivemos em uma sociedade patriarcal e por outro prisma, com relação ao inconsciente coletivo temos ali representado todo o processo criativo feminino e a própria coniunctionis.

## **Profano X Sagrado**

O Saci e os demais representantes de mitologia brasileira aqui citados e analisados podem ser vistos como representantes do profano, não aceito e negado pela religião oficial, a Igreja Católica Apostólica Romana.

As crenças religiosas dos negros e índios eram diferentes das do branco católico e por isto foram perseguidas e tiveram de SUMIR, mas o profano perante a Santa Madre Igreja continuou a existir de uma forma disfarçada e aparentemente inofensiva nas figuras mitológicas, como, por exemplo, o Saci, o Boitatá, a Iára, O Boto, a Mula Sem Cabeça e o Lobisomem. Alguns destes mitos remontam ao próprio homem branco europeu e são representantes da permanência do profano na Europa, apesar de séculos de “cristianização” (exemplo: Mula Sem Cabeça e Lobisomem).

Na medida em que a Igreja separa o que é sagrado e de Deus do que pertence ao demônio e suas artes, cria-se o profano, o qual passa a coabitar com o sagrado, apesar de negado e constantemente repellido. É a própria sombra do social e religioso denominado Igreja.

Estes personagens mitológicos podem ser vistos, portanto, como resquícios de antigas crenças religiosas que por não mais poderem ser aceitas abertamente naquilo que professavam, tiveram os seus principais temas transformados em mitos, como um representante sintomático da existência destas mesmas crenças, agora sob o invólucro de determinadas figuras criadas pela mente do povo sem consciência de seu real significado ou origem. Devemos sempre nos lembrar que as tradições nos são por vezes transmitidas por via oral, por intermédio do uso da linguagem e o convívio com as ideologias vigentes (além é claro, do inconsciente profundo, coletivo, arquetípico).

Quando uma cultura maior se funde com uma menor, ocorre um processo de aculturação aonde as características do grupo social menor e menos poderoso (social, econômico e religiosamente) se desintegram perante a força esmagadora do grupo social maior e mais poderoso. Neste processo, no entanto, os traços básicos do grupo social menor se integram e são posteriormente absorvidos pelo grupo maior e mais poderoso. Por este motivo, a Igreja Católica carrega consigo traços das várias religiões e crenças religiosas que ela absorveu desde os primórdios de

seu surgimento até os dias de hoje. O que nós vemos acontecer com os mitos brasileiros hoje (representantes de manifestações religiosas de outrora) é parte de um processo sem fim de aculturação e supressão das crenças e ideologias não condizentes com as crenças e ideologias oficiais.

A permanência do profano conjuntamente com o sagrado pode ser ilustrada pela pintura do SACI, ao lado de santos e anjos barrocos no interior da Igreja de São Benedito, em Serra Negra, São Paulo, pintura feita por Cid Serra Negra. (vide Queiroz a pág. 128, 129, e 24). Vemos que apesar de todo um processo de “exorcisação”, as figuras representantes do profano continuam a existir e conjuntamente com o sagrado, a ponto de virarem “pintura sacra”.

Aqui seria interessante mencionarmos um romance moderno e que retrata magnificamente esta realidade, refiro-me a *AS BRUMAS DE AVALON* de Marion Zimmer Bradley (lançado no Brasil pela editora Imago e constando de quatro volumes que contam a história do rei Arthur e os cavaleiros da tábua redonda pelo prisma das mulheres). Neste livro vemos a contraposição de duas realidades religiosas distintas, a religião antiga e tradicional que cultua a grande Deusa e a religião cristã que aos poucos vai assumindo o papel que anteriormente era dado exclusivamente a religião tradicional que cultuava a grande Deusa. Trava-se uma “luta” entre as duas religiões, saindo vencedora a Igreja Cristã. Mas se atentarmos bem para o romance, vemos que a religião antiga não deixou de existir, ao invés, ela se fundiu à Cristã de forma que alguns de seus principais elementos foram transpostos e reabsorvidos pela nova religião, como, por exemplo, o Santo Graal que é levado por Merlin para a corte do rei Artur e lá some, não retornando, portanto, ao seu santuário em Avalon. É interessante salientarmos também o final do quarto volume, quando Morgana descobre que a Deusa continua a existir nas terras agora cristãs, tendo modificado em parte a sua forma externa, mas continuando ali, presente agora sob a forma da Virgem Maria com as freiras, sob a direção da abadessa, representando o papel que outrora lhe cabia, a si e as outras mulheres de Avalon, como sacerdotisa da grande Deusa.

*“Por um momento Morgana estava inclinada a protestar. Ela jurara, ao deixar a corte de Artur pela última vez, que jamais entraria de novo em qualquer igreja cristã; mas esta moça era tão*

*parecida com suas próprias jovens sacerdotisas que ela não profanaria o nome pelo qual conhecia seu Deus. Deixou-se levar para o interior da igreja.*

*Nesse outro mundo, pensou, aquela igreja onde os antigos cristãos adoravam seu Deus tinha de ficar neste mesmo lugar; alguma santidade de Avalon tinha, certamente, atravessado o mundo através das brumas . . .” (Bradley, AS BRUMAS DE AVALON, pág. 280 e 281, vol. 4).*

*“Morgana seguiu a jovem para dentro da pequena capela lateral. Havia flores, braçadas de botões de flor de macieira diante da estátua de uma mulher com um véu, coroada por um halo de luz; e, em seus braços, ela carregava uma criança. Morgana respirou trêmula e abaixou a cabeça diante da Deusa.*

*A moça contou:*

*Aqui temos a Mãe de Cristo, Maria Santíssima...” (Bradley, AS BRUMAS DE AVALON, pág. 281, vol. 4).*

Voltando aos nossos mitos brasileiros, seria interessante traçarmos um paralelo com PAN, que significa tudo e que seria a própria natureza viva, os povos temem a natureza e sentem necessidade de cultuá-la, mas ao mesmo tempo em que eles mantêm este relacionamento de culto e temor para com a natureza, eles sentem necessidade de trazê-la para uma realidade mais “próxima e palpável” por intermédio de alguma figura que possa representar toda a natureza, no caso do Brasil esta figura passaria a ser tanto o Boitatá como também o Curupira e o Caapora (além, é claro, de outras). A natureza fica muito dispersa para ser cultuada ou mesmo temida e precisa ser simbolizada numa figura definida, a qual deve representar a natureza viva na forma de um “deus”, “semideus” ou “ser fabuloso” que deve ser cultuado e respeitado para que deles tenhamos as boas graças e possamos nos relacionar de uma forma mais “harmônica” com a própria natureza, a qual, inclusive, passa a ser por este ou estes homens melhor compreendida e assimilada em toda a sua complexidade, agora diretamente relacionada a um ser específico.

## **Análise do animus e da anima**

Como já vimos, a anima de Lobato é representada em seus trabalhos, prioritariamente, pela boneca que fala e tem como nome Emilia. Já o animus de Lobato passa a ser representado prioritariamente pelo Visconde de Sabugosa, o qual não só representa o arquetípico animus, como também é representante do próprio Lobato como um todo em uma imagem idealizada.

A evolução de Emilia acompanha a própria evolução de Lobato. Mais do que Lobato cria a Emilia, é a própria Emilia quem cria Lobato, pois ela é uma imagem arquetípica representante de todo o processo criativo de Lobato.

Todos os grandes homens tem como representante arquetípico de seu processo criativo uma mulher idealizada que funciona como PSICOPOMPO, fazendo a inter-relação entre o selbest e a sombra com o ego e a consciência. Assim, os poetas na antiga Grécia, como, por exemplo, Homero, tinham as suas MUSAS inspiradoras, e as religiões em sociedades patriarcais tem mulheres “endeusadas” que funcionam como mediadoras entre deuses e homens (por exemplo, o mito de Isis no Egito ou da Virgem Maria na Igreja Católica).

Nos trabalhos de um artista moderno, Frank Miller, em *O CAVALheiro DAS TREVAS*, publicado nos EUA em 1985 e no Brasil em 1986, temos um Batman como representante arquetípico da sombra de toda uma sociedade e cultura, que por vezes só consegue escapar da morte certa ou de ser preso pela polícia pela corajosa e decidida intervenção de uma menina de apenas treze anos de idade, a Robin. Vemos que aqui a Robin representa a anima não só de Miller como de toda uma sociedade. Independente de onde formos procurar, sempre acharemos uma anima como representante de todo o processo criativo dos homens. Ela pode vir representada por um Ser feminino concreto ou por algo que metaforicamente se entenda como representante do feminino, como, por exemplo, no livro *O NOME DA ROSA*, de Umberto Eco, aonde o elemento feminino aparece predominantemente relacionado a biblioteca do mosteiro.

Seria interessante vermos também a tradição de Lilith já mencionada em outra parte, deste mesmo trabalho, ou do Santo GRAAL tão popular durante a Idade Média e que representa simbolicamente o elemento feminino dentro da corte do rei Artur e na mente de toda uma população que por diversos fatores (culturais, religiosos, econômicos, etc...) teve de afastar o elemento feminino, pois este estaria diretamente relacionado com o demônio, é muitíssimo interessante que no meio de toda esta repressão do elemento feminino, por o mesmo ser demoníaco, surja a lenda do Santo Graal como representante deste feminino então negado e perseguido. Lembremos que os cavaleiros de Artur buscavam encontrar o Santo Graal, uma busca incessante por algo muito importante e que por algum motivo misterioso havia se perdido e cuja ausência afetava drasticamente a corte do rei Artur.

### **O Selbest em Lobato**

Extremamente harmônico com a consciência do próprio Lobato, é assim que poderíamos descrever esta harmonia que Lobato não só vivencia, mas que também nos passa em seus belíssimos trabalhos e em sua luta pelo futuro do Brasil, a qual está registrada pela história e merece o nosso respeito e homenagem. Já falamos, a pouco, que o selbest de Lobato poderia ser visto intuitivamente como representado no próprio Sítio do Pica Pau Amarelo e em seu centro onde estaria a casa grande habitada pelos personagens do Sítio. Sendo que D. Benta e Tia Nastacia representariam pelas próprias oposições culturais e sociais existentes entre as duas o selbest com seus dois pólos antagônicos, sendo Emilia representante da anima criativa de Lobato e o Visconde tendo ora o papel de animus e ora de imagem do próprio Lobato. É muito interessante a harmonia com que Lobato vivencia o seu enorme processo criativo a partir do seu contacto com o inconsciente e conteúdos provindos da sôbra arquetípica.

### **A sombra**

A sombra pode ser extremamente destruidora ou construtiva, dependendo quase que unicamente de ela ser ou não aceita e integrada

num todo harmonioso, pelo indivíduo ou sociedade. No caso de Lobato, como já vimos, há uma grande harmonia e aceitação de seu lado obscuro, a sombra passa portanto a ser vivida de uma forma construtiva e pivô de todo o processo criativo enquanto rico manancial de inspirações e energia de vida.

Mas nem sempre é assim, poderíamos quase dizer que dentro de nossa atual sociedade, Lobato é uma das raras exceções e que em geral as respectivas sombras não são aceitas e sim projetadas em outros, como no caso do racismo, machismo, anti-semitismo ou outras *ideologias cuja maior função é de servirem como instrumento mantenedor e estabilizador da própria sociedade e do status quo de cada indivíduo dentro da mesma.*

Em *O CAVALEIRO DAS TREVAS*, temos que é a URSS que envia um possante míssil nuclear (veja o nº 4) que causa devastadora destruição nos EUA, quando na verdade, analisando por um prisma psicológico, nós vemos que trata-se de uma projeção dos desejos dos americanos em destruir a URSS, como tais desejos não são aceitos, eles são conseqüentemente projetados e agora são eles (os soviéticos) que querem destruir os EUA e não o contrário. Neste mesmo e magnífico trabalho artístico vemos como a não aceitação da sombra arquetípica representada pelo Batman causa tamanha destruição e “confusão”, esta não aceitação é causa direta do surgimento de um lado mais obscuro e sinistro desta mesma sombra, que desperta e entra no conflito já instaurado, refiro-me ao Coringa, que estando em estado catatônico durante anos, internado num sanatório, recobra parte de sua lucidez e passa a participar do conflito ocasionado pela presença do Batman. Vemos que Batman e Coringa são duas facetas da MESMA sombra não aceita, negada e perseguida. Se a sombra arquetípica aqui representada por Batman, fosse aceita, não haveria necessidade de tamanha destruição ou que o conflito tomasse tais proporções.

Devo salientar que já conclui, na medida em que apresentei claramente e sem rodeios o que penso sobre cada ponto no decorrer destas páginas, nas quais eu tracei a personalidade de Lobato no que se refere as suas funções psíquicas e na forma em que ele vivenciava os conteúdos provindos de seu inconsciente e o seu processo criativo. Para Jung, personalidade é diferente de persona, sendo a primeira o indivíduo como um

todo em toda a sua complexidade e deixando o termo *persona* para descrever o mesmo indivíduo como ele é visto pela sociedade e como ele mesmo se vê, portanto, quando eu me refiro a análise da personalidade de Lobato, o faço pensando em toda a complexidade de seu Ser, no seu processo criativo e na forma como ele vivencia os conteúdos provindos de seu inconsciente.

Tenho certeza e confiança de ter entregado ao leitor um bom trabalho, se bem que modesto, cujas maiores pretensões são de levantar questionamentos e hipóteses que possam levar estímulo a outros pesquisadores para que realizem outros trabalhos sérios sobre o tema. Não tenho a pretensão de estar fazendo ciência e sim de assumir a postura e atitude de um cientista perante determinados fatos empíricos, aos quais levanto proposições com sentido em cima de sólida base teórica fornecida pelos trabalhos de Freud, Adler e Jung (dentre outros).

Apesar de podermos ver a presença da Psicologia mesclada à Filosofia desde os tempos mais antigos, esta só vem a se separar da mesma, criando uma certa independência e maturidade científica a cerca de mais ou menos cem anos, portanto, a Psicologia ainda é uma ciência muito jovem, que ainda está desenvolvendo os seus primeiros passos num terreno metodologicamente mais sólido e viável. Ao fazermos uma análise interpretativa psicológica, devemos primeiramente atentar para as dificuldades nos impostas pela própria jovialidade do instrumento que nos é dado utilizar. Devemos caminhar com cuidado, sem mantermos a falsa pretensão de estarmos dizendo *verdades absolutas* ou de fornecer a última palavra sobre o assunto estudado.

Dentro das proposições epistemológicas de Karl Popper, a Psicanálise de Freud e a Psicologia Analítica de Jung não poderiam ser consideradas como ciência, pois suas proposições, se bem que baseadas em uma coleta de fatos empíricos, não são passíveis de passarem por um processo de testabilidade aonde poderiam ser ou não refutadas. Ambas as teorias possuem proposições com sentido, são coerentes e lógicas e o que elas afirmam pode ser “*a verdade mais pura*”, mas no momento atual não nos é possível submeter as mesmas a um critério de testabilidade que pudesse refutá-las, por isto não as devemos considerar como ciência, sem que isto implique em critérios de verdade ou não verdade.

Se o leitor aceita as teorias de Jung e Freud como verdadeiras, decerto concordará que as minhas conclusões no transcorrer do presente trabalho também são verdadeiras, uma vez que o mesmo se baseia nos postulados teóricos anteriormente formulados por estas Escolas de Psicologia. Se no entanto o leitor não aceita a veracidade de tais teorias, decerto que terá um posicionamento semelhante para com o presente estudo, no entanto, devo salientar que não estou aqui para dizer verdades absolutas e sim para levantar questionamentos e hipóteses lógicas, coerentes e plausíveis de serem verdadeiras.

Gostaria de finalizar dizendo ser a minha mais sincera opinião que no momento em que radicalizamos, nós nos tornamos automaticamente estéreis, infrutíferos e morremos para a magia e beleza da vida, do próprio desconhecimento, do não saber que nos faz crescer e criar produtivamente na medida em que buscamos eternamente o saber e a verdade.

## BIBLIOGRAFIA

**ALMEIDA**, Aluisio de. *50 Contos populares de São Paulo*. Emp. Gráfica da Revista dos Tribunais LTDA.

**ALMEIDA**, Renato. *Manual de coleta folclórica*. Gráfica Olímpico Editora.

**AMARAL**, Amadeu. *Tradições populares*. Instituto Progresso Editorial.

**ARISTOTELES**. *Obras: Del alma; Etica nicomaquea; Etica eudemiana; Política; Constitucion de Atenas; Poética*. Traducción del griego por Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1986.

**BACHRACH**, Arthur J. *Introdução à pesquisa psicológica*. Trad. Geraldina Porto Witter. São Paulo: EPU, 1985.

**CASCUDO**, Luís Câmara. *Literatura oral no Brasil*. José Olímpio/MEC.

**CASCUDO**, Luís Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. José Olímpio.

**CASCUDO**, Luís Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. Tecnoprint.

**CASCUDO**, Luís Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Tecnoprint.

**DUSILEK**, Darci. *A arte da investigação criadora*. 5. ed. Rio de Janeiro, JERP, 1984.

**EDWARDS**, David C. *Manual de psicologia geral*. Trad. Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix.

**FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

**FRANZ**, Maria-Louise Von. *A interpretação dos contos de fadas*. Trad. Maria Eloi Spaccaquerche Barbosa. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

**FRANZ**, Maria-Louise Von. *O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fadas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix.

**FRANZ**, Maria-Louise Von. *Adivinhação e sincronicidade*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix.

**FRANZ**, Maria-Louise Von. *Alquimia*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix.

**FREUD**, Sigmund. *Freud/Jung: Correspondência completa*. Trad. Leonardo Froes e Euduro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

**FREUD**, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral e revisão técnica de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: IMAGO, 1977. (editor inglês: James Strachey) 24 volumes, 1º edição.

**GALLIANO**, A. Guilherme. *O método científico: Teoria e prática*. São Paulo: HARBRA, 1979.

**GARCIA-ROSA**, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1984.

**GOMES**, Lindolfo. *Contos populares brasileiros*. Edições Melhoramentos.

**HALL**, Calvin S. *Introdução à psicologia junguiana*. Calvim S. Hall. e Verman J. Nordby. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix.

**HEBB**, D. O. *Psicologia vol. I e II*. Trad. Dra. Pepeta Cortes Bosch. 3. ed. Rio do Janeiro/São Paulo, 1979.

**HEIDBREDER**, Edna. *Psicologias do século XX*. Trad. Lauro S. Blandy. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

**HUMBERTO**, Elie G. *Jung*. Trad. Marianne Ligeti. São Paulo: Summus, 1985.

**JONES**, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Organização e resumo de Lionel Trilling e Steven Marcus. Tradução de Marco Aurélio de Moura Mattos. 3. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979.

**JUNG**, Carl Gustav. *Obras completas de C. G. Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes.

*Vol. XI - Psicologia da religião ocidental e oriental*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, 1983.

*Vol. XV - O espírito na arte e na ciência*. Trad. Maria de Moraes Barros, 1985.

*Vol. VII - Estudos sobre psicologia analítica*. Trad. Maria Luiza Appy e Dora Ferreira da Silva, 1981 - 2. ed.

*Vol. XVII - O desenvolvimento da personalidade*. Trad. Frei Valdemar do Amaral, 1981.

*Vol. XIV/1 - Misterium Coniunctionis*. Trad. Frei Valdemar do Amaral, 1985.

*Vol. IX/2 AION - Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB, 1982.

*Vol. VIII - A dinâmica do inconsciente*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB, 1984.

*Vol. V - Símbolos da transformação*. Trad. Eva Stern 1986.

*Vol. XVIII/1 - Fundamentos de psicologia analítica*. Trad. Araceli Elman, 3. ed. 1985.

*Vol. XVI/1 - A prática da psicoterapia*. Trad. Maria Luiza Appy, 2. ed. 1985.

**JUNG**, C. G. *O Segredo da flor de ouro*. C. G. Jung e R. Wilhelm. Trad. Dora Ferreira de Silva e Maria Luiza Appy. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

**JUNG**, C. G. *Memórias sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

**JUNG**, C. G. *O pensamento vivo de Jung*. São Paulo: Martin Claret, 1986.

**JUNG**, C. G. *Tipos psicológicos*. Trad. Álvaro Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.

**JUNG, C. G.** *Freud/Jung: Correspondência completa*. Trad. Leonardo Froes e Euduro Augusto Macicira de Souza. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

**JUNG, C. G.** *La psicología de la transferencia*. Version castelhana: J. Kogan Albert. 4. ed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1978.

**JUNG, C. G.** *Realidade del alma*. Traducción de Fernando Vela y Felipe Jimenes de Asúa. 4. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1968.

**JUNG, C.G.** *Los complejos y el inconsciente*. Traductor: Jesús López Pacheco. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1974.

**JUNG, C. G.** *Arquétipos e inconsciente colectivo*. Version castellana: Miguel Murmis. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1977.

**JUNG, C. G.** *Formaciones de lo inconsciente*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1976.

**JUNG, C. G.** *Psicología y simbólica del arquetipo*. Version castellana: Miguel Murmis. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1977.

**JUNG, C. G.** *La psique y sus problemas actuales*. Traducción por Eugenio Imaz. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Poblet, 1944.

**JUNG, C. G.** *Volume 18 of the collected works of C. G. Jung The symbolic life - Miscellaneous writings*. Translated by R. F. C. Hull. Princeton: Boliingen Series XX, 1980.

**KRECH, David.** *O indivíduo na sociedade*. David Krech, Richard S. Grutchfield e Egerton L. Ballachey. Trad. Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1973 (vol. I) e 3. ed. (vol. II.) 1975.

**KRECH, David.** *Elementos de psicología*. David Kreech e Richard Crutchfield, Tradução Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1980, vol. I. e vol. II.

**LAPLANCHE, J.** *Vida e morte em psicanálise*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Medicas, 1985.

**LAPLANCHE, J.** *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen J. Laplanche e J.-B. Pontalis E. 7. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1983.

**LEAL, José Carlos.** *A natureza do conto popular*. Rio de Janeiro: Conquista.

**LIMA**, Rossini Tavares de. *Mitos do estado de São Paulo*. Revista do arquivo municipal, São Paulo, ano XV, vol. CXIX.

**LIMA**, Rossini. *Lobisomem: Assombração e realidade*. São Paulo: Escola de Folclore, secretaria de estado de cultura (Coleção Pesquisa).

**LOBATO**, Monteiro. *O Saci*. Brasiliense.

**LOBATO**, Monteiro. *Obras completas de Monteiro Lobato - Literatura geral* (13 vols.); 5º e 7º ed. São Paulo, Editora Brasiliense LTDA., 1951, 1955.

vol. 1 *Urupês*

vol. 2 *Cidades mortas*

vol. 3 *Negrinha*

vol. 4 *Idéias de Jeca Tatu*

vol. 5 *A onda verde e o presidente negro*

vol. 6 *Na antevéspera.*

vol. 7 *O escândalo do petróleo e ferro*

vol. 8 *Mister Slang e o Brasil e problema vital*

vol. 9 *América*

vol.10 *Mundo da lua e miscelânea*

vol.11 *A barca de Gleyre - 1º Tomo*

vol.12 *A barca de Gleyre - 2º Tomo*

vol.13 *Prefácios e entrevistas*

**LOBATO**, Monteiro. *Obras completas de Monteiro Lobato - Literatura infantil* (17 vols.). São Paulo: Editora Brasiliense, 1947.

vol. 1 *Reinações de Narizinho*

vol. 2 *Viagem ao céu e o Saci*

vol. 3 *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden*

vol. 4 *História do mundo para as crianças*

vol. 5 *Memórias da Emilia e Peter Pan*

vol. 6 *Emilia no país da gramática e Aritmética da Emília*

vol. 7 *Geografia de Dona Benta*

vol. 8 *Sermões de Dona Benta e História das invenções*

vol. 9 *D. Quixote para as crianças*

vol. 10 *O poço do Visconde*

vol. 11 *Histórias de Tia Nastácia*

vol. 12 *O Pica-Pau Amarelo e a reforma da natureza*

vol. 13 *O minotauro*

vol. 14 *A chave do tamanho*

vol. 15 *Fábulas*

vol.16 *Os doze trabalhos de Hércules - 1º Tomo*

vol.17 *Os doze trabalhos de Hércules - 2º Tomo*

**MCGUIGAN**, F. J. *Psicologia experimental: Uma abordagem metodológica*. Trad. Suzana Behmer Cardoso. São Paulo: EPU, 1976.

**MILLER**, Frank. *BATMAN - O cavaleiro das trevas*. Trad. João Paulo L. B. Martins. São Paulo: Abril, 1986.

**PLATON**. *Obras completas*. Trad. del griego por Maria Araújo, Francisco Garcia Yague, Luis Gil, José Antônio Miguez, Maria Rica, Antônio Rodrigues Huescar y Francisco de P. Samaranch. 2. ed. Madrid: Aguilar.

**QUEIROZ**, Renato da Silva. *Um mito bem brasileiro: Estudo antropológico sobre o Saci*. Polis.

**ROMERO**, Silvio. *Contos populares do Brasil*. José Olympio .  
*O Saci Perere: Resultado de um inquérito*. 1917, São Paulo secção de obras de O ESTADO DE SÃO PAULO.

**RUDIO**, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

**SCHULTZ**, Duane. *História da psicologia moderna*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1981.

**SCHUR**, Max. *Freud: Vida e agonia*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: IMAGO, 1981 (3 volumes).

**SICUTERI**, Roberto. *Lilith: A lua negra*. Trad. Norma Telles, J. Adolpho S. Gordo. 3º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

**SILVEIRA**, Nise da. *Jung: Vida e obra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Para melhor compreender a teoria e a terminologia empregada neste trabalho, consulte no caso dos termos psicanalíticos, o *Vocabulário da Psicanálise* de Laplanche e Pontalis, e no caso dos termos e da abordagem da Psicologia Analítica de C. G. Jung, recomendamos um estudo introdutório um pouco mais aprofundado, o qual pode começar por:

*O homem e seus símbolos.* Jung, Nova Fronteira.

*Fundamentos de Psicologia Analítica.* Jung, Vozes.

*Estudos sobre Psicologia Analítica.* Jung, Vozes.

*Jung: Vida e obra.* Nise da Silveira, Paz e Terra.

*O que Jung disse realmente.* E. A. Bennet, J. Z. E.





título, fui fazendo pesquisas, fui me aprofundando e acabou saindo cerca de cento e quinze páginas. Tem algumas cópias do trabalho aqui pela sala. Eu estou pensando agora na possibilidade de publicá-lo. É um trabalho sério, se bem que modesto.

Essa evolução de uma monografia para um trabalho desse peso requereu pesquisas em nível de Biblioteca Nacional, do MEC, da Gama, da PUC. Teve todo um rol de pesquisas, fora a obra do Lobato, do Jung, que eu tive acesso para fazer um trabalho sério. Eu estou analisando..., o trabalho que consiste no seguinte:

Eu peguei um livro de Monteiro Lobato de 1921, “O Saci”, e estou fazendo uma interpretação psicológica numa abordagem junguiana desse livro, sendo que, se bem que eu fale de alguns traços de personalidade de Monteiro Lobato, eu não estou fazendo uma análise de personalidade de Monteiro Lobato, como um todo, já que eu estou me prendendo a este livro: “O Saci”.

Como eu coloquei aqui no quadro, eu abordo tanto Monteiro Lobato e a mitologia brasileira quanto Carl Gustav Jung. O Jung que eu utilizo ao nível de instrumental para interpretar, e a mitologia brasileira, que são personagens que aparecem neste livro “O Saci”.

Bem, o lance é o seguinte:

Primeiro vou tentar resumir oralmente para quem não conhece, a história do “Saci”.

Todos vocês devem conhecer O Sítio do Picapau Amarelo, criação de Lobato. Pois bem, a história é mais ou menos a seguinte: O Pedrinho está em férias no sítio da Dona Benta (no casarão) e conversando com a Dona Benta. Um belo dia, no meio daquelas conversas, ele passa a se interessar tanto pelos sacis quanto pela mata virgem ao longo do sítio, afastado.

O Pedrinho procura o tio Barnabé e pede informações sobre como é um saci, como é que ele poderia fazer, inclusive, para capturar um saci e através destas informações que ele tem, e mais tarde eu vou ler algumas passagens, ele consegue capturar o saci, e com esse saci preso na garrafa que ele...

O tio Barnabé disse que os sacis aparecem nos rodamosinhos de vento em determinados dias do ano e apesar dele não ver o saci, ele poderia com um determinado tipo de peneira capturá-lo, jogando-a em cima do rodamosinho e depois engarrafá-lo colocando como tampa uma rolha com uma cruzinha. O que segurava o saci era a cruzinha e não a rolha em cima. Bem, o Pedrinho fez isso, capturou o saci apesar de não conseguir vê-lo (ele fica invisível na garrafa), e vai com a garrafa um belo dia para a floresta, e bem no centro da floresta ele se deita, adormece numa pedra, e quando ele acorda, encontra o saci gesticulando dentro da garrafa para ele.

O saci diz que ele está no centro da floresta. Já é muito tarde e ele não vai ter tempo para voltar ao sítio e que ali é um lugar perigosíssimo, pois por ali passam o lobisomem, o curupira, o capora, existem cobras gigantes e por aí vai.

O saci propõe um trato. Ele lhe daria a liberdade e o saci lhe serviria como guia dentro da floresta. O Pedrinho aceita o trato e durante toda aquela noite o saci vai lhe mostrando os segredos da floresta, um a um.

Inclusive, nesta parte do trabalho, quando for analisar os personagens da mitologia, é o saci que está mostrando ao Pedrinho no alto de uma árvore, estão sempre escondidos vendo as personagens passar.

Lá pelas tantas da noite, já tendo passado vários personagens, já tendo vivido várias aventuras, surge uma coruja com um recado para o saci, dizendo que a Narizinho tinha sido raptada e esse vai ao sítio deixando o Pedrinho na floresta, vê o que aconteceu, se informa que foi a Cuca que sumiu com a Narizinho. A Cuca é uma feiticeira, uma bruxa, a rainha das coisas feias, que sumira com Narizinho. Então ele volta até Pedrinho, e ambos montados num porco selvagem vão até o sítio, confortam Dona Benta e tia Nastácia e vão empreender um resgate da Narizinho. Vão até a caverna da Cuca, enfrentam a mesma e depois de algumas peripécias, eles conseguem dominar a Cuca e salvar a Narizinho, que a mesma tinha transformado numa pedra. Ela

tinha dado uma flor muito esquisita, uma flor azul, para a Narizinho cheirar, e no momento que ela cheirou, inalou aquele cheiro, ela se transformou automaticamente numa pedra.

Bem, a história em linhas gerais é mais ou menos por aí, eles conseguem então salvar a Narizinho.

Bem, o que eu pretendo fazer em relação a essa história e vou citar algumas passagens mais detidamente em relação ao texto, conforme estou fazendo, é uma análise psicológica. Ora, quando nós fazemos uma análise, nós analisamos as personagens, mas conseqüentemente analisar as personagens significa analisar os criadores da personagem. Quando eu analiso, por exemplo, o Monteiro Lobato na Emília. O que eu estou falando do Visconde ou da Emília, eu estou falando, na verdade, do próprio Monteiro Lobato. Estou analisando o Lobato através de suas personagens.

Já no caso das personagens como o saci, a mula-sem-cabeça, o boitatá, o capora, que também aparecem, eu já não posso me referir unicamente ao Lobato, pois já transcende em muito ao Lobato, não foi ele quem os criou, ele só deu uma modificação artística para os colocar no texto. No momento em que eu falar destas personagens mitológicas, eu teria que me referir ao povo brasileiro em sua totalidade, pois foi esse povo quem as criou.

Bem, ao nível de introdução é mais ou menos por aí, eu queria acrescentar mais uma coisa: O tempo que nós temos é relativamente curto, então, como não terei no final tempo para abrir uma discussão, não vai dar para falar do trabalho todo, são muitas interpretações, então eu proporia o seguinte, conforme eu fosse apresentando algumas interpretações, o pessoal que tivesse alguma dúvida, seja em relação a terminologia ou em relação as minhas conclusões, ou tem alguma sugestão, ou gostasse de traçar algum paralelo, ou qualquer coisa, falasse na hora, me interrompesse, e colocasse, aí a gente abriria logo uma discussão, paralela ao trabalho, porque se não, ficaria em torno de um monólogo, pelo menos para mim o monólogo é uma coisa chata, ficar ouvindo a pessoa falar, falar... Seria melhor abrir em forma de discussão, conforme fossem surgindo necessidades.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Nesse livro “O Saci” é onde aparecem essa quantidade de personagens, é mais nesse livro, nos outros, aparecem outras personagens fora do sítio como a aventura em que aparecem, por exemplo, personagens da mitologia grega.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mas o Lobato é um sucesso! Todos conhecem o Lobato, se bem que a parte literária do Lobato, você chega num sebo da cidade, você encontra as obras do Lobato ali jogadas, especialmente a parte referida às obras adultas. Agora, todo mundo sabe quem é Monteiro Lobato. O nome é familiar e na medida em que ele expressa, como o Davi colocou, toda uma realidade mitológica, uma realidade nossa que habita em cada um de nós. É empolgante ler aquelas obras do Lobato, na medida em que fala de uma realidade ao nível do próprio inconsciente coletivo de cada um.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Deixa eu apresentar a minha interpretação do Lobato...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mas, a “gravidez” (em sentido psicológico, criativo) vai variar de cultura para cultura, no caso do Brasil..., nas populações rurais, onde esses mitos tem vida e onde as pessoas vivem essa realidade, agora não nas populações industriais.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Exatamente, mas a questão dos arquétipos vai variar de acordo com a cultura, por exemplo, no mito de Lilith, é predominantemente...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Por favor, estamos fugindo do assunto. Deixa eu entrar no tema do Lobato. Esses conceitos vão ser discutidos posteriormente. Se não a gente vai entrar numa discussão paralela, e as pessoas vão boiar. Bem gente, para abrir uma discussão, eu vou ler um texto pequeno da análise que eu faço do Pedrinho e do Visconde de Sabugosa, aí eu vou abrir uma discussão em relação a estes dois personagens.

Se alguém tiver alguma coisa para colocar...

Pedrinho e o Visconde de Sabugosa, na página 35 para quem está com as cópias do trabalho.

A parte da terminologia eu vou explicar quando eu terminar, vocês anotem algum termo que vocês não compreendam que eu explico quando terminar de ler.

*“Pedrinho e o Visconde de Sabugosa: Temos que Pedrinho é a representação arquetípica do animus de Lobato e que tem (Pedrinho) como representação arquetípica de seu próprio animus ao Visconde de Sabugosa...”*

(Prossegue leitura do livro de minha autoria, intitulado: Estudo psicológico de “O Saci” de Monteiro Lobato: Uma abordagem junguiana”. Disponível em minha página na Internet)

(Uma ou mais pessoas falam)

(Prossegue leitura do livro de minha autoria, intitulado: *Estudo psicológico de “O Saci” de Monteiro Lobato: Uma abordagem junguiana*”. Disponível em minha página na Internet)

Dr. Silvério: O que eu coloco é o seguinte: A Emília é a anima de lobato, o lado feminino, e está relacionado a todo o processo criativo de Lobato. É por intermédio da Emília que o Lobato cria, que o Lobato vivencia o seu processo de individuação. A psicologia de Jung está basicamente centrada no processo de individuação, no processo de crescimento interior, trazendo realidades do inconsciente, seja este coletivo ou pessoal, toda uma parte de arquétipos, à luz da consciência trabalhando tudo isso de forma harmônica, de forma criativa...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Pegando os trabalhos do Jung, nós temos que a anima vai aparecer em todas as obras, em toda a parte criativa como representante, ou mesmo representada, num ser feminino. Isso a partir de uma coleta de dados empíricos que nós podemos fazer na história, na filosofia, enfim, se levantássemos um estudo em cima de todo o material que nos chega hoje, trazidos pela história, pela literatura e pela filosofia, nós veremos que em todos os grandes pensadores e não só neles, mas especialmente neles, nós temos uma figura feminina marcante, por exemplo, temos as musas de Homero, nós temos a deusa do poema de Parmênides. Mesmo em romances, por exemplo, agora no cinema está passando “Manequim”, como eu já tive oportunidade de ver, e todo o processo do cara é extremamente criativo, mas a partir do momento que ele entra em contato com um manequim que se transformou em gente, que se transforma numa mulher. Então veja, eu estou partindo de uma coleta de dados empíricos, é a partir destas informações que eu passo a associar o processo criativo com a figura feminina. Então, incluiria a hipótese de um arquétipo, o arquétipo da anima, de uma alma feminina, de uma alma de mulher, que habitaria em todos os homens.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Essa parte em relação ao Lobato...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mais do que isso, a Emília é uma personagem do romance de Lobato. Então eu estou levantando a hipótese de que Lobato está apaixonado pela própria Emília, mas na medida em que Emília é a fiel representante de todo seu processo criativo, porque mais que Lobato cria a Emília, é a própria Emília quem cria Lobato.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Lobato está apaixonado por Emília na medida em que Emília representa todo o processo criativo do mesmo, toda a parte do inconsciente, principalmente do inconsciente coletivo de Lobato, vem a tona, mas por intermédio da Emília, que se torna o psicopompo...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não, não se trata da paixão de um casamento, é apaixonar... Nós entendemos o termo paixão mas não uma paixão...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Eu estou levantando estes paralelos...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Na análise que eu faço da Emília eu coloco... Veja, da mesma forma que eu coloco na análise do Visconde uma parte do Pedrinho mais próxima da consciência e mais afastada do Visconde de Sabugosa...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Para Narizinho eu coloco a mesma coisa. Narizinho tendo em segundo plano a Emília, mas a Emília é muito mais próxima do inconsciente coletivo do que a própria Narizinho, pelas próprias perdas do caráter humanizante. Você vê que a Emília é uma boneca, então ela vai se afastando da consciência, ela vai entrando num meio arquetípico, ela tem vida, é uma boneca que fala.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Porque o Pedrinho é o animus de Lobato? Aí é uma hipótese que eu estou levantando. Veja, eu estou levantando a hipótese do Pedrinho ser o animus de Lobato, sendo que por animus nós devemos entender também o outro arquétipo que é o lado masculino, no caso, dentro de cada mulher, também existente nos homens, é bem interessante, porque veja, dentro da teoria junguiana nós devemos ter que o animus teria sua presença mais marcante nas mulheres e não nos homens. Nos homens teríamos a presença mais marcante da anima, no caso, nos escritos de Lobato, nós vemos que isto não acontece como manda a teoria, pois o Visconde de Sabugosa se encaixa perfeitamente no que a teoria nos coloca como animus, no entanto, Lobato é um homem, não uma mulher.

Nós temos a anima representante do lado feminino representada pela Emília e tem evidentemente uma função de destaque, mas também temos o Visconde de Sabugosa com caracteres arquetípicos onde nós temos de obrigatoriamente rotulá-lo como animus, o lado masculino...

Agora, no caso do Visconde, eu defendo que tem dois papéis, ele num primeiro momento é o animus, ele é um arquétipo de Lobato relacionado ao processo criativo do mesmo e no segundo momento, paralelo a este, ele é o próprio Lobato idealizado já passando para uma esfera consciente, ele representa o Lobato ali acenando dentro dos livros: “Gente, olha eu aqui, eu sou o autor”. E nesse momento, a

gente vê determinadas histórias do Monteiro Lobato, que o Visconde carece de importância no tempo do Sítio do Picapau Amarelo. As pessoas não dão a importância que ele merece. Então, eu passo a ver isto, quando defendo esta tese, como a própria insignificância que Lobato vê nele dentro do contexto social ao qual ele está inserido. É sabido, é notório, que um intelectual brasileiro é uma pessoa que sofre independente de ser homem ou ser mulher, porque ele vai pertencer a uma minoria, uma minoria de certa forma elitizada, mas que tem idéias, mas que não consegue levá-las adiante porque a massa não tem como captar, não tem como compreender. Nós sabemos que Lobato lutou pelo ferro no Brasil, lutou pelo petróleo, e pela luta que ele empreendeu pelo Brasil, chegou a ser preso, passou três meses na cadeia a mando do senhor Getúlio Dorneles Vargas. E desta forma é uma pessoa que está lutando, está dando tudo de si pelo Brasil, pelo que entende como progresso desta nação e de repente é presa, não é entendida, não é compreendida, não devemos nos esquecer, já que no final da vida de Lobato, há uma frase dele que a gente encontra em várias biografias, em que ele falou que achava que tinha perdido muito tempo escrevendo para adultos, ele devia ter gasto mais tempo da vida escrevendo para as crianças porque as crianças compreendiam ele, compreendiam as mensagens dele, os adultos não. Uma queixa que ele faz em cima desses dados biográficos...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Ele fez o maior sucesso, tremendo sucesso, com Urupês, na parte dos adultos, mas talvez em parte pela parte política, a luta que ele tinha pelo petróleo, que em alguns livros dele, como o “Escândalo do petróleo”, ele se posiciona querendo já em 1920-30 que o Brasil desse um salto, que o Brasil fizesse naquela época o que os Estados Unidos estavam fazendo. Se o Brasil tivesse feito aquilo, hoje não seria o que é em relação aos Estados Unidos. Mas naquela época haviam interesses muito poderosos.

Essa insignificância do Lobato pode ser vista não só pelo contexto social, a sociedade na qual está inserido, mas também em relação ao processo criativo dele. É uma coisa esmagadora.

O homem com os trinta volumes que ele nos deixou, tem uma obra vastíssima, lindíssima, interessantíssima. Nós vemos ele pegar personagens da mitologia como o Hércules e outros e trabalhar com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo.

De certa forma, a criança está aprendendo conceitos de mitologia, conceitos de história, paralelo a própria história, ao próprio divertimento. Então, é todo esse processo criativo que eu me refiro e todo artista diria que sim.

Em relação à terminologia, alguém teria alguma pergunta? Alguma questão?

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Você esquece que Jung coloca as musas de Homero, que Jung coloca a deusa de Parmênides, como manifestações da anima e tanto as musas quanto as deusas carecem disto que você está colocando, ou seja, essa parte atrativa, ao nível sexual.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não em relação as musas inspiradoras dos poetas. Um poeta na antiga Grécia. Eles falavam a verdade absoluta. Porque ele era inspirado ou pelas deusas ou pelas musas.

E veja, essa questão da inspiração você pode ter um caráter sexual nelas. Assim como eu vejo em Emília e você pode não ver como também não ter o animus...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: É uma das coisas inclusive que eu vou defender ao nível de conclusão. Um dos motivos... por exemplo, fazendo uma leitura das obras de Jung, coerentemente nós poderemos ver a Emília como uma dimensão da anima criadora de Lobato, e Narizinho também.

Agora, um dos motivos que eu vou fechar a minha conclusão com isso, tanto a psicanálise do Freud quanto a Psicologia Analítica do Carl Gustav Jung não podem em hipótese alguma serem consideradas como ciência nas concepções epistemológicas de Carl Popper é porque, nós não podemos submetê-las a um critério de testabilidade, nem refutá-las. Então você pode apresentar uma hipótese e eu posso apresentar uma outra hipótese, a sua hipótese esta galgada em determinada leitura e a minha em outra leitura. Você não pode refutar a minha hipótese e eu não posso refutar a sua hipótese, porque ambas estão coerentes com a teoria.

Não podemos considerar a psicologia de Jung como ciência, apesar de nós termos nela afirmações com sentido que possam ser verdade.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não, a Emília não ficou noiva do Visconde, foi do Marquês de Rabicó.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Você fazendo uma leitura das obras de Lobato com atenção, a partir do nosso ponto adulto, você percebe que o Lobato coloca o Visconde como apaixonado pela Emília...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: O Visconde, no caso, seria o próprio Lobato idealizado neste momento.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mas, meu caro amigo, a Emília não vai casar com o Visconde não. Ela vai casar com um ser animado, ela vai casar com o Marquês de Rabicó, que é um leitão. É um leitão, não é um ser inanimado, ele tem vida. Daí a ser a Marquesa de Rabicó. Veja, você tem que entrar na obra de Lobato e viver junto com ele.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Dona Benta e tia Nastácia. Eu vejo ambas como manifestações do que Jung chama de self, o centro coordenador, o centro energético de toda a psique.

Veja, de acordo com a posição de ambas, a tia Nastácia dentro da nossa cultura, ela é uma negra e consequentemente desprivilegiada por uma cultura racista que é a nossa. Ela tem um nível de instrução muito baixo, ela é do tempo da escravidão, a própria forma como ela fala é de uma forma incorreta, o tempo todo o Lobato, ele sempre coloca a Nastácia (até pelo nome tia Nástácia, como o mais correto talvez fosse Anastácia, seria um termo mais bonito) em oposição à Dona Benta que é a proprietária do sítio enquanto que a outra não é proprietária de coisa alguma. A Dona Benta tem uma cultura mais vasta, tem um nível de instrução maior, tem uma vastíssima biblioteca, é branca enquanto a outra é negra. Com determinadas oposições, diferenças culturais, econômicas, sociais, mas elas estão em oposição.

Então é a própria dualidade do self ou o próprio Cristo e anti-Cristo, o próprio lado positivo e negativo que se mesclam no self formando um só e o centro, eu poderia ver de uma forma intuitiva, por isso mesmo foi colocada de uma forma nítida, bem clara, nos textos de Lobato, mas eu poderia ver nitidamente o Sítio do Picapau Amarelo, tendo um centro intuitivo, na casa grande e nela tanto a Dona Benta quanto a tia Nastácia em forma de uma mandala. Veja, o sítio tendo a casa grande com a Dona Benta e a tia Nastácia, como uma mandala,

que em religiões orientais, talvez vocês já tenham visto, existem aqueles círculos com aqueles desenhos lindos, muito bonitos que os monges usam para concentração quando eles saem dessa realidade externa eles vão para outra realidade. E em Jung nós podemos colocar na realidade inconsciente. Para eles no momento em que eles estão naquele processo de meditação eles estão se aproximando da própria divindade, eles estão transcendendo este mundo. Agora essa é a mandala, então todas as mandalas, todas as formas que tenham um toque de cunho religioso, esteja em forma esférica de preferência, elas são representantes do self enquanto imagem arquetípica numa imagem projetada, esse centro ordenador de toda psique. Deu pra pegar o que eu coloquei?

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Eu estou trabalhando ao nível simbólico, essas dualidades, essas oposições numa esfera do inconsciente coletivo. Estou tendo uma representação arquetípica estou tendo um self, estou trabalhando com arquétipos não ao nível da consciência, onde podemos discutir questões ao nível de ideologias vigentes na nossa sociedade como esta do racismo.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: O que eu estou destacando é a questão dos opostos.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: A questão toda da psicologia é trabalhar com esses mecanismos ao nível simbólico, no momento em que nós trabalhamos simbolicamente, eu posso constatar a existência dos opostos, mas eles são vividos harmonicamente e conseqüentemente no Lobato que os cria, os vive harmonicamente. Eu volto outra vez ao processo criativo de Lobato de uma forma bem harmônica.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Essas contradições são colocadas de uma forma harmônica, veja, você não vê uma certa violência, como você vê hoje...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: É isso que eu estou querendo...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não sei se eu concordo. O livro de Lobato é voltado para crianças, então, mais do que uma denúncia das condições sociais, como você está colocando, mais do que isso, há uma simples expressão da realidade, é a realidade em si, Lobato não está fazendo alterações, neste ponto, na realidade.

Se eu enquanto criança leio que a empregada é negra, e ela é empregada, eu vou absorver aquilo e vou inculcar em mim que a empregada é negra e que o lugar do negro...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mas na medida em que ela é negra e ocupa o lugar da empregada, não está fora da realidade...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mas justamente pelo fato da criança não ter seu ego bem desenvolvido e ser diferente do adulto é mais fácil de introjetar valores sociais. Você está contradizendo ao autor que citou, ao Queiroz. Você está contradizendo um estudo antropológico que Queiroz fez sobre o saci (QUEIROZ, Renato da Silva. *Um mito bem brasileiro: Estudo antropológico sobre o saci*). A conclusão dele é justamente

que para a criança é muito mais fácil de introjetar os valores ideológicos socioculturais.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mas são determinados valores que vão sendo passados de uma forma sutil, não abertamente expressa, se torna uma coisa natural.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mas veja, alguns pesquisadores, o antropólogo Queiroz em sua tese, ele defende justamente isso. A tese que você citou do Queiroz em relação ao saci. Que é mais fácil para a criança assimilar o mito do saci como um negro que é mau e que pode lhe prejudicar.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: A argumentação que você puxou vai de choque, vai contra vários pensadores, a partir do próprio Queiroz.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Posso ler um pedacinho aqui, uma citação de Queiroz, um antropólogo brasileiro numa tese publicada e intitulada: *Um mito bem brasileiro: Estudo antropológico sobre o saci*. Estou citando uma tese de pós graduação strictu sensu, de Renato da Silva Queiroz, um estudo antropológico. Isso é a conclusão dele, à página 115 e 116, no trabalho é na página 69.

*“Também o fato de estar a figura do Saci cada vez mais associada ao universo infantil não deve desarmar o pesquisador. Sabe-se que durante a infância o indivíduo interioriza a maior*

*parte dos valores que irão condicionar o seu comportamento futuro.*” QUEIROZ, Renato da Silva.

(Prosegue leitura do livro de minha autoria, intitulado: *Estudo psicológico de “O Saci” de Monteiro Lobato: Uma abordagem junguiana*”. Disponível em minha página na Internet)

Dr. Silvério: Isso vai contrário ao que você colocou ainda a pouco.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: A criança vai introjetar isso como sendo normal, natural. Está reproduzindo não o racismo, mas a ideologia vigente na sociedade.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: De certa forma está, mas veja, sempre que você faz um livro ou um trabalho de inspiração na realidade, você está reproduzindo ideologias vigentes a não ser que você queira uma utopia.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Estou falando do Queiroz, da sua tese. Eu estou me baseando no Queiroz.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: A introjeção é um processo complicado, mas é essa parte de você ter contato com uma realidade já existente, faz parte do processo de interiorização.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não é tudo o que é ensinado que é internalizado, mas a partir do momento em que a criança encara como realidade natural, é interiorizado como se...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Mas aí é uma opinião sua, contrária a de Queirós. Você está defendendo uma tese e o Queiroz está defendendo outra.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não estamos no momento falando de estrutura de funções psicológicas, estamos falando de uma realidade que nos é colocada e que a criança através do convívio com essa realidade, ela vê essa realidade como natural e introjeta dentro dela ou se você preferir pegando a teoria behaviorista, ela é condicionada em relação aquilo através de contínuos reforços e condicionamentos.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: O propósito de Lobato seria retratar uma realidade já existente, eu não to vendo o aspecto questionador ou de aceitação, eu não estou nem questionando o que o nosso colega está dizendo sobre o Lobato. Que o Lobato colocando a tia Nastácia como negra na cozinha está se servindo dela, como instrumento para questionar a sociedade. Porque as raízes negras, especialmente em 1921, que é onde nós estamos nesta obra, elas tinham um papel mais relacionado ao nível de empregada, ao nível de cozinha, pois estamos falando do ano de 1921 gente.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Você está vendo um questionamento onde não há. Não existe esse questionamento, como também não existe a outra parte, que seria o racismo em Lobato.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Sim, o Lobato também escreveu uma obra que é eterna, mas temos que nos posicionar na data, você está colocando um questionamento... Olhe, se o Lobato colocasse uma empregada branca no sítio da Dona Benta em 1921, aí seria uma coisa para se questionar.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Você propôs que o Lobato colocou tia Nastácia...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Em 1921, simplesmente não existia ao nível de contexto do sítio, nós estamos num sítio, afastado da cidade, uma velhinha que é a Dona Benta, somente com seus netos naquele contexto.

(Uma ou mais pessoas falam)

Silvério: Porque a empregada não é branca? Porque estamos em 1921.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não dá para a gente chegar e afirmar que Lobato está utilizando, como você levantou a hipótese, a tia Nastácia como um instrumento questionador da sociedade brasileira, por que naquela época em 1921, num sítio onde só temos uma velhinha, e empregada

obrigatoriamente tinha que ser negra, não podia ser branca, não havia a hipótese levantada dela ser branca, seria incoerente, não podia naquela época, e por outro lado, se afirmamos, como levantaram aqui, que ele seria racista por colocar a empregada como negra, também seria incoerente porque naquela época, ela tinha que obrigatoriamente ser negra, ele não está questionando nada e não está sendo racista, em 1921 num sentido de coerência, ele estaria fazendo uma utopia, ele estaria alienado em relação à sociedade, se colocasse num sítio afastado da sociedade uma velhinha e uma empregada branca.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não se trata aqui de Lobato ser racista ou estar combatendo a alienação social e denunciando o racismo então vigente na sociedade. Os dois extremos aqui presentes nesta discussão polêmica. A partir do momento em que a tia Nastácia é negra, não dá pra eu dizer: 1- que o Lobato é racista por ter colocado ela como negra e, 2- que ele está questionando a sociedade por ter colocado ela como negra, porque a empregada obrigatoriamente, naquela época, em 1921, num sítio afastado da cidade, tinha que ser negra.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Tudo bem que o saci seja negro, mas o saci não é criação do Lobato.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Gente, vamos voltar para o “Estudo”. Eu vou entrar na parte dos mitos. A gente ficou tempo demais no Lobato. Primeiro eu vou explicar o que são os mitos em si, depois eu passo dos mitos...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Eu não vejo como um instrumento questionador, porque as personagens todas do Lobato são brancos, ele está reproduzindo uma ideologia do Estado.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Sim, mas, o tio Barnabé ocupa a posição do negro sábio como é característico no interior, ainda mais em 1921, num sítio. O Lobato está reproduzindo uma realidade de uma forma artística. Ele é um artista, ele não está fazendo uma utopia, ele estaria fazendo uma utopia se colocasse uma empregada branca e não negra.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Sim, mas no momento em que coloca a empregada como negra ele esta reproduzindo o que já acontecia.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não, ele não é um historiador, ele é um artista, porque, veja, a situação do negro em 1921 não era tão favorável quanto a situação de Nastácia. A Nastácia é uma empregada...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Não, há um caráter artístico no meio, diferente do historiador.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Bem, falemos do mito. Primeiro eu vou explicar para vocês algumas concepções minhas, vou frisar, minhas, sobre o mito. Eu divido todo e qualquer mito, independente de quais sejam,

desde os mitos da bíblia, da mitologia grega, nórdica, greco-romana, mitologia brasileira, como tendo duas fases distintas. Na página 45, para quem está com cópia do texto, a primeira fase é o processo criativo, neste momento, nós criamos o mito, por exemplo: criamos o mito do saci. Agora, esse mito do saci vai ser criado através de processos inconscientes. Podemos nos remeter a duas grandes correntes: a Sigmund Freud com a psicanálise que vai nos fazer referir imediatamente ao Édipo, ao recalque, a repressão, a toda uma parte de sexualidade que estaria por trás da criação daquele mito, e ao Carl Gustav Jung com a parte dos arquétipos, da sombra, da anima, do animus, a coniunctionis. Então nesse momento é o processo criativo, eu crio, eu expesso uma realidade interior minha, uma realidade psicológica minha ou do grupo social ao qual estou vinculado e que vai receber este mito. É a primeira fase. Criei o saci. Aí o saci está criado. O que eu vou fazer com o saci dentro da sociedade? Então vem uma segunda fase. O mito passa a ser veiculador de determinadas ideologias, eu posso ver o mito como veiculador de determinadas ideologias que favoreçam a este grupo em prejuízo daquele outro obrigatoriamente.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Depois do mito ter sido criado ele é jogado na sociedade, então ele se adere a uma ou a outra ideologia.

Agora, em relação aos mitos que eu abordo no trabalho, eles teriam como origem, por exemplo, eu defendo que isso aqui é a maior bagunça. Cada profissional que trabalhou com os mitos se deteve em uma coisa diferente. Uns defendem que o mito teve origem nas civilizações pré colombiana, o outro vai defender que o mesmo mito teve origem na Europa e um terceiro vai defender que o mesmíssimo mito, teve origem na África, foi trazido pelo negro. Agora, a minha colocação é que teria origem européia o lobisomem, a mula-sem-cabeça e a Iara; africano eu coloco como influências diversas em relação a todos esses mitos. Indígenas, ao boitatá, o curupira e o capora. Essa é a colocação que eu faço.

Segundo, observação: Governos autoritários como os governos nazi-facistas de algumas décadas atrás que dominaram toda a Europa, como também os governos golpistas militares aqui na América Latina, eles têm por hábito de verem o mito, o folclore e todas as criações populares como expressão do nacionalismo e civismo. Então, o mito deixa, ele perde o seu caráter genuíno e é deturpado para servir como reprodutor ideológico das doutrinas do Estado, seja de ser uma raça superior, ou seja a utopia que for, independente da utopia, ele é manipulado, é deturpado, ele vai servir como expressão do nacionalismo e civismo, na medida em que vêem nele uma expressão popular, genuína, a qual pode ser deturpada e modificada a ponto de servir como veiculador ideológico das doutrinas do Estado, isso de uma forma não declarada, não aberta. Nas minhas pesquisas, por exemplo, eu encontrei um livro em que a autora coloca que o Boto, o saci e outros vários mitos, passando determinadas ideologias como, por exemplo, o boto, não quero entrar em muitos detalhes, mas essa autora, ela põe que de certa forma você está salvaguardando a virgindade das mulheres, está levando o mito da virgindade, porque se você fizer isto ou aquilo, você de repente vai perder a sua virgindade ao manter relações sexuais ilícitas e leva o mito assim por um caminho totalmente diferente, sem entrar em muitos detalhes.

Bem, as formas pelas quais nós podemos encarar os mitos. Qualquer mito, por exemplo, o saci ou a mula-sem-cabeça, primeiro eu tenho que dizer se o mito é falso ou se o mito é verdadeiro. Se eu admito que ele seja falso, então eu vou dizer que ele é criado por uma classe social visando criar e manter o status quo. Os fatores motivadores poderiam ser a luta pelo poder e aspectos econômicos.

Poderíamos lembrar, por exemplo, aqui o Marx e o Engels. Fazem, por exemplo, uma leitura da bíblia, em relação ao aspecto econômico, ao aspecto produtivo, a classe sacerdotal teria interesses em reproduzir aquela ideologia por intermédio de tais mitos.

Bem, eu posso encarar o mito como verdadeiro, mas verdadeiro como?

Então eu vou dividir o mito verdadeiro em três momentos. Eu posso dizer que o mito é verdadeiro, não verdadeiro em tudo, mas literalmente verdadeiro. O saci existe. Daqui a pouco passa o saci pulando por aqui numa perna só, ele existe em sua concretude. No caso do mito exposto em Gênesis, Adão e Eva, a serpente, a maçã, existiriam realmente. Teríamos então um Adão em carne e osso, uma Eva em carne e osso, uma maçã, uma serpente, na sua concretude, existiu realmente, ele é verdadeiro nesse ponto, ou então ele é verdadeiro, mas não literalmente, ele expressaria uma realidade simbólica, uma realidade poética, eu como criador do mito, eu vou expressar uma verdade, mas de uma forma poética, de uma forma simbólica, metafórica, aquilo é verdade, mas não literalmente. O mito pode ser verdadeiro, mas representando uma realidade não externa, mas interior ao indivíduo, uma realidade psicológica ao indivíduo ou ao grupo social de acordo com o mito, aqui poderia entrar o Freud e o Jung que eu citei agora a pouco.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Como? Apocalipse, dilúvio, fogo, bomba atômica... Qual foi a pergunta?

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Com relação ao fim do mundo ter primeiro ocorrido por meio de um dilúvio e agora poder ocorrer por meio de uma guerra nuclear, primeiro a água e depois o fogo, é isto, não? Eu poderia fazer outra leitura. Aí depende, primeiro seria...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Depende de como você encare o mito. Eu posso encarar ao nível concreto, mas posso encara-lo como não concreto,

posso encara-lo como simbólico. No caso de eu encara-lo como concreto e não fazer uma interpretação psicológica...

Mas se eu encaro o mito como simbólico, como você sugeriu o mito das águas, do grande dilúvio e da barca de Noé, poderíamos falar de inconsciente já que a água, a floresta, são representantes do inconsciente, em geral do inconsciente coletivo, você está submerso pelas águas, você está dentro de uma floresta.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Poderia ser como você colocou.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se o inconsciente poderia neste caso ser a água do dilúvio, a alienação e a fuga? Não o inconsciente num sentido simbólico, num sentido de pulsões.

Nós consideramos o inconsciente como aquilo que não é consciente, e no caso do inconsciente coletivo, que teria a parte dos arquétipos, teria toda uma realidade interior riquíssima, mas você não teria acesso à luz da consciência. E no caso então do Pedrinho, ele vai para dentro da floresta, no mito e dentro desta floresta tem um lugar da floresta que é o seu próprio inconsciente, o inconsciente coletivo, mostrando inúmeras imagens arquetípicas. É dentro desta floresta que ele tem contato com o saci, antes ele não via o saci, ele vai ver o saci dentro da floresta e é lá que ele vê o capora, a mula-sem-cabeça, que chega perto dele.

Ele está navegando nas águas do inconsciente.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Ao nível concreto é uma coisa, se o mundo terminar numa grande explosão, termina ali. Mas, ao nível simbólico, na medida

em que eu posso criar, em que eu posso fazer uma obra de arte em torno disso, eu posso analisar, eu posso procurar os fatores conscientes e inconscientes que estavam por trás dessa criação ao nível simbólico. Aí você disse que há uma super conscientização...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: A gente está fugindo um pouco ao tema em si. A gente podia deixar essa discussão para depois. A hora está passando.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Olha, no caso do saci, ainda a pouco a gente teve aquela discussão toda por causa do saci. Eu apresentei uma abordagem em relação ao Queiroz. Eu só vou citar, eu não queria discussão agora até poder ler a minha abordagem do saci.

O Queiroz coloca o saci como veiculador de um ideologia racista na medida em que o saci...

Tem dois pontos: 1º A interpretação dele é diferente da minha. O saci é representante do negro e sua luta contra o branco. Então ele perturba, ele faz mil e uma azucrinanças brigando contra o branco, para ganhar o poder, o prestígio dentro dessa sociedade.

E o segundo ponto, o saci passa a ser manipulado pelo branco e caricaturado, veja bem o termo que eu estou usando, caricatura, como feiúra e outras características que o branco preconceituoso pode fazer numa caricatura do negro, a questão da feiúra e outras questões ao nível de projeção do próprio corpo ao nível de caricatura.

Então veja, o saci por ter uma perna só, em Queiroz, e justamente por esta condição de certa forma aprisionada, de certa forma presa ao branco, ele passa a ser diminuído.

Ele posiciona o mito do saci em torno dos séculos XVII, XVIII e XIX praticamente na ascensão do café na sociedade paulista, ou seja, na sociedade escravagista, forte, arraigada. Ele coloca o próprio

Lobato como racista, uma vez que ele não coloca diretamente, mas ele levanta que o Lobato ainda tem muito dentro dele desses traços da sociedade escravagista, que é a sociedade de São Paulo na qual ele foi criado, sendo que ele teve ligações inclusive com a parte da cafeicultura, com familiares dele, inclusive mais tarde ele herda uma fazenda dos familiares. Essa é a posição do Queiroz. Ele vê o mito do saci como veiculador de ideologias, ideologias relacionadas à dominação do branco por um lado e a luta do negro contra esta dominação. O saci então seria um negro representado simbolicamente. Estamos em Queiroz, superficialmente eu dei uma pincelada no que seria Queiroz, eu acho válido. É o mito enquanto veiculador de ideologias.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Eu vou ver o mito agora enquanto a parte do processo criativo vou trabalhar com o aspecto de sombra em Jung, paralelo com o inconsciente de Freud. Em *A psicopatologia da vida cotidiana*, onde Freud trabalha com as parapraxias, os atos falhos, e os chistes com a sua relação com o inconsciente, porque os chistes são aquelas piadas, aquelas brincadeiras que é o que predomina realmente no saci. Agora, eu vou dar a minha interpretação para o mito.

Eu prefiro dar uma lida aqui.

*“O saci é como já dissemos anteriormente, quando falávamos do curupira e do capora, uma projeção arquetípica de parte do lado obscuro do selbest ou da sombra.”*

(Prossegue leitura do livro de minha autoria, intitulado: *Estudo psicológico de “O Saci” de Monteiro Lobato: Uma abordagem junguiana*). Disponível em minha página na Internet)

Dr. Silvério: Esta frase descreve perfeitamente o sentido e o significado do mito do saci, bode expiatório para tudo que nós próprios fazemos e não aceitamos termos feito. Não tendo como o outro culpar

e o outro que conseqüentemente está fora de mim e por isso não me pertence e não me compreende (engloba) é o saci. Só que o saci que está fora de mim é na verdade minha sombra projetada e se é a projeção de minha sombra, ele na verdade não está fora e sim dentro de mim mesmo.

Para aclarar um pouco eu vou ler um parágrafo do livro em si, do *Saci*, a descrição que o Barnabé faz, eu não iria ler, mas se não o fizer, não vai ter muito sentido.

*“Mas Pedrinho pergunta ao tio Barnabé... Mas não há maldade pequena que não faça”*

(Prossegue leitura do livro de minha autoria, intitulado: *Estudo psicológico de “O Saci” de Monteiro Lobato: Uma abordagem junguiana*). Disponível em minha página na Internet)

Dr. Silvério: Eu estou aberto às perguntas.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Essa forma de pirraça pode ser interna, pode ser você mesmo se pirraçando a si próprio. Eu vou costurar... seria em Freud e em Jung semelhante... eu quero costurar, tenho desejo de costurar e inconscientemente, sem ter consciência disso, deixa o dedal cair na fresta de forma que eu não tenho acesso ao dedal, não posso costurar, mas eu quero costurar, o dedal caiu. Foi o saci que tirou o dedal do meu dedo e jogou, eu não vi, mas foi ele, quebrei a ponta da agulha, não posso mais costurar, quebrei a linha, não encontro a tesourinha.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Seriam os atos falhos. Agora, eu estou vendo o saci sob o aspecto da sombra, um dos diversos aspectos, e sombra projetada, um bode expiatório.

Eu queimei a comida, mas veja, não fui eu que queimei a comida, foi o saci, o saci é o outro, se foi o outro que queimou a comida não fui eu, eu to limpo. Agora se eu admito que o saci existe realmente, veja, tem um ponto, então foi o saci que queimou. Agora, se eu admito que o saci não existe em sua concretude, não foi o saci, pois ele não existe.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se todos os atos que são creditados ao saci, em verdade é a própria pessoa quem faz? Nestes que eu citei, sim. No caso em que eu estou trabalhando, todos os aspectos da sombra do Jung em paralelo com o inconsciente de Freud você sabe que apesar da sombra de Jung ser mais ampla que o inconsciente de Freud em determinadas partes da mesma, nós encontramos um paralelo, então esse paralelo está sendo feito em cima da *Psicopatologia da vida cotidiana* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, na forma em que Freud faz uma análise dos chistes, das piadas, das brincadeiras, como manifestação do inconsciente, como na psicopatologia da vida cotidiana, nos atos falhos. Para Freud, se você for andando, ele coloca literalmente no exemplo que ele dá, de uma mulher que andando, não viu uma pedra no chão, tropeçou, se machucou e voltou correndo para casa. Fazendo uma análise depois dessa mulher, ele chegou a conclusão de que ela viu a pedra no caminho, não percebeu isso ao nível consciente e sim somente ao nível inconsciente e queria se auto punir, tropeçou propositalmente na pedra a partir de um desejo...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Poderia existir para a realidade psíquica do homem ao nível de inconsciente coletivo, mas não de consciência do ego, consciência egóica.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Em linhas gerais, a gente podia chegar a conclusão que a mulher que tropeçou na pedra no exemplo dado, de que ela viu a pedra porque este conhecimento armazenado no inconsciente virá à consciência durante processo de análise.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se a sombra e o ego são a mesma coisa? Não. A sombra transcende muito ao ego. A sombra é tudo aquilo que não é aceito e é negado pelo indivíduo. Tudo e qualquer coisa que puder existir no indivíduo e seja negado, não sendo aceito pelo mesmo, vai fazer parte da sombra.

O indivíduo já nasce com uma sombra em potencial na medida em que ele nasce com arquétipos em potencial e todo arquétipo tem em si uma dualidade. Quando ocorreu isso com D. Benta e tia Nastácia eu estava me referindo ao arquétipo do self, o self pode ser o governador de toda psique energética, o Jung divide metaforicamente o Cristo e o anti-Cristo, o deus e o demônio, a dualidade sempre constante, a oposição sendo que nossa cultura, na nossa sociedade o anti-Cristo é a sombra do self por que não é aceito, é negado pela sociedade, numa outra cultura, por exemplo, se vier agora o apocalipse aqui na frente, se vier a era do anti-Cristo, o anti-Cristo então dominar a maioria esmagadora da nossa sociedade, então ele vai passar a ser a parte da luz da consciência, o cristo vai ser a sombra, vai inverter, o Cristo vai ser a sombra porque ele não está mais na consciência. Todo arquétipo tem, inclusive todo o processo de crescimento, todo processo de individuação, todo processo criativo para Jung, passa primeiro pela sombra, os conteúdos que você traz da sombra, do lado arquetípico, à luz da consciência.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Você está falando do saci enquanto sombra ou enquanto veiculador de ideologias como no caso do racismo, como o Queiroz coloca?

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Eu não entendi se você colocou isso ao nível de sombra ou de representação de ideologias.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Quando você diz que o saci estaria te sacaneando porque você o sacaneou primeiro, eu poderia ver o seguinte: a sombra só vai ser prejudicial ao indivíduo na medida em que esse indivíduo não a aceita, na medida em que ele a nega, no caso de Lobato, eu concluo levantando a hipótese de que Lobato teria em si uma harmonia muito grande dos conteúdos provindos do seu lado obscuro, da sua sombra, então não lhe perturba, não lhe perturba a vida, agora na medida em que você não vivenciar de uma forma harmônica estes conteúdos, eles vão te perturbar sim, vão te prejudicar.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Posso colocar a Iara? Ou alguém gostaria de levantar alguma questão em relação ao saci?

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Olha, eu estou selecionando algumas... Em determinado momento o saci juntamente com o Pedrinho tem contato com a Iara. A Iara é a rainha das águas. A Iara é outra manifestação, tem até aqui um desenho idealizado, uma linda mulher com os cabelos verdes cor do mar e ela vive penteando os cabelos com um pente cor

de ouro e aparece nas cachoeiras em noites de luar. A vista da Iara causa cegueira nos homens, eles ficam cegos e ela é pernicioso, ela é mortal, que nem as sereias, você corre o risco de morrer entrando em contato com ela, da mesma forma que as sereias, no caso, elas te levam para o fundo do mar e você morre afogado.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se com a Yemanjá seria a mesma coisa ou diferente? Você pode traçar paralelos, mas no caso são duas figuras diferentes.

Bem, essa divindade do nosso folclore da mitologia brasileira aparece no livro *O Saci*.

A análise que eu faço é a seguinte:

*“A Iára é uma outra manifestação do arquétipo anima. Com sua beleza e sexualidade deslumbrante, a Iára causa cegueira na vista dos homens, cegueira tão característica de um encontro com o inconsciente e da recusa do consciente em ver a verdade...”*

(Prossegue leitura do livro de minha autoria, intitulado: *Estudo psicológico de “O Saci” de Monteiro Lobato: Uma abordagem junguiana*). Disponível em minha página na Internet)

Dr. Silvério: A Iara é uma outra manifestação do arquétipo anima e eu vejo que ela vai se manifestar de inúmeras formas seja como a Emília, seja agora como a Iára, ou como as musas, as deusas... Bem, a Iara é uma outra manifestação do arquétipo anima, por sua beleza e sexualidade deslumbrante, a Iára causa cegueira na vista dos homens, cegueira tão característica de um encontro com o inconsciente e da recusa do consciente em ver a verdade. Veja-se por exemplo o mito de Édipo Rei, de Sófocles, na antiga Grécia, quando este entra em contato com a verdade, fura seus próprios olhos.

Veja que aqui, isso é mais próximo em relação à concepção de Freud, a cegueira que o Édipo teria seria unicamente em relação a ele,

ele não queria ver a verdade. Agora, em relação a Jung, haveria uma outra possibilidade, a própria luz provinda desse conteúdo arquetípico, seria muito intensa causando a cegueira.

Temos a Iara como uma manifestação da anima, do lado criativo, dentro da psique masculina e o contato com ela...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Bem, gente, acho que já vou concluir, já são quatro horas da tarde, se bem que tem uns outros mitos muito interessantes, eu estou sentindo um certo cansaço também.

Eu vou fazer o seguinte: Eu proponho que quem queira continuar, que a gente abra um debate informal em relação a esses mitos que eu coloquei e a outros que eu não coloquei como, por exemplo, o lobisomem, o boto, a mula-sem-cabeça e etc., eu vou primeiro, só vou finalizar isso com a conclusão aonde em relação ao trabalho, que foi um trabalho sério, um trabalho que realmente deu trabalho, não é coisa que diga pouco o debate aqui ocorrido com alguns participantes. A psicanálise de Sigmund Freud e a psicologia analítica de Carl Gustav Jung dentro das considerações epistemológicas de Carl Popper, não podem em nenhuma hipótese serem consideradas como ciência então isso aqui não é ciência, se bem que eu no momento em que estou fazendo este trabalho assumo a postura de um cientista em relação a determinados fatos empíricos com os quais eu tenho acesso, porque há uma distinção entre assumir uma postura séria de um cientista em relação a fatos e de eu estar fazendo ciência, eu não posso afirmar dentro de Popper que eu estou fazendo ciência empírica. Jung é ciência? A partir do momento em que eu coloco a Emília como anima, o colega discorda abertamente disso, ele não tem como refutar a minha colocação e eu não tenho como refutar a colocação dele, pois essa refutação obrigatoriamente passa por um lugar de testabilidade, nós não temos como testar nem o que eu estou dizendo, que é a minha hipótese, nem o que ele está dizendo, que é outra hipótese, aliás, toda

a psicanálise e toda a psicologia analítica do Jung pecam neste ponto, elas não podem ser testadas, no momento em que não podem passar pelo processo de testabilidade não podem automaticamente serem refutadas, se eu não posso refutar eu também não posso considerar como ciência.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se seriam dogmas? Não!

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se a psicanálise seria religião materialista? Para alguns psicanalistas pode ser, mas a psicanálise em si e toda a psicologia analítica do Jung também, são proposições com sentido. Veja, eu falar que a alma é o lado feminino nos homens é uma proposição com sentido, eu estou trabalhando com fatos empíricos, tem sentido o que eu estou falando, pode ser a verdade mais pura, mas pode também não ser verdade, o fato de ser uma proposição com sentido não carece de ser ou não ser verdade.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se as religiões tem sentido? Vai depender da forma como você encara. Veja, a forma que eu estou encarando é a postura de um cientista. Agora, há psicanalistas que encaram como um dogma, aí passou a ser uma religião, ou junguianos que também encaram como dogmas, aquilo é sagrado, aquilo é por que é, aí não é ciência.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se a psicologia não é ciência? Você não entendeu o que eu falei.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Você quer saber o que eu particularmente penso sobre a psicologia, se ela é ou não uma ciência? A psicologia parece mais uma esquizofrenia, colega, de tão dividida que ela está. Dentro da psicologia, a única Escola que mais se aproxima dos critérios da testabilidade...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: A psicologia está mais do que dividida. Jung está afastado de Freud, que está afastado de Adler, que está afastado de Reich, que está afastado de Skinner.

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Se eu fechei? Não! Então veja. No caso da psicologia, como levantou o colega a questão: é ou não é ciência? A Escola em psicologia... porque a psicologia não é única. Falar em psicologia é estar cometendo um equívoco. Então eu tenho que me referir a qual psicologia estou me referindo.

O behaviorismo dentro de todas é a que mais se aproxima de um critério de testabilidade, ele põe as suas proposições em nível de serem refutadas. Eu considero ela como ciência, eu teria que considerar dentro das conclusões filosóficas, epistemológicas de Carl Popper que é uma das mais aceitas hoje em dia, de certa forma suplanta Immanuel Kant e o Positivismo. Eu teria que considerar o behaviorismo mais próximo de ciência, já a psicologia analítica do Jung, não! Nem a Psicanálise de Freud. Eu não posso testar, eu não posso colocar ao nível de um critério de refutabilidade a existência ou não de uma *conniunctionis*, de uma alma, de um animus, de um inconsciente coletivo, não tenho como testar se o arquétipo existe ou não, eu não tenho no caso se surgir uma disputa, entre eu e ele, como surgiu ainda

a pouco, no caso da alma ao nível da Emília, eu não tenho como provar que a hipótese que eu levantei é verdadeira e ele por sua vez não tem como provar que a hipótese que levantou é verdadeira e por isso que não é ciência, não pode ser provado pelo critério de testabilidade, ou você acredita e embarca nessa ou você não acredita. Agora, elas possuem sentido, elas são proposições com sentido, há uma diferença, pode ser tudo verdade, pode também não ser. Agora, para encerrar, sendo que eu vou encerrar mas vou deixar a discussão em aberto.

Eu gostaria de dizer em nível de metáfora que a ciência, a gente poderia ver a ciência, de uma forma metafórica, como um caminho, um caminho muito grande, que um cientista maluco resolve percorrer. Ele vai percorrendo primeiro o asfalto, depois encontra um pedaço da estrada que é barro, até que chega num abismo, um abismo sem fundo, é infinito. Aí ele começa a construir mais um pouquinho de estrada, asfalta um pouquinho da estrada que ainda estava em barro, vai fazer um pouquinho mais de barro, até fazer um pouquinho mais, construir. Leva a vida toda dele, para aumentar uns poucos centímetros daquela estrada.

Aí morre, até que vem um outro cientista maluco substituir ele, caminha pelo mesmo caminho que ele caminhou outrora e continua do ponto onde ele parou, começando outra vez a estrada aos pouquinhos até o infinito e isso é bem diferente dele aceitar dogmas, como nós entendemos aceitar dogmas, quando nós colocamos que tal coisa é certa por que é, nós obviamente não estamos fazendo ciência, isso é religião gente, independente de nós chamarmos de psicanálise ou de psicologia analítica do Jung, é religião, é muito parecido em dizer eu sou freudiano, eu sou junguiano e dizer eu sou católico, eu sou protestante, são coisas muito parecidas, é religião.

Bem, eu concluo aqui. Quem quiser sair, pode...

(Uma ou mais pessoas falam)

Dr. Silvério: Obrigado a todos!



sócio-cultural e econômico de sua época, etc...). Tal interpretação é ou pode ser, científica, uma vez que em sua gênese há uma busca pelas causas, onde procuramos a explicação do sistema além das intenções originais do referido autor.

O método genético coloca a questão da causalidade e do tempo na interpretação do sistema.

A filosofia pode ser encarada como explicitação e discurso, se explicando por sucessivos movimentos. Ela produz e ultrapassa teses ligadas umas as outras em ordem dada pelas razões.

A estrutura interna da obra é dada pelo método, tudo inserido num tempo lógico.

Devemos, portanto, reaprender conforme a intenção do autor, as razões das teses e o movimento que produziu estas mesmas teses.

A filosofia deve ser entendida como explicitação procedente de uma intuição original.

O ofício do intérprete deve ser devidamente ponderado e repensado dentro das suas verdadeiras potencialidades.

Corretamente e ao inverso do que geralmente ocorre, o intérprete deveria primeiro assumir a postura de discípulo do autor, antes de empreender uma crítica, e caso empreendida tal crítica, a mesma deve ser oriunda do interior do sistema e não externa ao mesmo.

Não podemos separar a doutrina do método, pois ambos são elementos indissociáveis dentro do pensamento filosófico. Cabe ao intérprete da obra, restituir a unidade original e indissolúvel do pensamento ali contido em forma de um método auto-re-criador.

Como já nos coloca Descartes “o método consiste mais em prática que em teoria.”

A pesquisa filosófica se faz em paralelo a busca da verdade.

Para compreender de fato uma teoria é preciso refazer os passos do autor na elaboração do método empregado e a gênese das teses por ele levantadas. A pretensão a verdade não estaria no conteúdo material e sim nas razões e no movimento interno das teses apresentadas pelo método exposto pelo autor.

Independente das idéias ou insights do autor, sua obra e verdade nela contida não se fará completa se não pelo método empregado.

A opinião não deve se confundir com a ciência, e esta última, bem como a filosofia, necessita de um método para se fazer presente no mundo por si e em si.

O encadeamento dos raciocínios expostos pelo método escolhido caminha lado a lado com a possível verdade contida no sistema.

As estruturas de um método filosófico são construídas em progressão metódica e a cabo das mesmas, definem a arquitetura da obra.

Quando falamos de movimentos e progressões, falamos também de um tempo lógico inerente a obra e ao autor e que nos são transmitidas pelo método.

O tempo lógico de uma obra é distinto do tempo cronológico, não podendo meramente ser medido por relógios.

É necessário refazer, após o autor, os movimentos inerentes a estrutura da obra.

O tempo lógico implica na formulação de uma regra de interpretação com algumas aplicações específicas.

Em primeiro lugar devemos refazer os passos originais do autor com relação aos movimentos de que a estrutura da obra tende a guardar o traçado. Colocando novamente em movimento a estrutura como um todo, podemos nos situar em um tempo lógico.

É um erro atermo-nos somente ao tempo cronológico, já Descartes nos alertava que para compreendermos seriamente as suas meditações era necessário um tempo psicológico próprio ao leitor/filósofo e não somente o tempo cronológico necessário a leitura das mesmas.

Para compreendermos uma doutrina filosófica torna-se necessário estudá-la dentro do método que lhe deu origem e em conjunto com constante preocupação com o tempo lógico necessário para a mesma ser produzida e para posteriormente ser por nós compreendida.

2- Comentário à Imanuel Kant *CRÍTICA DA RAZÃO PURA*, “*DA UNIDADE ORIGINARIAMENTE SINTÉTICA DA APERCEPÇÃO*”, parágrafo 16, B132 (página 131, CR).

Kant argumenta sobre a presença do “eu penso” em todo o processo de aquisição e validação do conhecimento. Não se trata, porém, do cogito ergo sum de Descartes, pois Kant dá um passo além do cogito cartesiano, na medida em que o “eu penso” de Kant carrega em si, intrinsecamente a idéia de “relação”.

Entende Kant que existe em todo o processo de aquisição e validação do conhecimento a presença constante da “relação” entre ser conhecedor e ser conhecido, por tal forma se afasta Kant com seu Idealismo Transcendental tanto do Racionalismo como do Empirismo, pois não concebe nem o predomínio da razão (a qual é entendida por Kant, quando livre da experiência, como vã e arquiteta de castelos no ar), nem da empiria (pois como já o teria demonstrado D. Hume, não é possível demonstrar unicamente pela empiria, a “necessidade”, “universalidade” e “causalidade”, as quais deveriam ser reportadas a meras crenças).

Se afasta Kant, também, do Idealismo Alemão subsequente (Fichte, Schelling, Hegel) ao admitir um certo dualismo entre o numeno e o fenômeno, e como Kant deixa bem claro em sua crítica, a coisa em si é vital, não podendo meramente ser suprimida sem cair-se em erro crasso.

Kant entende que esta relação entre ser conhecedor e ser conhecido se dá a partir, de um lado, de uma realidade numênica, e, de outro, de um tipo de representação dada antes do pensamento propriamente dito ou de qualquer forma de percepção ou conceptualização. Tal representação é denominada por Kant como intuição pura a priori; só existindo duas intuições deste tipo, a categoria a priori do tempo e a do espaço. Sendo que o a priori de tempo teria primazia sobre o a priori de espaço.

Nenhum conhecimento se dá, segundo Kant, sem envolver a relação entre o ser conhecedor por intermédio dos a priori de tempo e

espaço com o ser conhecido, o qual é percebido como fenômeno e se origina da junção obrigatória de algo numênico com a intuição pura a priori (tempo e espaço).

O numeno não pode ser conhecido ou percebido, só podendo ser pensado. O único acesso que temos é a realidade fenomênica, pois obrigatoriamente no próprio ato de perceber e conhecer, vão inclusos os a priori de tempo e espaço, daí a presença inovadora em Kant do que poderíamos chamar de “relação”.

É por tal “relação” que Kant tende a se afastar de pensadores anteriores e é também em parte devido ao processo de relação que o “eu penso” de Kant se distingue tanto do “eu penso” de Descartes, como também do “eu penso” tal como foi posteriormente empregado pelo Idealismo Alemão.

A representação da intuição pura a priori do tempo e espaço se dá como um ato de espontaneidade, pois não depende da vontade do ser que conhece, trata-se sim, da única possibilidade que este ser possui para perceber e conhecer, pois lhe é vetado o acesso direto à realidade numênica, e o fenômeno carrega em si intrínseca e espontaneamente a necessidade das intuições puras de tempo e espaço. Desta forma a intuição pura aparece desvinculada da sensibilidade, por prender-se à necessária espontaneidade que o ato de perceber exige.

Kant chama a esta representação de apercepção pura, por entendê-la diferente da percepção, na medida em que há “necessária espontaneidade” livre da vontade do ser conhecedor no emprego da intuição pura a priori (tempo e espaço); por não haver a presença de algo empírico tal intuição enquanto representação, deve ser entendida como apercepção pura e não como percepção, pois nesta última (percepção) inclui-se o dado empírico por intermédio do fenômeno.

Desta forma a representação “eu penso” acompanha todas as demais representações, a partir da “relação”, “da intuição pura a priori”, “da impossibilidade de percepção direta do numeno” e da “constância do fenômeno” em toda realidade percebida e conhecida, sendo aliás, pela presença do “eu penso” em todas as representações fenomênicas

que obtemos “a necessidade”, “a universalidade” e a “veracidade” de certas afirmações.

Por intermédio dos conceitos já esboçados, temos o sujeito transcendental. Temos que por meio do exposto e pela representação tida por intuição pura a priori, dada em sua necessária espontaneidade, livre da vontade do ser que conhece, temos a unidade transcendental da autoconsciência, pois é a partir de tal representação que nos é permitido a possibilidade real de um conhecimento a priori.

É a partir da unidade da autoconsciência que o ser conhecedor organiza e dá coerência, bem como entende distintamente como suas, as diversas representações originadas da “intuição” e “relação”.

Se bem que tal autoconsciência seja própria deste ou daquele ser conhecedor em particular (o que faz com que tais representações possam ser reunidas dentro de algum termo que indique a posse das mesmas por parte de determinado ser), entende Kant que as percepções e o conhecimento em geral transcende o indivíduo isolado, ao se dar a par com o sujeito transcendental, ou seja, todo e qualquer ser conhecedor, no ato mesmo de perceber e conhecer se coloca diante da realidade, subsumido a determinadas regras/leis inerentes a todos os demais seres conhecedores, por tal unidade, demonstrada a partir das várias noções e conceitos que compõe a “relação” entre ser conhecedor e objeto conhecido, temos o “sujeito transcendental”, a partir do qual torna-se possível obter conceitos tais como “necessidade”, “universalidade”, “veracidade”, bem como encontrar refúgio seguro contra as críticas de David Hume, que se encaminham em direção ao Ceticismo e Pragmatismo.

A par com todo o exposto, Kant afirmará a necessidade de uma sempre presente, “experiência possível”, o que há de servir como critério demarcador entre a “Metafísica Crítica” defendida por Kant e a “Metafísica Dogmática” contra a qual Kant afirma que a mesma, uma vez que se afasta de uma experiência possível (ou mesmo nega a necessidade desta), só é capaz de construir castelos no ar, confundindo meras quimeras com verdades inabaláveis. A razão sozinha, livre de

uma experiência possível é capaz de formar argumentos racionalmente válidos simultaneamente pró e contra as mesmas questões/temas, são as antinomias da razão pura.

Neste ponto, os metafísicos dogmáticos ao quererem chegar a verdade mais pura e livre da experiência possível, caem em ilusão análoga a de uma leve pomba, que se pudesse pensar, talvez formasse a opinião de que voaria melhor se não houvesse o ar no qual suas asas realizam o esforço que a faz poder voar.

### 3- O problema da evidência em Descartes

O problema da evidência em Descartes se dá a par com o problema do método. Na busca pelo melhor método a ser empregado no processo de obtenção e validação do conhecimento, empreende Descartes o que entendemos por dúvida hiperbólica, ou seja, processo metódico e sistemático de colocar a tudo subsumido pela esfera da dúvida.

Se distingue Descartes, no entanto, da dúvida empreendida pelos cépticos, pois estes a tem como um fim em si, enquanto Descartes a tem como método na busca de uma verdade primeira, cuja própria tentativa de negação, seria uma afirmação de sua veracidade.

Esta primeira verdade deve se apresentar não só como uma idéia clara e distinta, bem como deve possuir evidência tal, que se torne inegável.

Empreende, portanto, Descartes sua busca por tal idéia, cuja verdade se apresente como uma evidência inabalável e cuja tentativa de negação da mesma se torne em afirmação da evidência de sua verdade.

Descartes em sua primeira meditação ampliará a dúvida em graus evolutivos, buscando a tudo mergulhar em dúvida, na esperança de descobrir esta verdade inabalável e inegável, cuja evidência há de se sobressair e destacar a partir do momento em que empreendemos a sério o processo de dúvida hiperbólica.

Em primeiro nível, a dúvida é aplicada aos sentidos, pois se sei que no passado formulei juízos errôneos a partir de informações providas dos sentidos, posso estender a dúvida a todo conhecimento que dependa em algum nível, dos sentidos.

Como neste primeiro nível ainda me restam idéias tão claras cuja negação me colocaria no mesmo nível dos loucos, que afirmam serem pessoas ou coisas completamente distintas do que realmente são, para passar a um segundo momento da dúvida, sem nos comparar-mos aos loucos em seus delírios, introduz-se a hipótese do sonho, ou seja: mesmo idéias muito claras, como as da própria existência corporal enquanto executo, neste tempo e espaço, esta ou aquela tarefa, poderia ser abarcada pela hipótese do sonho de aparente intensa realidade, pois poderia eu muito bem estar dormindo e sonhando com as atividades que penso agora estar executando.

No entanto, a dúvida ainda nestes dois momentos, não é suficientemente forte para atingir idéias tais como as matemáticas ou geométricas, pois mesmo em sonho  $2+3$  é igual a cinco e o contrário disto se mostra como erro, bem como um quadrado continuará a ter quatro lados e não outro número qualquer.

Pois bem, mesmo estendendo a dúvida nestes dois momentos, primeiro aos sentidos e em segundo ao sonho de aparente intensa realidade, restam-nos certas idéias cuja forma clara e distinta com que nos se apresentam exclui as mesmas, até este momento, da dúvida.

Torna-se necessário a introdução da hipótese de um deus enganador, que posteriormente será substituída pela hipótese de um gênio maligno, no entanto, em sua função ao ampliar a dúvida, ambas hipóteses são idênticas, somente o gênio maligno em substituição ao deus enganador é um recurso lingüístico que visa atuar mais enfaticamente no lado psicológico do leitor.

Com este terceiro momento da dúvida, a mesma se estende mesmo as idéias claras e distintas existentes, por exemplo, na matemática e na geometria. A questão é: “será que existe em mim alguma idéia tal, que por mais poderes que possua o gênio maligno e por mais

que empreenda o labor de enganar-me, resista tal idéia e se apresente cada vez mais evidente em sua verdade?”

Descartes responderá afirmativamente a tal questão, e mais, o valor de tal evidência é a base na qual construirá a filosofia e a ciência toda a seqüência posterior do seu edifício do saber.

A resposta encontrada por Descartes é o “cogito ergo sum”. Por mais que um ser todo poderoso queira me enganar, eu sei que enquanto me engano ou duvido, penso, e enquanto penso, sou um ser pensante. A existência de minha pessoa enquanto duvido e penso é uma certeza cuja evidência se mostra inabalável e cuja força provem de ser esta uma verdade “extraída à força” da dúvida hiperbólica e das “garras enganadoras” do gênio maligno.

Portanto, a primeira e mais evidente idéia clara e distinta que possuímos é que enquanto pensamos existimos como coisa pensante, mesmo que nada de extenso exista, como, por exemplo, o corpo.

A idéia de extensão, no entanto, se bem que não possua a mesma evidência do cogito, também se apresenta como clara e distinta, para viabilizá-la, no entanto, e para também garantirmos a permanência do cogito mesmo quando não estejamos exercendo a atividade da dúvida é necessário um segundo ponto de apoio, que possa me transcender e garantir a validade das verdades por mim encontradas.

Descartes percebe que enquanto coisa pensante, tem em si a idéia de um ser perfeito, onipotente, onisciente, sumamente bom, onipresente e infinito. Como o menos perfeito não pode ser causa do mais perfeito, entende Descartes que, excluindo causas menores, resta a possibilidade dele enquanto coisa pensante, ser sua própria causa, no entanto, se ele é a causa dele próprio, não seria possível que tivesse a idéia de um ser perfeito, que carrega em si perfeições que ele, Descartes, não possui, pois se ele, Descartes fosse sua própria causa, concederia a si todas estas perfeições que vê nesta idéia que faz de um ser perfeito.

Chega-se portanto ao argumento ontológico, onde a própria perfeição exige a existência, pois não seria perfeito um ser perfeito que

não existisse. E eu que tenho a idéia de um ser perfeito, não sendo este ser, e sendo que o menos perfeito não pode ser causa do mais perfeito, tenho como certa a evidência da existência de Deus, o qual pela sua perfeição e bondade não pode enganar-me ou permitir a existência de um gênio maligno que dotado de amplos poderes, se divirta a me enganar, por conseguinte, as idéias que tenho como claras e distintas, não podem deixar de serem sempre verdadeiras.

O problema da evidência é, portanto, crucial ao corpo teórico da filosofia de Descartes, se distinguindo em grau das idéias claras e distintas, e sendo a chave para a saída da dúvida hiperbólica por meio da idéia não só clara e distinta, como por si possuidora de uma evidência avassaladora, de que eu enquanto duvido, sou um ser que pensa, uma coisa pensante, portanto, “penso logo sou” se apresenta por meio desta evidência avassaladora que o distingue e particulariza diante de um silogismo.

Seria grave equívoco tratar o “cogito” cartesiano de forma análoga a um silogismo, pois o mesmo não é descoberto analiticamente a partir de premissas anteriores, todo o seu valor dentro do sistema de Descartes emana dele ser “arrancado” de dentro da dúvida hiperbólica por meio de sua inegável evidência.

O problema da evidência, portanto, se apresenta desde o início da Filosofia cartesiana, primeiramente como uma verdade evidente por si, buscada por meio da dúvida hiperbólica e que deve se opor a esta dúvida pela força única e exclusiva de sua inabalável evidência, estamos diante do cogito cartesiano “cogito ergo sum” que nos servirá de ponto de apoio para obtermos a segunda verdade evidente por si e a mais alta na escala dos valores, trata-se da evidência da existência de um ser perfeito, Deus, que em virtude de sua perfeição e bondade, fornece-me uma segunda garantia ao cogito em sua validade, bem como a garantia da não existência de um gênio maligno enganador, o que permite a aceitação sem restrições das idéias claras e distintas que eu possua, como, por exemplo, as provindas da matemática ( $2+2=4$ ), da geometria ou a idéia clara e distinta de extensão.

#### 4- Comentários gerais sobre C. G. Jung e a Psicologia Analítica

Nas obras de C. G. Jung e outros autores afins, só existem quatro arquétipos, não mais do que quatro, a saber: o *Selbest*, a *Anima*, o *Animus* e a *Coniunctionis*.

Filemon, Elias, Salomé (que Jung cita em *MEMÓRIAS, SONHOS E REFLEXÕES*); Maria mãe de Deus, Eva e Lilith (a 1ª mulher de Adão em livros apócrifos), o nº 3, o nº 4 e seus múltiplos, o sol, a lua, todo o simbolismo alquímico (ex.: chumbo, mercúrio, etc.), todos os simbolismos das diversas religiões existentes ou que já existiram no passado, e muito mais poderiam fazer-nos pensar na infinitude dos arquétipos, mas estaríamos incorrendo em um erro gravíssimo se assim procedêssemos, pois estes exemplos que acabo de dar e outros tantos que poderíamos coletar não são na verdade arquétipos e sim representações arquetípicas de um dos quatro arquétipos existentes.

Cada cultura, sociedade, grupos de indivíduos interligados entre si por vários fatores, incluindo o econômico, como também o indivíduo sozinho, mas dentro de um grupo maior, terá uma forma própria de representar os quatro arquétipos existentes e isto gerará, na verdade, uma infinitude de representações dos mesmos quatro arquétipos.

A Sombra não é um arquétipo e sim o lado obscuro ou negado de cada um dos quatro arquétipos citados acima, assim, temos para cada um dos quatro arquétipos a sua respectiva Sombra, a qual gerará outras tantas representações arquetípicas.

Nas representações arquetípicas podemos ter tanto o arquétipo em sua totalidade como somente um dos lados, ou seja, o lado claro da luz ou o lado obscuro da Sombra.

O Self é o centro ordenador de toda a personalidade do indivíduo e de seu inconsciente. Ele é ao mesmo tempo um ponto central ordenador da personalidade e toda a personalidade do indivíduo.

A *Anima* é o lado feminino do Ser.

O *Animus* é o lado masculino do Ser.

A *Coniunctionis* é a separação e união dos opostos gerando algo novo, mas já presente em potência no original.

As funções não são arquétipos, mas podem ser consideradas como representações arquetípicas das quatro partes que perfazem o todo individualizado do self enquanto centro ordenador, unificador e individualizador da psique.

- \* Pensamento      Função racional
- \* Sentimento      Função racional
- \* Sensação      Função irracional
- \* Intuição      Função irracional

As quatro funções citadas acima estão todas sempre presentes na estrutura do Self, se bem que em graus de destaque e primazia diferentes para cada indivíduo e cultura.

O que é um arquétipo? É algo que nós podemos intuir a partir da existência das inúmeras representações arquetípicas. Estas representações e o simbolismo concernente as mesmas foram exaustivamente estudadas por C. G. Jung e outros ilustres membros de sua Escola.

Psique e Soma:

Não devemos considerar um como causa ou efeito do outro e sim numa relação harmônica de sincronicidade, aonde um não é nem a causa e nem o efeito da existência ou funcionamento do outro. Os fenômenos em ambos atuam de uma forma sincrônica.

Energia:

No fundo, a verdade é que a energia é uma só se bem que possa apresentar variações em relação a frequência ou intensidade dentre outros fatores.

A título de facilitar o nosso estudo vamos artificialmente dividir esta energia em duas:

Energia psíquica EP e Energia física ou/e fisiológica EF

Em EF teremos o gasto de energia efetuado pelas células do corpo ou a relação energética dos átomos em movimento.

Em EP consideraremos somente a energia relacionada diretamente com a psique a exclusão da EF.

Definimos psique por processos mentais ou pela “caixa preta” que de acordo com Skinner:

S —————>CAIXA PRETA—————> R

Caixa preta de Skinner fica entre um S e uma R.

Podemos definir a Psicologia Analítica como sendo “a ciência que estuda a psique e todas as manifestações da mesma.”

Por manifestações da psique, podemos entender a par com a Psicologia Analítica, as formas de comportamento relacionados com o SNC (a exceção dos reflexos medulares), os sonhos, os atos falhos, a aprendizagem, a memória, a percepção, a linguagem, o pensamento, etc., bem como toda e qualquer representação arquetípica manifesta na criação humana, individual e cultural.

(vol. XI, pág. 120) O nº 2 pressupõe a presença do nº 1 e se diferencia do Uno pelo fato deste não ser numerável. (pág. 120) O Uno e o outro formam um par de contrários, o que não acontece com o um e o dois.

Triângulo equilátero  $A=B=C$

(pág. 129, vol. XI) O Uno, O Mesmo e O Intermediário corresponderiam ao Animus. O Outro corresponderia a Anima.

5- Alguns ditos populares:

\*\* Macaco velho não põe a mão em cambuca.

\*\* Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

\*\* Macaco que pula de galho em galho acaba levando chumbo.

\*\* Não se deve julgar um livro pela capa.

\*\* Nem tudo que reluz é ouro.

\*\* Quem não tem cão caça com gato.

\*\* Cão que ladra não morde.

\*\* Quem corre por gosto não cansa.

\*\* A paixão é cega / O amor é cego.

\*\* Os filhos aos pais não sentem.

\*\* Filho de peixe, peixinho é!

\*\* Santo de casa não faz milagres.

- \*\* Ninguém é profeta em sua própria terra/casa.
- \*\* Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
- \*\* De cientista, médico e louco todos nós temos um pouco.
- \*\* Quem ama o feio, belo lhe parece.
- \*\* A vida é uma escola.

.....  
**CAPÍTULO 8**

**FRASES E REFLEXÕES**



(Retiradas dos capítulos do livro “Estudos de psicologia e filosofia”)



Em verdade não há nada que possamos de fato esconder a quem saiba como e onde olhar.



Muitas vezes fazemos coisas motivados por impulsos e desejos inconscientes sem termos consciência do real significado de nossos atos.



Existe uma lei dos opostos que nos diz que quanto maior a necessidade de afirmarmos algo, maior o medo ou insegurança que temos em relação a isto e ao seu oposto.



A partir de um estado de equilíbrio ou desequilíbrio psíquico e físico tais pessoas irão de uma forma ou de outra passarem seus sentimentos e emoções, digamos, sua “verdade interior” para os que o cercam e com ela tomam contacto.

---

O corpo naturalmente expressa os estados de “alma” que o indivíduo possa estar sentindo.

---

A sexualidade está longe de ser sexualmente livre e a maior prova da enorme repressão existente está em qualquer banca de jornais.

---

É no estado de desequilíbrio que vivem a maior parte das pessoas em nossa sociedade e neste estado a linguagem não verbal ganha grande importância a partir do momento em que se põe em contradição com o falado verbalmente.

---

Certos conteúdos podem ser ignorados por mim, conscientemente, mas podem estar atuando decisivamente no inconsciente.

---

Em suma, as pessoas se aproximam ou se afastam, se comportam desta ou daquela outra forma conosco, a partir daquilo que expressamos sem nem ao menos dizer uma palavra ou apesar de todas as palavras que possamos de fato dizer.

---

Como tudo na Natureza, as coisas com as quais nos deparamos em nossa “passagem” não são em si nem más nem boas, é na verdade o uso e interpretação que delas fazemos que as tornam construtivas ou destrutivas.

---

Da sombra pode o artista colher rico manancial para sua criação, pode a sombra proporcionar crescimento individual e social, bem como destruição, guerras e catástrofes inigualáveis.

---

Não só os indivíduos como a própria sociedade possuem uma sombra.

---

Falamos em equilíbrio, mas talvez devêssemos falar em desequilíbrio, pois o que mais vemos ao nível social, cultural e individual não é o estado de equilíbrio e sim um doentio estado de desequilíbrio.

---

A comunicação não verbal e o equilíbrio estão intimamente ligados, não tendo sentido uma destas noções isolada da outra.

Na verdade, o que temos a maior parte do tempo, tanto no indivíduo como também nas sociedades e culturas é o estado de desequilíbrio.

---

A linguagem do corpo é extremamente honesta, pois vem de uma dimensão mais profunda na totalidade que é um Ser-Humano.

---

Quando expressamos verbalmente algo que não se coaduna com a nossa verdade interior, o nosso corpo se encarrega de transmitir a qualquer bom observador a verdade dos fatos.

---

Na estrutura psíquica temos também uma região sombria e repleta de conteúdos que não habitam a luz da consciência.

---

Uma personalidade doentia teria na sua musculatura o registro congelado da história de vida que gerou aquele estado doentio.

---

É inviável buscar o encontro de outro se ainda não encontramos a nós próprios.

---

O inconsciente não é somente uma instância mental, mas também pode ser visto, pois se expressa no corpo e na musculatura em simultaneidade com os processos mentais e tal simultaneidade se deve a não haver na prática uma dicotomia entre mente e corpo e sim sermos um todo energético.

---

A honestidade e a verdade tem de começar do indivíduo para consigo próprio, se este não tem consciência de si, também não pode ter consciência da imagem que passa constantemente para os que com ele partilham o ambiente em que convive.

---

Kant diferencia o entendimento da razão, sendo que o primeiro lida com conceitos da natureza, enquanto a razão com conceitos da liberdade.

---

O agradável, o bom, o Bem e o belo são distintos e diferentes entre si, se bem que possuam alguns pontos em comum, como, por exemplo, a universalidade presente tanto no belo como no Bem, apesar que no belo trata-se de uma universalidade que se dá diferentemente da do Bem.

---

O livre jogo das faculdades determina o juízo e o juízo determina o prazer.

---

O juízo sobre o belo se dá na presença do objeto que se representa. O juízo é inicialmente singular e não depende da existência do objeto, se bem que o juízo se dê a partir do objeto. O belo se apresenta como um sentimento produzido, determinado por um determinado estado de ânimo.

---

A única determinação possível do Ser se dá pelo seu sentido, sendo em si independente e não podendo ser comparado com outras determinações já pré estabelecidas.

---

Entes simplesmente dados não podem “tocar” um outro ente, ao contrário da presença, na qual o “tocar” faz parte de sua constituição essencial, enquanto ser-no-mundo.

---

Toda e qualquer abertura da presença se dá a par com um estado determinado de humor, dos quais posteriormente Heidegger priorizará a angústia.

---

A impessoalidade está “nos outros”, onde “os outros” não são somente presenças distintas da nossa, mas onde nossa própria presença se inclui.

---

A “curiosidade” se traduz por um tipo especial de encontro com o mundo, de modo ontológico e existencial. A visão na “curiosidade” pode se aproximar da volúpia do ver pelo prazer de ver, “ver por ver”.

---

O Ser do ente da presença deve ser estudado a partir de sua cotidianidade enquanto Ser presente em um determinado mundo, onde se acha “imerso” em relações recíprocas.

---

A partir desta mundanidade, o Ser da Presença se dá sempre a partir de uma ocupação com o mundo; uma Presença sempre nos vem ao encontro enquanto ocupação.

---

A afirmação de um outro mundo se faz a partir da negação deste mundo, da negação da própria vida.

---

A vontade de verdade é como já dissemos, associada a moral cristã, ao niilismo, ao ressentimento, a reatividade e se opõe ao mundo real, único existente, propondo um outro mundo, se opõe também a vida, negando-a na medida em que se opõe a livre expressão da vontade de potência.

---

A crítica de Nietzsche à ciência e à verdade aponta para uma transvaloração de todos os valores e para **a arte** enquanto caminho viável e alternativo.

---